



Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Programa de Pós-Graduação em Gestão Urbana

FLÁVIA TOSTA PADILHA

**PERCEPÇÃO DE ESPAÇOS ABERTOS PÚBLICOS
NA PAISAGEM URBANA:
APLICAÇÃO À ÁREA CENTRAL DE CURITIBA - PARANÁ**

CURITIBA
2008

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

FLÁVIA TOSTA PADILHA

**PERCEPÇÃO DE ESPAÇOS ABERTOS PÚBLICOS NA PAISAGEM URBANA:
APLICAÇÃO À ÁREA CENTRAL DE CURITIBA, PARANÁ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gestão Urbana – PPGTU – do Centro de Ciências Exatas e Tecnologia – CEET – da Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR – como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Gestão Urbana.

Linha de Pesquisa: Planejamento e Projeto em Espaços Urbanos e Regionais

Orientadora: Profa. Dra. Leticia Peret Antunes Hardt

CURITIBA
2008

À minha mãe, à minha avó,

aos amigos que me apoiaram
e ao meu avô (*in memorium*).

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Profa. Dra. Letícia Peret Antunes Hardt, que me acompanhou e me auxiliou em todas as dificuldades e conquistas.

Ao Professor Dr. Clóvis Ultramari e ao Professor Dr. Paulo Chiesa, pelas inestimáveis contribuições na banca de qualificação da dissertação.

Ao Professor Dr. Décio Rigatti, pela presença e contribuições na banca de defesa.

Aos demais professores do Programa de Pós-Graduação em Gestão Urbana (PPGTU), que também me ensinaram uma nova maneira de ver o mundo.

Às minhas colegas do curso, que me auxiliaram e me estimularam diante das dificuldades.

RESUMO

Os espaços abertos urbanos públicos são normalmente locais de grande apropriação por parte da população, porém cada pessoa os percebe de maneira singular. Com base nesta premissa, o presente estudo se baseia na hipótese de que a percepção das diretrizes projetuais desses espaços por profissionais não é a mesma processada pelos seus usuários. Neste contexto, o objetivo geral da pesquisa consiste em confrontar estas duas formas de percepção, com o intuito de subsidiar procedimentos para projetos de espaços abertos urbanos visando à melhoria do processo de gestão da cidade. A partir da aplicação de metodologia específica para avaliação da percepção, tanto das diretrizes projetuais como dos usuários, é desenvolvido o estudo de caso na área central de Curitiba, Paraná, com base em pesquisa de campo. Para o estabelecimento do referencial teórico-conceitual específico para o tema, assim como para a delimitação da área e seleção do espaço de estudo, cuja base é a pesquisa de Feiber (2005), foi utilizado o método exploratório. Para o levantamento dos espaços de estudo, foram utilizados métodos exploratório e descritivo. Para a análise da percepção das diretrizes projetuais, foram empregados os métodos exploratório e analítico, enquanto para a análise da percepção dos usuários, os métodos aplicados foram o exploratório, o descritivo e o analítico. Para a confrontação dos resultados encontrados na pesquisa dos usuários entre si e destes com as informações anteriores, foram utilizados os métodos exploratório e analítico. Pelos resultados encontrados, verifica-se que os usuários possuem praticamente a mesma percepção que os profissionais no que se refere aos atributos dos espaços urbanos (largura, altura, profundidade, direção, desnível, fechamento, paredes e piso), que configuram a ligação mais evidente entre os níveis da percepção e da representação geométrica do espaço. Esta pesquisa, que analisa o que a arquitetura transmite para as pessoas, significa um olhar moderno sobre os espaços consolidados da cidade.

Palavras-chave: Espaço aberto público. Paisagem urbana. Percepção. Diretrizes projetuais. Gestão de cidades.

RESUMÉ

Les espaces urbains publics à plein ciel sont d'habitude de grands endroits d'appropriation de la part de la population, mais chaque individu les aperçoit d'une façon particulière. En raison de cela, ce travail est fondé sur l'hypothèse que la perception des directrices de projets de ces endroits faite par des professionnels n'est pas la même que celle des usagers. Ainsi, le but de cette recherche est celui de confronter ces deux différentes manières de perception pour que les procédés des espaces urbains à plein ciel puissent améliorer la gestion de la ville. Utilisant la méthodologie spécifique pour évaluer la perception, soit pour des directrices de projets aussi bien que celle des usagers, l'étude de cas, fondée sur des recherches, a été développée au centre ville de Curitiba, Paraná. Pour établir les repères théoriques et conceptuelles aussi bien que la délimitation de la surface et du choix de l'espace de recherche, on s'est servi de la méthode exploratoire, fondée sur la recherche de Feiber (2005). En ce qui concerne le choix des espaces de recherche, on a utilisé les méthodes exploratoire et descriptive. La perception des directrices de projets a été établie à partir des méthodes exploratoire et analytique tandis que celle des usagers entre eux-mêmes et entre ceux-ci et les renseignements précédents a été basée sur les méthodes exploratoire et analytique. A partir des résultats, on a constaté que les usagers ont presque la même perception que les professionnels en ce qui concerne les caractéristiques des espaces à plein ciel (largeur, hauteur, profondeur, direction, dénivellation, clôture, murs et sol). Elles établissent le lien le plus remarquable entre la perception et la représentation géométrique de l'espace.

Cette étude, qui analyse ce que l'architecture transmet aux personnes, signifie un regard moderne sur les espaces consolidés de la ville.

Mots-clés : Espaces publics à plein ciel . Paysage urbain. Perception. Directrices de projets. Gestion des villes.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Mapa de sistemas de espaços livres do Centro de Curitiba.....	23
Figura 2 –	Mapa de exemplificação da cidade linear de Arturo Sorya e Mata.....	40
Figura 3 –	Ilustração da cidade industrial de Tony Garnier.....	40
Figura 4 –	Diagrama esquemático da cidade jardim de Ebenezer Howard.....	40
Figura 5 –	Imagem aérea do traçado modernista de Brasília.....	41
Figura 6 –	Vistas do Museu Oscar Niemeyer e da Torre da Telepar, caracterizados como referenciais de Curitiba.....	48
Figura 7 –	Vista do Empire State, em Nova York, em sua dimensão setorial (nível do observador).....	49
Figura 8 –	Vista do Empire State, em Nova York, em sua dimensão urbana (escala do bairro).....	49
Figura 9 –	Vista do Empire State, em Nova York, em sua dimensão territorial (escala da cidade como um todo).....	50
Figura 10 –	Vistas de paisagens: Jardins de Villedary e projeto de Roberto Burle Marx.....	56
Figura 11 –	Mapa de Curitiba com a divisão dos bairros e área de estudo em destaque.....	65
Figura 12 –	Mapa de delimitação do bairro Centro.....	66
Figura 13 –	Representação esquemática dos atributos dos espaços.....	78
Figura 14 –	Imagem para reconhecimento de atributos da Rua XV e ponto de aplicação dos questionários.....	80
Figura 15 –	Imagem para reconhecimento de atributos da Praça Osório e ponto de aplicação dos questionários.....	81

Figura 16 – Vista da Rua XV de Novembro.....	87
Figura 17 – Vistas da Praça Osório.....	88
Figura 18 – Vista da Biblioteca Pública do Paraná.....	88
Figura 19 – Vista do Teatro Guaíra.....	88
Figura 20 – Vista da Praça Tiradentes.....	89
Figura 21 – Vista da Praça Rui Barbosa.....	89
Figura 22 – Mapas das áreas de percepção do espaço reconhecido como Centro de acordo com moradores	91
Figura 23 – Mapas da área de percepção do espaço reconhecido como Centro de acordo com transeuntes	93
Figura 24 – Vista da Reitoria da Universidade Federal do Paraná	94
Figura 25 – Vista do Shopping Mueller.....	96
Figura 26 – Vista do Serviço Social do Comércio - Sesc da Esquina.....	96
Figura 27 – Vista da Praça 19 de Dezembro.....	96
Figura 28 – Vista do Memorial de Curitiba.....	97
Figura 29 – Vista do Solar do Barão.....	97
Figura 30 – Vista do Museu da Imagem e do Som.....	98
Figura 31 – Vista da Praça Eufrásio Correa.....	98
Figura 32 – Vista do Palácio Avenida.....	99
Figura 33 – Mapa da área reconhecida como pertencente à área central considerando os elementos adicionais segundo moradores e transeuntes.....	101
Figura 34 – Mapa de localização dos espaços específicos de estudo.....	104
Figura 35 – Imagem aérea de delimitação do trecho de pedestrianismo da Rua XV de Novembro e localização dos pontos onde foram tiradas as fotografias.....	105
Figura 36 – Foto 1 da Rua XV de Novembro.....	106
Figura 37 – Foto 2 da Rua XV de Novembro.....	106
Figura 38 – Foto 3 da Rua XV de Novembro.....	107
Figura 39 – Foto 4 da Rua XV de Novembro.....	107

Figura 40 – Foto 5 da Rua XV de Novembro.....	108
Figura 41 – Foto 6 da Rua XV de Novembro.....	108
Figura 42 – Foto 7 da Rua XV de Novembro.....	109
Figura 43 – Foto 8 da Rua XV de Novembro.....	109
Figura 44 – Imagem aérea de delimitação da Praça Osório e localização dos pontos onde foram tiradas as fotografias.....	111
Figura 45 – Foto 1 da Praça Osório.....	112
Figura 46 – Foto 2 da Praça Osório.....	112
Figura 47 – Foto 3 da Praça Osório.....	113
Figura 48 – Foto 4 da Praça Osório.....	113
Figura 49 – Foto 5 da Praça Osório.....	114
Figura 50 – Foto 6 da Praça Osório.....	114
Figura 51 – Foto 7 da Praça Osório.....	115

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Área do bairro Centro de Curitiba e sua relação com a regional e com o município.....	66
Tabela 2 – Dados populacionais do bairro Centro de Curitiba, na regional e no município.....	67
Tabela 3 – Parques e praças do bairro Centro de Curitiba, na regional e no município.....	67
Tabela 4 – Habitação no bairro Centro e Curitiba, na regional e no município.....	68
Tabela 5 – Equipamentos de esporte e lazer do bairro Centro de Curitiba, na regional e no município.....	68
Tabela 6 – Áreas verdes do bairro Centro de Curitiba, na regional e no município.....	68
Tabela 7 – Tabulação dos resultados dos questionários referentes às tipologias dos espaços de estudo (memória mental da percepção visual dos espaços por profissionais).....	72
Tabela 8 – Estratificação do universo da pesquisa.....	83
Tabela 9 – Descrição dos elementos de cálculo de amostragem para moradores.....	83
Tabela 10 – Descrição dos elementos de cálculo de amostragem para transeuntes.....	84
Tabela 11 – Relação de elementos pertencentes à área central de Curitiba segundo moradores.....	87
Tabela 12 – Relação de elementos pertencentes à área central de Curitiba segundo transeuntes.....	92

Tabela 13 – Relação de elementos adicionais indicados como pertencentes à área central de Curitiba segundo moradores.....	99
Tabela 14 – Relação de elementos adicionais indicados como pertencentes à área central de Curitiba segundo transeuntes.....	100
Tabela 15 – Percepção de atributos da Rua XV de Novembro por profissionais.....	118
Tabela 16 – Percepção de atributos da Praça Osório por profissionais.....	121
Tabela 17 – Percepção de atributos da Praça Osório por moradores mulheres do bairro Centro.....	126
Tabela 18 – Percepção de atributos da Rua XV de Novembro por moradores homens do bairro Centro.....	128
Tabela 19 – Percepção de atributos da Rua XV de Novembro por transeuntes mulheres do bairro Centro.....	130
Tabela 20 – Percepção de atributos da Rua XV de Novembro por transeuntes homens do bairro Centro.....	132
Tabela 21 – Resultados de percepção de atributos da Rua XV de Novembro por mulheres do bairro Centro.....	134
Tabela 22 – Resultado de percepção de atributos da Rua XV de Novembro por homens do bairro Centro.....	136
Tabela 23 – Resultados de percepção de atributos da Rua XV de Novembro por moradores do bairro Centro.....	138
Tabela 24 – Resultados de percepção de atributos da Rua XV de Novembro por transeuntes do bairro Centro.....	140
Tabela 25 – Resultados de percepção de atributos da Rua XV de Novembro por moradores e transeuntes do bairro Centro.....	142
Tabela 26 – Resultado de percepção de atributos da Praça Osório por moradoras mulheres do bairro Centro.....	147
Tabela 27 – Resultado de percepção de atributos da Praça Osório por moradores homens do bairro Centro.....	149

Tabela 28 – Resultado de percepção de atributos da Praça Osório por transeuntes mulheres do bairro Centro.....	151
Tabela 29 – Resultados de percepção de atributos da Praça Osório por transeuntes homens do bairro Centro.....	153
Tabela 30 – Resultados de percepção de atributos da Praça Osório por mulheres do bairro Centro.....	155
Tabela 31 – Resultados de percepção de atributos da Praça Osório por homens do bairro Centro.....	157
Tabela 32 – Resultados de percepção de atributos da Praça Osório por moradores do bairro Centro.....	159
Tabela 33 – Resultados de percepção de atributos da Praça Osório por transeuntes do bairro Centro.....	161
Tabela 34 – Resultados de percepção de atributos da Praça Osório por moradores e transeuntes do bairro Centro.....	163
Tabela 35 – Confrontação dos resultados obtidos para a Rua XV de Novembro.....	170
Tabela 36 – Confrontação dos resultados obtidos para a Praça Osório.....	172

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Estrutura do referencial teórico.....	21
Quadro 2 – Representação esquemática da evolução histórica dos espaços urbanos.....	41
Quadro 3 – Estrutura da pesquisa.....	69

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AACC	American Automatic Control Council
ACP	Associação Comercial do Paraná
Cefet	Centro Federal de Educação Tecnológica
Cohab	Companhia de Habitação Popular de Curitiba
Cohapar	Companhia de Habitação do Paraná
Core-PR	Conselho Regional dos Representantes Comerciais do Paraná
Fexpar	Federação Paranaense de Xadrez
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IMT	Instituto Municipal de Turismo
Inocoop	Instituto de Orientação a Cooperativas Habitacionais
IPE	Instituto de Previdência e Assistência aos Servidores do Estado do Paraná
Ippuc	Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba
LBV	Legião da Boa Vontade
MIS	Museu da Imagem e do Som
PMC	Prefeitura Municipal de Curitiba
RDH	Relatório de Desenvolvimento Humano
Sesc	Serviço Social do Comércio
SMMA	Secretaria Municipal do meio Ambiente
TI	Tecnologia da Informação
UFPR	Universidade Federal do Paraná

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	18
2	REFERENCIAL TEÓRICO	21
2.1	GESTÃO E PLANEJAMENTO	22
2.1.1	Globalização e redes	22
2.1.2	Gestão pública	27
2.1.3	Planejamento urbano	29
2.2	MORFOLOGIA E FORMA URBANA.....	34
2.2.1	Evolução da forma da cidade	35
2.2.2	Elementos morfológicos	42
2.3	ESPAÇO E PAISAGEM URBANA.....	45
2.3.1	Dimensões e tipologias espaciais urbanas	45
2.3.2	Componentes e tipologias paisagísticas	50
2.4	CONCEPÇÃO E PERCEPÇÃO DE ESPAÇOS ABERTOS	53
2.4.1	Projeto de espaços abertos	53
2.4.2	Percepção espacial	57
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	62
3.1	ENQUADRAMENTO DA PESQUISA.....	62
3.2	ÁREA DE ESTUDO.....	64
3.3	MÉTODOS E TÉCNICAS.....	69
3.3.1	Estabelecimento do referencial teórico-conceitual	70
3.3.2	Delimitação da área e seleção dos espaços de estudo	70

3.3.3	Levantamento e caracterização dos espaços selecionados	73
3.3.4	Análise da percepção das diretrizes projetuais dos espaços de estudo	74
3.3.5	Percepção das obras pelos usuários	81
3.3.6	Confrontação da percepção das diretrizes projetuais por profissionais com a dos usuários	85
3.3.7	Formulação de subsídios para projetos de espaços urbanos	85
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	86
4.1	DELIMITAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO.....	86
4.2	SELEÇÃO DOS ESPAÇOS DE ESTUDO.....	103
4.2.1	Rua XV de Novembro	105
4.2.2	Praça Osório	110
4.3	ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DAS DIRETRIZES PROJETUAIS	116
4.3.1	Rua XV de Novembro	116
4.3.2	Praça Osório	120
4.3.3	Síntese relacional das diretrizes projetuais	123
4.4	ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DOS USUÁRIOS DOS ESPAÇOS	125
4.4.1	Rua XV de Novembro	125
4.4.2	Praça Osório	146
4.5	CONFRONTAÇÃO DA PERCEPÇÃO DAS DIRETRIZES PROJETUAIS COM A DOS USUÁRIOS	168
4.5.1	Rua XV de Novembro	168
4.5.2	Praça Osório	170
4.6	FUNDAMENTAÇÃO DE PROCEDIMENTOS PARA PROJETOS DE ESPAÇOS ABERTOS URBANOS E GESTÃO DAS CIDADES.....	172
5	CONCLUSÃO	176

REFERÊNCIAS	181
--------------------------	-----

APÊNDICES	190
------------------------	-----

A QUADRO PARA DIAGNÓSTICO DA MEMÓRIA MENTAL REFERENTE À PERCEPÇÃO VISUAL DOS ESPAÇOS DE ESTUDO	190
--	-----

B QUESTIONÁRIO PARA ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DE DIRETRIZES PROJETUAIS DO ESPAÇO DA RUA XV DE NOVEMBRO	191
---	-----

C QUESTIONÁRIO PARA ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DO ESPAÇO DA RUA XV DE NOVEMBRO	202
--	-----

D QUESTIONÁRIO PARA ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DE DIRETRIZES PROJETUAIS DO ESPAÇO DA PRAÇA OSÓRIO .	204
---	-----

E QUESTIONÁRIO PARA ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DO ESPAÇO DA PRAÇA OSÓRIO POR USUÁRIOS	215
---	-----

1 INTRODUÇÃO

O estudo dos espaços abertos públicos, ou seja, livres de edificação e destinados ao uso comum, com presença ou não de vegetação, “pode levar a novas alternativas de desenho da paisagem urbana, ou pelo menos, a uma melhor forma de organização e uso de espaços já existentes” (TURKIENICZ; MALTA, 1986, p.105).

A escolha do **tema** é pautada, em primeiro lugar, no fato dos espaços abertos públicos urbanos estarem presentes em todo e qualquer momento da vida da população. Em uma segunda instância, por serem passíveis de análise da relação com a subjetividade da sua percepção, pois embora tais locais sigam determinados modelos e tendências em alguns períodos, nunca se repetem exatamente da mesma forma, e cada ser humano os percebe de maneira singular, com sensações únicas.

A cidade de Curitiba, Paraná, possui diferenciados espaços abertos, por onde diversas pessoas transitam e convivem diariamente, sendo analisados a partir de dois princípios fundamentais: o da técnica e o da subjetividade. Pelo embasamento técnico, são analisados os espaços arquitetônicos e seus principais componentes paisagísticos. Pelo suporte subjetivo, objetiva-se compreender a sua percepção pelos usuários.

A arquitetura contemporânea tem se preocupado principalmente com os usuários reais de suas obras, o que significa que tem se tornado cada vez mais humanizada; sendo este um dos aspectos primordiais dos projetos atuais, é importante pesquisar também o que esta arquitetura transmite às pessoas, verificando-se sua efetiva humanização dos espaços e lançando-se um olhar moderno sobre as áreas consolidadas da cidade. Além disso, cabe destacar a carência de estudos aprofundados sobre esta tipologia específica de ambientes urbanos.

De acordo com Mumford (1998), o atributo fundamental da cidade é sua vida cívica.

Rodrigues (1986, apud Gabardo, 2001) discute até que ponto o projeto permite que as suas intenções sejam percebidas e, também, de que forma o cidadão comum consegue realizar a leitura desses espaços projetados. O autor considera possível a interpretação dos procedimentos organizacionais da sociedade, por meio de seus símbolos edificados, assim como da própria urbe.

Como outros centros urbanos, Curitiba é envolvida por visões institucionais, as quais, por sua vez, não são compartilhadas por todos. Alguns estudiosos divergem destas idéias, questionando o marketing da cidade, bem como algumas de suas intervenções, analisando se foram executadas para satisfazer à população ou a determinados interesses políticos (GARCIA, 1997).

Uma das inúmeras conseqüências da trajetória urbana de Curitiba é a criação dos espaços abertos públicos, urbanos por excelência, freqüentados por inúmeras pessoas todos os dias, seja a caminho do trabalho ou como opção de lazer. De qualquer forma, fazem parte do cotidiano dos curitibanos e, principalmente por essa razão, são objeto de estudo desta pesquisa.

Nesse contexto, o **problema central** da pesquisa se volta à indagação se as diretrizes projetuais de espaços urbanos são essencialmente percebidas pelos seus usuários. Para sua interpretação, a pesquisa se propõe a analisar eventuais relações entre a percepção das diretrizes projetuais e a dos usuários. Assim, o principal desafio enfrentado pelo estudo consiste no desenvolvimento de procedimentos metodológicos para viabilização desta análise, partindo-se da **hipótese básica** de que a percepção das diretrizes dos projetos de espaços abertos urbanos, determinadas especificamente por profissionais, não são adequadamente percebidas pelos usuários.

Um dos primeiros passos para desenvolvimento da dissertação reside na seleção dos espaços estudados. Para tanto, tem-se o recorte físico – com delimitação da área de estudo ao bairro Centro –, apoiado na pesquisa de Feiber (2006), a partir da qual são interpretados os locais reconhecidos como pertencentes à área central de acordo com transeuntes e moradores.

Em um segundo momento, tem-se o estabelecimento de procedimentos para a aplicação de questionários junto a diversos cidadãos, principal foco da pesquisa, devido

à crescente preocupação da arquitetura contemporânea com os usuários reais de suas obras. Portanto, a intenção primordial da investigação consiste em analisar a sua apreensão dos espaços públicos, diagnosticando-se as suas formas de percepção e absorção da cidade em que vivem. A partir deste diagnóstico, pretende-se fundamentar o desenvolvimento de nova visão para a elaboração de projetos de espaços urbanos.

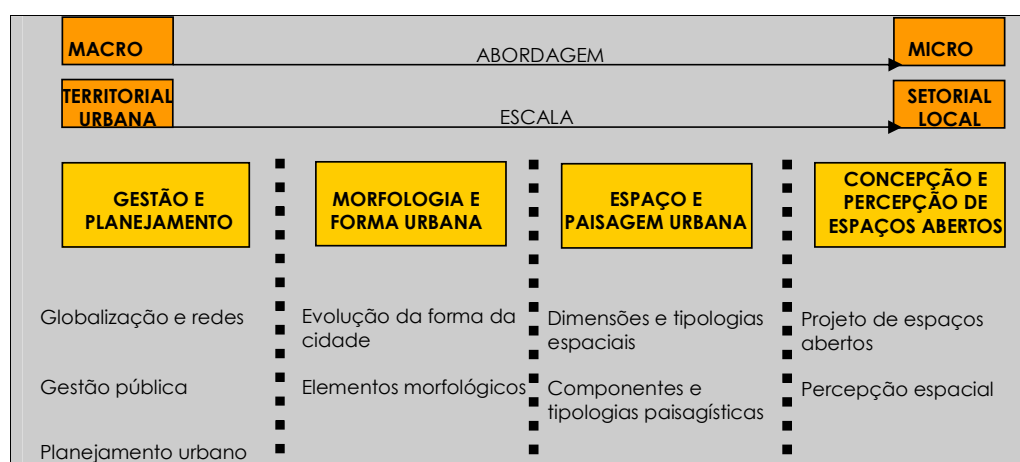
Face ao anteriormente exposto, tem-se como **objetivo geral** da pesquisa confrontar a percepção das diretrizes projetuais com as dos usuários de espaços abertos públicos, adotando-se Curitiba como **estudo de caso**, de forma a subsidiar procedimentos para projetos destes espaços.

A partir do estabelecimento de referencial teórico-conceitual específico sobre o tema, constituem **objetivos específicos** do estudo:

- a) delimitar a área de estudo, estabelecendo-se critérios específicos para seleção dos espaços abertos públicos relevantes para análise;
- b) levantar informações pertinentes, caracterizando os espaços selecionados;
- c) analisar as percepções das diretrizes projetuais, a partir da interpretação dos espaços por profissionais especializados;
- d) avaliar a percepção das obras pelos usuários, confrontando-as com os aspectos anteriores;
- e) formular subsídios para projetos de espaços abertos públicos, com vistas à melhoria do processo de gestão da cidade.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A estrutura do referencial teórico compreende quatro temas principais referentes à cidade: gestão e planejamento; morfologia e forma; espaço e paisagem; e projeto e percepção de espaços abertos. O referencial teórico é encadeado partindo-se da macro para a micro escala, de acordo com o apresentado no Quadro 1.



Quadro 1 – Estrutura do referencial teórico
 Fonte: Elaborado com base nas referências consultadas.

A abordagem da gestão e planejamento se volta ao contexto da globalização e redes, assim como os aspectos relacionados à gestão pública e planejamento urbano. Para o enfoque sobre morfologia e forma, parte-se da evolução da forma da cidade, alcançando a identificação dos elementos morfológicos. O espaço e paisagem são interpretados em dimensões e tipologias espaciais, considerando-se componentes e tipologias paisagísticas urbanas. Mais subjetivo, o item relacionado à concepção projetual e à percepção de espaços abertos, subdivide-se em projeto de espaços abertos e percepção.

2.1 GESTÃO E PLANEJAMENTO

Entende-se por gestão, a ação continuada que envolve uma seqüência de estados e transformações de um sistema dinâmico e conexo, que se encontra em contínua mutação e produz diretrizes para o desenvolvimento futuro (HARDT, 2000).

Segundo Ferreira (1986), o planejamento consiste em uma elaboração feita em etapas, tendo bases técnicas, principalmente no campo socioeconômico, de planos e programas com objetivos definidos.

2.1.1 Globalização e redes

A globalização, processo diretamente vinculado à configuração de redes, relaciona-se com o espaço dos fluxos citado por Castells (1999). O espaço e o tempo têm sido transformados pelo paradigma da tecnologia da informação (TI) e das formas e processos sociais induzidos pelo atual processo histórico (CASTELLS, 1999). Tanto a globalização quanto o espaço dos fluxos induzem e estimulam novas formas de conformações urbanas.

As transformações tecnológicas atuais estão interligadas à globalização, e, juntas, configuram a Era das Redes. Este novo período possibilita a geração de novas redes mundiais em diversas áreas, importantes na definição do caminho e na difusão da tecnologia (RDH, 2001).

Neste sentido, as redes também podem se apresentar de outras maneiras, como exemplificado na Figura 1, que mostra o “sistema de espaços livres”, no caso, do Centro de Curitiba. Para a elaboração deste mapa, foram locados os espaços livres de edificação da área central, interligando-os por meio das vias existentes, formando, assim, a rede de espaços livres de edificação do Centro da cidade.

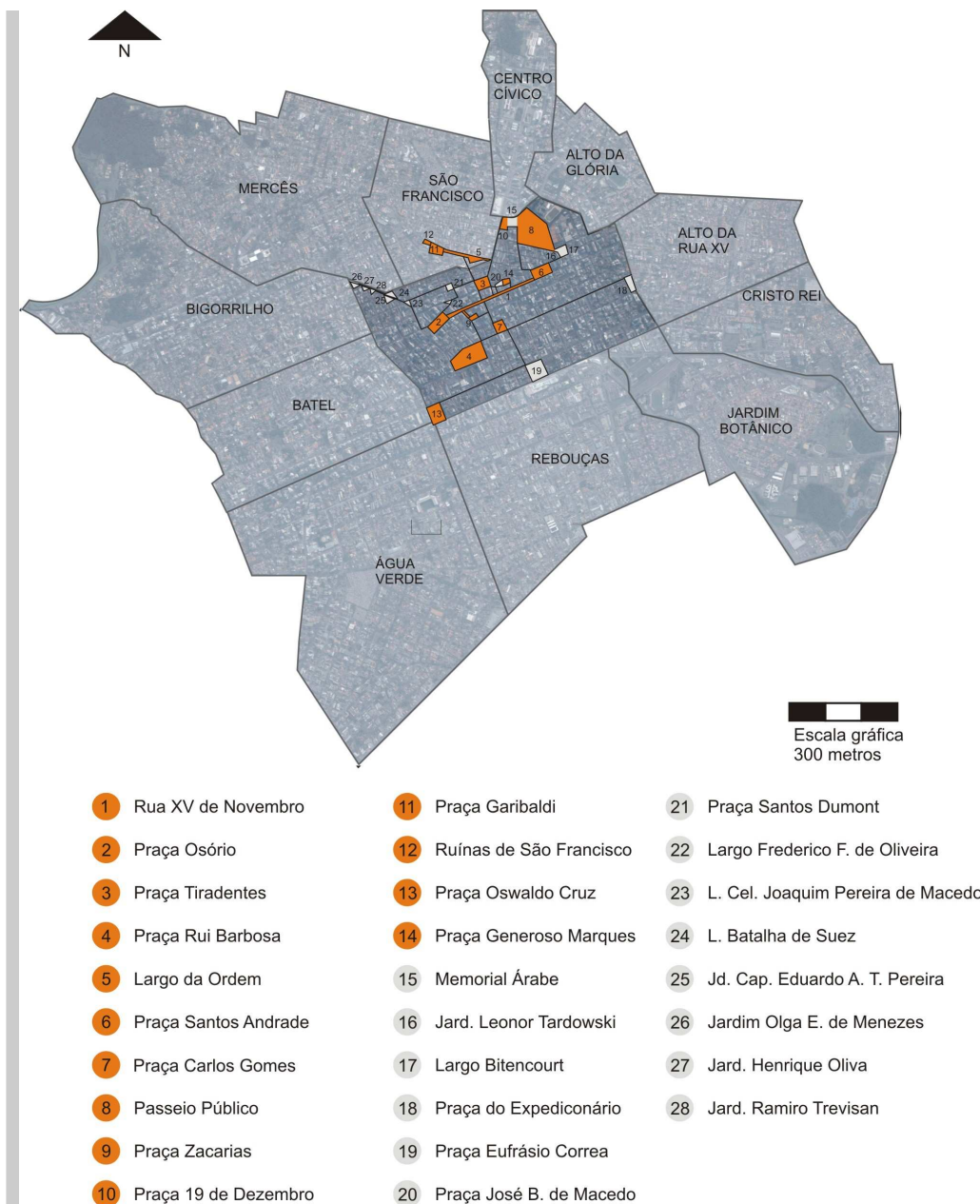


Figura 1 – Mapa de sistema de espaços livres do Centro de Curitiba
 Fonte: Elaborada com base em Google Earth (2007).

Notas:

- Espaços de estudo
- Demais espaços abertos
- Ligação por vias

Uma das conseqüências desse processo é representada pela consolidação das redes, que constituem estruturas abertas, capazes de expansão ilimitada, integrando novos nós, desde que consigam comunicar-se dentro do arcabouço estabelecido. Entretanto, sua morfologia é também fonte de profunda reorganização das relações de poder, já que os conectores são seus detentores e as conexões representam seus instrumentos privilegiados. Em torno da rede, organizam-se funções e processos dominantes na Era da Informação. Assim, tais conjuntos de nós interconectados configuram uma nova morfologia social da sociedade e sua difusão lógica modifica a operação e os resultados dos processos de produção, experiência, poder e cultura (CASTELLS, 1999). Sendo assim, os nós seriam representados, na Figura 1, pelos espaços livres de edificação, dotados de comunicação por meio das vias, que seriam seus conectores, configurando a morfologia da cidade.

A importância da interatividade entre os lugares rompe os padrões espaciais de conduta em uma rede fluida de intercâmbios que provocaram o surgimento de uma nova classe espacial: o espaço dos fluxos. Dentro da rede, a hierarquia não é estável, tornando-se vulnerável à competitividade entre as cidades, bem como às inversões de alto risco, tanto financeiras como no mercado imobiliário (CASTELLS, 1999).

A globalização também é uma das responsáveis pelas novas características de centralidade, que afetam não somente a área central, mas a cidade como um todo.

De acordo com Le Corbusier (2000), as áreas dos centros das grandes cidades encontram-se doentes, desgastadas em sua volta.

Historicamente, os centros dos núcleos urbanos detiveram a principal função de grande ponto de encontro e trocas, sendo também responsáveis pela idéia de identidade da população com a cidade. Tradicionalmente, era o local que recebia a maior parte dos investimentos e, por decorrência, a maior oferta de acessibilidade, transporte e infra-estrutura para seus cidadãos (PADILHA; HARDT; HARDT, 2008).

Entretanto, devido às transformações advindas da globalização e do processo de evolução das cidades, esses “velhos centros” entraram em processo de deterioração e esvaziamento ao longo do tempo em cidades de todo o mundo (PADILHA; HARDT; HARDT, 2008).

Os centros das cidades brasileiras destacavam-se anteriormente no desempenho de importantes funções e encontram-se atualmente em processo de degradação, uma vez que ocorrem a desvalorização dos bens e a redução drástica dos investimentos por parte do mercado imobiliário, tornando as áreas centrais menos atrativas (GABARDO, 2001).

De acordo com Jacobs (2003), a globalização também é uma das responsáveis pela morte do espaço público, gerando diminuição do convívio nas praças e ruas, que deveriam ser importantes para o cidadão.

Espaços antigos também foram alterados, sendo que um dos principais transformadores foi o transporte público, como praças que foram configuradas com função de terminais. Um exemplo é a Praça Rui Barbosa, em Curitiba, que tem dentro de seu próprio espaço a circulação de ônibus e a existência de estações tubo para o transporte coletivo de passageiros.

Essa configuração é oriunda de diversas razões, como a qualidade e acesso a serviços que hoje também podem ser encontrados nos bairros, a setorização de serviços específicos de comércio, indústria e habitação; e o conjunto de condicionantes relacionadas à política, economia e mudanças sócio-espaciais (GABARDO, 2001).

Historicamente, os centros das cidades constituem os locais que oferecem maiores diversificações no que se refere à prestação de serviços e à quantidade de bens. Conseqüentemente, são os espaços que absorvem a maior concentração e tráfego de pessoas, apresentando maior valor democrático se comparado a outras regiões da malha urbana. Considerando-se a interatividade de diferentes partes, é fortalecida, assim, a aceção institucional que lhe é característica (RODRIGUES, 1986¹ apud GABARDO, 2001).

¹ Ver RODRIGUES F. M. **Desenho urbano** – cabeça, campo e prancheta. São Paulo: Projeto, 1986.

Para Lynch (1999, p.286), “há partes de uma região que estão isoladas, ao passo que outras, particularmente os centros, são bastante acessíveis. A paisagem é uma alternância entre o sossego e o movimento, entre a privacidade e a sociabilidade”.

De acordo com Rodrigues (1986² apud GABARDO, 2001), a área central deve possuir aspectos que correspondam à imagem de centro, onde os usuários sejam constantemente estimulados pela existência de símbolos e de fluxos.

Em relação à criação de ícones, o espaço urbano, como produto social, é resultado de ações acumuladas no decorrer do tempo e engendradas por agentes que produzem e consomem configurações espaciais. A complexidade das ações dos agentes sociais inclui práticas que levam a um constante processo de reorganização. Um dos agentes com maior influência neste contexto é justamente o Estado, que atua como consumidor de espaço, sendo levado por conflitos de interesses entre diferentes membros das classes sociais e se preocupando em criar condições de realização e reprodução da sociedade (MACEDO, 1999).

Segundo Le Corbusier (2000, p.89):

os centros das grandes cidades são instrumentos de trabalho quase inutilizáveis; o contato necessário só se estabelece com exatidão precária através da malha das ruas saturadas. Mais do que isso, uma fadiga real nasce do congestionamento, uma deficiência perigosa atinge esses escritórios de negócios com corredores abafados e salas obscuras.

A partir das reflexões anteriores, delinea-se a situação brasileira. Na década de 80, ocorreram diversas transformações nas estruturas produtivas brasileiras. Um dos indutores dessas mudanças foi a crise da economia, cujos impactos afetaram os centros urbano-industriais, que apresentam tendência à desconcentração espacial. O processo de globalização, cada vez mais acelerado, está associado a esta reestruturação, bem como os efeitos das políticas nacionais de privatização, desregulamentação e liberalização de fluxos de investimentos e comércio internacional (QUANDT, 1998).

Com a transferência de responsabilidade com maior intensidade para as instâncias locais, os municípios assumem novos papéis, aos quais devem se

² Ver RODRIGUES F. M. **Desenho urbano** – cabeça, campo e prancheta. São Paulo: Projeto, 1986.

adaptar e se capacitar para exercê-los de forma satisfatória, com o principal objetivo de promover o bem-estar e a qualidade de vida de seus habitantes. Neste sentido, Sassen (1991, p.102) sustenta que:

A combinação entre dispersão espacial e integração global criou um novo papel estratégico para as principais cidades. Além de sua grande história como centros para o comércio internacional, estas cidades funcionam agora de quatro novas formas: primeiro, como postos de comando altamente concentrados na organização da economia mundial; segundo, como posições chave para a economia e as firmas de serviços especializados [...]; terceiro, como centros de produção, incluído o de inovação nos setores de ponta; e quarto, como mercados para os produtos e para as inovações produzidas.

Nesse contexto, boa parte das cidades brasileiras deixa de ser compacta, passando à conformação polinuclear, com diversos centros. Na década de 1980, o cenário em relação às cidades era pessimista, sendo consideradas válidas somente as intervenções estruturais. As pontuais só passaram a ser amplamente aceitas recentemente no país.

Devido às profundas mudanças advindas da globalização, da era das redes e das tecnologias de informação, os gestores urbanos buscam novas maneiras capazes de incorporar, de forma efetiva, a participação popular no processo de gestão, visando inclusive melhorias nos espaços abertos, por meio da incorporação da visão dos cidadãos.

2.1.2 Gestão pública

A governança democrática, que se refere às relações e interações entre instituições governamentais, agentes de mercado e atores sociais, tem por objetivos promover a ação de inclusão social e assegurar e ampliar a participação da sociedade nos processos decisórios de políticas públicas.

De maneira geral, a gestão urbana permite a criação de diretrizes para o desenvolvimento futuro de uma determinada localidade, compreendendo ações contínuas capazes de lidar com as diversas transformações inerentes a um sistema em constante mutação (HARDT, 2000).

Nesse sentido, Betini, Rezende e Frey (2004, p.6) definem gestão urbana como:

o conjunto de recursos e instrumentos da administração aplicados na cidade como um todo, visando à qualidade da infra-estrutura e dos serviços urbanos, propiciando as melhores condições de vida e aproximando os cidadãos nas decisões e ações da governança pública, utilizando para isso, os recursos da tecnologia da informação e comunicação por meio da governança e democracia eletrônica.

Entretanto, como há diversos atores envolvidos no processo de gestão, existem também diferentes conceitos de cidade, sendo este um dos maiores desafios para a integração de diversos setores de uma sociedade complexa nos processos decisórios (ROLNIK, 2002).

O governo eletrônico tem fundamental importância para a gestão urbana, pois constitui-se em ferramenta para ampliar a participação popular no que se refere não só a melhorias em sua cidade, mas igualmente na detecção dos principais problemas a serem abordados, tendo conseqüências não só em instâncias locais, mas refletindo-se também no cenário mundial, posto que as grandes cidades encontram-se interligadas pela rede.

Para que a participação dos diversos atores que deveriam ser envolvidos no processo de governança seja maior, são necessárias novas articulações, que possibilitarão, por sua vez, um sistema organizacional estabelecido capaz de conectar os atores na rede.

Segundo Frey (2004b), o modelo democrático-participativo exige dos diversos atores capacidade de articulação e cooperação, havendo engajamento cívico e apoio popular. Desta maneira, a governança urbana é espelho das novas tendências da gestão atual, que se caracteriza por ser compartilhada, interinstitucional e baseada em parcerias entre os setores público e privado, assim como no modelo organizacional em rede.

Um dos instrumentos de democratização da gestão pública local brasileira é representado pelos conselhos municipais. A razão de ser dos conselhos, que são uma nova forma de interação entre a sociedade e o governo, é aumentar a responsabilidade dos governos municipais no que se refere às políticas públicas e às demandas dos cidadãos, reconhecendo os direitos sociais e abrindo canais

para que haja ampla participação cívica da sociedade (SANTOS JÚNIOR; RIBEIRO; AZEVEDO; 2004).

Segundo Santos Júnior, Ribeiro e Azevedo (2004, p.44-45), os conselhos municipais são interpretados como:

canais de intermediação entre governo e sociedade têm tido capacidade de deliberar a gestão das secretarias municipais. O fato é que os próprios conselheiros reconhecem que o poder público, por meio das diversas secretarias municipais, tem tido compromisso e sofrido influência das decisões tomadas no âmbito dos conselhos municipais.

Dessa forma, os conselhos municipais são espaços institucionais que podem ser transformados em instrumentos para constituírem governança democrática nos municípios, pois estão se formando em arenas de interação entre o governo e a sociedade, criando condições para instaurar processos consensuais de tomada de decisões e aumentar a eficiência das políticas públicas locais (SANTOS JÚNIOR; RIBEIRO; AZEVEDO; 2004).

Todos os instrumentos citados são mais uma maneira de tentar ampliar a participação popular e fazer com que o cidadão seja de fato incluído no processo de gestão das cidades, considerando que o seu bem-estar é um dos maiores objetivos dos gestores. Neste sentido, o planejamento urbano é extremamente importante para estes desafios dos gestores.

2.1.3 Planejamento urbano

O planejamento urbano iniciou-se ainda na Grécia antiga, quando o crescimento passou a ser orientado de acordo com plano ou idéia previamente desenhados de maneira racional, sendo que o desenho urbano apoiava-se em:

esquemas geométricos, quer pela sua operacionalidade no terreno quer pela sua lógica fundiária, espacial e funcional. O desenho do plano determinava a distribuição das atividades e as regras de separação entre o espaço público e o privado. O controle morfológico era assegurado quer através do plano quer através dos elementos edificados (LAMAS, 2004, p.134).

De acordo com a Carta dos Andes (1960³ apud HARDT, 2000), o planejamento urbano pode ser definido como:

método de aplicação contínuo e permanente, destinado a resolver, racionalmente, os problemas que afetam uma sociedade situada em determinado espaço, em determinada época, através de uma previsão ordenada capaz de antecipar suas ulteriores conseqüências.

De maneira geral, o desenho urbano até o período moderno pode ser resumido pela organização do espaço urbano em tipos identificáveis e reconhecíveis, como a rua, a praça, entre outros, e pela existência de coerência, integração e dependência recíproca entre os vários elementos morfológicos que compõem o espaço, que se sobrepõe e se identifica com a função (LAMAS, 2004).

No início do século XX, foram criados os primeiros corpos legais responsáveis pela regulamentação da gestão urbana, sendo que foi também neste período que foram introduzidos os planos diretores (LAMAS, 2004).

Na realidade, é grande a proximidade morfológica entre muitas propostas atuais e os desenhos dos urbanistas da primeira metade do século XX. Por razões que se explicam, todo esse período foi praticamente esquecido da memória disciplinas, prejudicando a confrontação com as questões atuais e a própria cidade moderna (LAMAS, 2004, p.238).

O urbanismo formal pode ser sintetizado por alguns aspectos existentes na proposta de Agache: a metodologia, que é essencialmente morfológica tendendo a operar na forma urbana pela função, dimensão e aspectos de comunicação estética; os instrumentos de trabalho e de ordenamento da cidade, representados pelo traçado, quarteirão, praça e edifícios; e pelas edificações e seus elementos, determinados na continuidade e desenvolvimento das intenções do plano (LAMAS, 2004).

No período modernista, o urbanismo preocupa-se de maneira obsessiva pela distribuição dos usos do solo, sendo o funcionamento da cidade um vetor primordial do planejamento. Neste sentido, a Carta de Atenas, de 1931, instruía a isolar, separar e arrumar as principais funções da cidade (habitar, trabalhar, lazer e descolamento) (LAMAS, 2004).

Depois da Segunda Grande Guerra, o planejamento urbano direcionou o seu interesse para questões relacionadas aos programas, quantidades, esquemas

³ Ver CINVA – Centro Interamericano de Vivenda e Planejamento. **Carta dos Andes**. São Paulo: Bem Estar, 1960.

distributivos, funcionamento, decisões políticas e econômicas, além de estratégias financeiras e sociais. Com o aumento da escala do território a ser planejado, e conseqüente aumento da complexidade dos problemas, a autonomia do desenho urbano e da arquitetura tem sua importância reduzida devido ao conteúdo determinante e científico das disciplinas sociais, econômicas e técnicas (LAMAS, 2004).

Atualmente, discutem-se novas propostas metodológicas e buscam-se respostas alternativas ao modelo dos anos 1960 e 1970, que incorporava características tecnocráticas, sendo a técnica o elemento determinante e não subsidiário das decisões (CARVALHO, 2001).

As proposições de então resumem-se à recusa da cidade moderna, ao diagnóstico e enumeração dos seus males, à análise dos problemas de alguns bairros como Sarcelles e à denúncia da pobreza formal e social das produções urbanísticas recentes (LAMAS, 2004, p.385).

Segundo Carvalho (2001), o planejamento urbano apresenta as dimensões política e técnica, sendo que a primeira pretende explicitar o objeto da intervenção pública e a segunda busca atingir, por meio da operacionalização de uma proposta, os objetivos politicamente definidos. Para o autor, se observado em sua dimensão política, o planejamento urbano é o objeto de uma proposta social que tem por objetivo transformar a sociedade, além de garantir o bem-estar dos cidadãos e de assegurar o acesso ao uso da cidade. Para tanto, o planejamento é responsável por administrar situações de conflito social.

Alguns desafios do planejamento relacionam-se com o direito à terra urbana, ao processo capitalista de produção imobiliária, aos procedimentos na contratação de obras públicas (que na maioria das vezes atende aos interesses de empreiteiras em restrição aos da população), aos procedimentos adotados na concessão de serviços públicos e a diferenciada apropriação do espaço urbano no que se refere aos segmentos consumidores e produtores da cidade (CARVALHO, 2001).

O espaço urbano é objeto de conflitos entre diversos interesses que buscam se apropriar dos benefícios produzidos pela cidade, sendo que os principais grupos são os que pretendem preservar ou acrescentar parcelas da

riqueza social e os setores sociais desiguais, sendo identificados às camadas populares da sociedade. Posto isso, o planejamento urbano tem como premissa administrar esses e outros conflitos.

Uma das ferramentas do planejamento é o plano diretor, que consiste em propostas para ordenar o território, administrando e regulando conflitos, distribuindo benefícios que atendam a demandas específicas.

Pode-se entender por plano a definição de objetivos a serem alcançados e de prazos a serem cumpridos, a indicação de atividades, programas ou projetos correspondentes ou necessários à realização dos objetivos definidos, bem como a identificação dos recursos financeiros, técnicos, administrativos e políticos necessários; e por diretor, as diretrizes estabelecidas em conformidade com a proposta social que se pretende alcançar, que constituem uma referência para as ações do poder público municipal e dos agentes privados (CARVALHO, 2001, p.15).

O plano diretor apresenta instrumentos, que podem ser de três naturezas: técnico-científica, político-institucional e econômico-financeira. O primeiro consiste nos referenciais metodológicos de coleta, tratamento e interpretação de dados, enquanto o segundo refere-se aos referenciais institucionais que suportam as relações entre as forças políticas constituídas e o terceiro compreende os recursos disponíveis e aqueles que possam vir a ser gerados.

São alguns instrumentos do plano diretor a apropriação, o parcelamento e o zoneamento do solo. A apropriação do solo refere-se à ocupação da terra, usucapião, desapropriação de áreas que garantam a apropriação do solo para moradia de classes de renda mais baixa. O parcelamento do solo diz respeito à integração na malha urbana, previsão de diretrizes viários, reserva de áreas para uso público e garantia de preservação do meio ambiente da identidade cultural e histórica de uma cidade. O zoneamento relaciona-se com as normas e padrões de uso e ocupação do solo, de acordo com as atividades desenvolvidas e previstas, tentando controlar usos nocivos ou conseqüências que prejudiquem o bem-estar da população (CARVALHO, 2001).

No que se refere à dimensão técnica do planejamento urbano, é fundamental a identificação de uma unidade de coordenação e de uma de consulta e/ou deliberação, que envolve a criação de um sistema de planejamento, necessariamente multidisciplinar (CARVALHO, 2001).

De maneira geral, existem três grandes fases: diagnóstico, proposição e execução, sendo importante a determinação da seqüência de passos a serem seguidos: definição do objeto com estabelecimento dos problemas e hipóteses; diagnóstico dos problemas sob aspectos quantitativos, qualitativos e de localização social e espacial; estabelecimento de prioridade de intervenção; e dimensionamento e alocação de recursos (CARVALHO, 2001).

Planejar significa dar uma ordem na evolução de um espaço que possa melhor servir as necessidades futuras. Para isso, se faz necessário conhecer este espaço, iniciando-se o entendimento das necessidades urbanas por espaços livres (GOYA, 1990).

A maioria das posturas assumidas pelo planejamento urbano como ação institucional tem observado o espaço como variável univocamente dependente do modo de produção, mas exerce vigilância e punição sobre a configuração das cidades capitalistas, embora escamoteadas sob uma aparente liberdade de linguagem arquitetônica. Portanto, existe controle exercido pela renda fundiária urbana, pelo valor do solo construído e pela mais-valia que pode ser extraída de elementos arquitetônicos – como a volumetria, definida pela possibilidade de lucro com o solo criado; os sistemas construtivos e os materiais, impostos pela indústria; ou o zoneamento de atividades, o qual, em feral, não está a serviço de expectativas de acessibilidade ou cerceamento é, ainda, aquele das classes dominantes, realizado por meio de morfologias que restringem comportamentos efetivamente democráticos aos cidadãos. Dentre estes últimos, os encontros interpessoais e o reforço das relações entre vizinhanças e bairros são práticas capazes de garantir a passagem de informações menos manipuladas, porque estão apoiadas na diversidade de interpretações de pessoas que se comunicam sem intermediários. Por outro lado, essas relações têm sido as únicas ações que possibilitam a superação de contradições históricas e a realização de transformações sociais e são, por isso, a verdadeira ação cívica – isto é, aquela de apropriação e construção da cidade pelos seus cidadãos (KOHLSDORF, 1996, p.25).

Entretanto, nota-se que tanto a morfologia quanto a forma urbana, abordados no próximo item, não são comumente tratados nos instrumentos clássicos do planejamento.

2.2 MORFOLOGIA E FORMA URBANA

Segundo Lamas (2004), morfologia urbana pode ser definida como aspectos exteriores do meio urbano e as suas relações recíprocas, definindo e explicando, assim, a paisagem urbana e a sua estrutura.

Para Lynch (1999), a cidade é uma organização mutável e polivalente, um espaço com múltiplas funções. Entretanto, existem algumas funções fundamentais expressas pela forma da cidade: circulação, usos principais do espaço urbano, pontos focais chaves.

De acordo com Lynch (1999), as formas apresentam seguintes qualidades, que não funcionam de maneira independente:

- a) singularidade: clareza dos limites fechamento, contraste de superfície, forma, intensidade, complexidade, tamanho, uso, localização espacial;
- b) simplicidade da forma: clareza e simplicidade da forma visível em sentido geométrico, limitação das partes;
- c) continuidade: continuação de limites ou superfícies; repetição de intervalo rítmico; similaridade, analogia ou harmonia de superfície; forma ou uso;
- d) domínio: domínio de uma parte sobre a outra devido ao tamanho, intensidade ou interesse;
- e) clareza de junção: visibilidade das ligações e costuras, relação e inter-relação nítidas;
- f) diferenciação direcional: assimetrias, gradientes e referenciais;
- g) alcance visual: transparências, sobreposições, vistas e panoramas que aumentem a profundidade de visão, elementos de articulação, concavidade, indicadores de elemento ou forma invisível;
- h) consciência do movimento: qualidades que tornam sensível ao observador o seu próprio movimento real ou potencial;
- i) séries temporais: são aquelas percebidas com o passar do tempo;
- j) nomes e significados: características não-físicas capazes de aumentar a imaginabilidade de um elemento.

Conforme Lamas (2004, p.44), forma urbana é:

aspecto da realidade, ou modo como se organizam os elementos morfológicos que constituem e definem o espaço urbano, relativamente à materialização dos aspectos de organização funcional e quantitativa e dos aspectos qualitativos e figurativos. A forma, sendo o objetivo final de toda a concepção, está em conexão com o desenho urbano, ou seja, com as linhas, espaços, volumes, geometrias, planos e cores, a fim de definir um modo de utilização e de comunicação figurativa que constitui a arquitetura da cidade.

2.2.1 Evolução da forma da cidade

A problemática da cidade contemporânea inicia-se com o fim da homogeneidade física e política que se segue ao surgimento da indústria. Esta se torna protagonista da transformação dos centros urbanos. Esta mudança é dividida historicamente em três fases. De acordo com Rossi (2001), a primeira, corresponde à origem da cidade moderna, ocorrendo com a destruição da estrutura fundamental da cidade medieval, na qual local de trabalho e habitação ocorriam em um mesmo edifício. O segundo momento é caracterizado pela industrialização progressiva, caracterizando o início do processo de separação do trabalho. A última fase inicia-se com o desenvolvimento dos meios de transporte individuais e com a sua eficiência para o trabalho.

Segundo Benévolo (2005), as cidades surgiram ainda na Pré-história. A sociedade do período paleolítico, que se caracterizava pelo nomadismo, tinha o espaço urbano caracterizado pela modificação superficial do ambiente natural. Evoluiu para a sociedade neolítica, marcada pelo início do sedentarismo e pelo surgimento das habitações primitivas. Ocorre, então, a Revolução Agrícola, seguida pela Revolução Urbana, já existindo pequenas aglomerações. Outra característica desse período é a dependência ambiental dos povos para suas funções básicas (HARDT; HARDT, 2004). Neste período, o espaço urbano era percebido como um todo, devido à sua extensão e à sua característica predominantemente concêntrica.

A Idade Antiga iniciou há cerca de 3000 a.C. e se desenvolveu até 476 d.C, quando ocorreu a queda do Império Romano do Ocidente. As principais características desse período se relacionam com a consolidação da agricultura, transformação dos materiais e trocas, comerciais e culturais. As civilizações deste período podem ser divididas em ocidentais, orientais e centrais.

As civilizações ocidentais correspondem às da América Pré-Colombiana, como os maias, e caracterizam-se pela necessidade de adaptação ao relevo

existente. Suas cidades já indicavam a presença de eixos, sendo a maioria deles para valorização de espaços religiosos.

Já nas civilizações orientais, as cidades caracterizam-se pela existência de eixos de simetria que interligavam a cidade aos pontos cardeais, principalmente na China. Esta conformação do espaço estava fundamentada, muitas vezes, em questões religiosas. A multiplicidade dos espaços revelava a complexidade das funções civis e religiosas, sendo constante a referenciação da natureza e a existência de recintos secundários (BENEVOLO, 2005). A organização do espaço urbano tornou-se mais elaborada, com ênfase para os espaços institucionais.

Dentre as civilizações centrais, destacam-se a Pérsia, o Egito, a Grécia e Roma. Uma das principais características foi o controle microclimático, por meio da utilização da irrigação e da vegetação, como os jardins suspensos na Babilônia. No Egito, onde se registrou um grande desenvolvimento da arquitetura e das artes, ressaltava-se a escala metafísica.

A cidade grega, originada a partir das colinas, dividia-se em cidade alta (acrópole) e cidade baixa. A acrópole, onde estavam localizados os templos religiosos, também tinha função defensiva, devido ao seu posicionamento estratégico. Na cidade baixa, também chamada de *astu*, desenvolviam-se o comércio e as relações civis (BENEVOLO, 2005). Os espaços públicos relacionam-se à religião e ao poder “democrático”. A implantação dos “edifícios singulares” (monumentos) apresentava composição orgânica e assimétrica, mas inter-relacionadas por meio de distâncias e vazios. Já os grandes edifícios e equipamentos urbanos ocupavam os pontos fulcrais das cidades, organizando as estruturas urbanas. Em relação ao traçado urbano, a quadrícula é uma forma de organização fundiária do solo destinado à habitação, não se caracterizando ainda como um princípio da conformação urbana (LAMAS, 2004), na qual fica evidente o zoneamento do espaço, com funções delimitadas e integradas entre si, pois os cidadãos se apropriavam de todas as partes da cidade, apesar da separação em zonas.

Roma, que teve suas origens na sociedade etrusca, evoluiu de uma aldeia para uma cidade, configurando uma rede urbana. Depois do incêndio, em 64 a.C.,

Roma foi reconstruída, planejando seu espaço, e investindo em construções grandiosas, como os aquedutos (BENEVOLO, 2005). Seu plano urbano é fortemente influenciado pela religião, sendo marcado por dois eixos localizados no centro. Pela primeira vez na história, é utilizada a regulamentação fundiária urbanística, sendo o zoneamento uma consequência da hierarquia social e de técnicas de organização urbana (LAMAS, 2004). Neste período, já se estabeleciam conformações e relações diferenciadas no espaço urbano. O traçado já se configurava em quadrículas, as vias já mostravam hierarquia e as áreas distintas apresentavam integração, sem haver um zoneamento rigoroso e específico.

Na Idade Média, que ocorreu de 476 a 1453, as cidades européias merecem destaque. Muitas delas se desenvolveram sobre o traçado das cidades antigas. Entretanto, apresentavam quadro social e organização construtiva diferenciados, que remetem ao caráter e ao cenário das cidades contemporâneas. Uma das principais características remanescentes da antiguidade consiste na permanência dos muros de proteção, que se tornaram muralhas, configurando um espaço fechado e restrito. As instalações deste período deformaram com pequenas irregularidades as linhas precisas dos monumentos e das estradas antigas, simplificando as formas irregulares da paisagem, configurando um traçado orgânico (BENEVOLO, 2005).

Com o crescimento e a instalação de novas funções, como a militar, ocorreu a sobreposição do traçado radiocêntrico da Idade Média ao ortogonal romano, sendo utilizados como pontos de apoio os eixos que ligavam as cidades, as estradas de passagem, as portas das muralhas, as pontes sobre os rios, entre outros. A disposição dos traçados relacionava-se com a divisão do terreno em loteamento, por sua vez sobrepostas às ruínas e remanescentes anteriores. O desenho urbano apresentava uma morfologia mais intimista, tendo uma forma desenvolvida de acordo com as classes sociais, que gerou aumento e redistribuição demográficos, bem como a necessidade de novos espaços. Em relação aos espaços públicos deste período, as praças, que abrigavam importantes funções, como comércio e reunião social, eram geralmente

irregulares, sendo resultado mais de um vazio existente na estrutura urbana do que um desenho previamente planejado. O mercado correspondia ao espaço aberto público por excelência, abrigando predominantemente funções comerciais (LAMAS, 2004). Este período é também caracterizado pela exploração intensiva do solo urbano e conseqüente degradação ambiental das cidades, terminando com a queda de Constantinopla (HARDT; HARDT, 2004).

A Idade Moderna inicia-se em 1453 e termina em 1789, com a queda da Bastilha. Tem-se fases marcantes, como o Renascimento e o Barroco. O Renascimento, que ocorreu de 1420 a 1600, tinha como inspiração as formas de arte da antiguidade greco-romana, tendo estabelecido um quadro intelectual de mudança e oposição aos ideais medievais. O urbanismo caracterizava-se pela existência de ordem e disciplina geométrica, sendo que se destacava a forma radioconcêntrica (LAMAS, 2004). Apresentava traçados mais regulares, surgindo modelos de cidades, como as ideais (clássicas), em forma de estrela (HARDT; HARDT, 2004). De acordo com LAMAS (2004), o urbanismo Barroco propunha espaços de grande dinamismo e movimento. As principais características deste período, de maneira geral, são a existência de traçado organizado e de centros de referências, bem como a recuperação ambiental e a eliminação gradativa das muralhas (HARDT; HARDT, 2004).

A composição urbana na Idade Moderna permitia complementaridade entre o traçado retilíneo, a quadrícula e a praça, que já passava a ser entendida como um lugar público no qual se concentravam os principais edifícios e monumentos, adquirindo valor funcional. Outra diferença significativa deste período diz respeito aos monumentos, que passaram a ser geradores do espaço urbano (LAMAS, 2004). É também nesta época que ocorreram as grandes navegações e as colonizações. Os espaços abertos passaram a ser comunitários, complexos e unitários, espalhando-se por toda a cidade, sendo que seu entorno abrigava edifícios públicos e privados, com eventuais espaços internos, pátios ou jardins (BENEVOLO, 2005). O Romantismo, que ocorreu de 1800 a 1850, numa nítida transição para o período seguinte, propunha a elevação dos sentimentos acima do pensamento. A arquitetura se caracterizou por apresentar linguagem nostálgica e

pouca originalidade, sendo que havia a utilização de diversos estilos históricos e reprodução da arquitetura medieval, denominado de neogótico.

Na Idade Contemporânea, ocorreu a Revolução Industrial, marcando o início de uma nova era, que teve a globalização e a conformação dos espaços dos fluxos e das redes como algumas de suas principais conseqüências. Há a explosão urbana, caracterizada pela superpopulação, pela formação de espaços periféricos e pela metropolização (HARDT; HARDT, 2004). A cidade pós-liberal é marcada pela existência de grandes eixos viários contínuos, circulação rápida e controle da vida social, surgindo novas tipologias urbanas, como os boulevares e os grandes equipamentos públicos.

Com a intenção de controlar e ordenar o caos urbano, surgem diversas propostas de cidades, importantes para a conformação do espaço urbano. A cidade-linear (Figura 2), de Arturo Soria e Mata, que representou inovações tecnológicas e espaciais, articulava a estrada-de-ferro com o desenvolvimento urbano. A cidade-industrial (Figura 3), de Tony Garnier, apresentava estrutura baseada em traçados, eixos e quadrículas, tendo organizações físicas e funcionais diferenciadas, como o zoneamento funcional, que fragmentava a cidade em áreas distintas. Originalmente concebida por Ebenezer Howard, as cidades-jardim (Figura 4) constituíam um modelo diferenciado de organização social, econômica e territorial, tendo como uma de suas principais características o ambiente dominado por superfícies arborizadas ajardinadas que permitiriam grande acesso visual e físico a todos os espaços, como de residência, trabalho e lazer (LAMAS, 2004). As influências modernas, que foram responsáveis pela introdução de propostas inovadoras que revolucionaram o ambiente construído do século XX, apresentavam uma arquitetura geométrica que primava pela inovação, utilizando a tecnologia disponível e uma vasta gama de materiais, edificando novas formas e volumes inusitados, com ênfase na beleza simples e funcional. Os espaços urbanos eram marcados pela presença de grandes eixos monumentais, como ocorre em Brasília (Figura 5), sendo responsáveis, inclusive, pela configuração do seu entorno próximo (PADILHA; HARDT, 2006).



Figura 2 – Mapa de exemplificação da cidade linear de Arturo Soria e Mata
 Fonte: SANTA MARIA (2007)

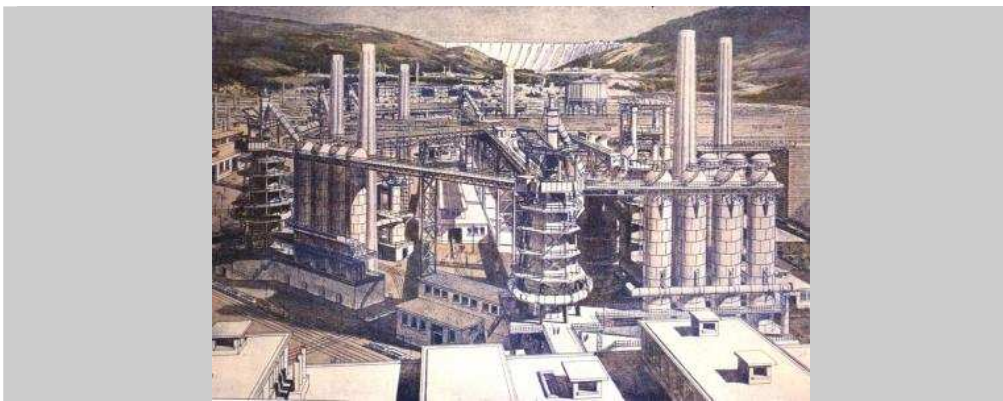


Figura 3 – Ilustração da cidade industrial de Tony Garnier
 Fonte: GONZALES (2007)

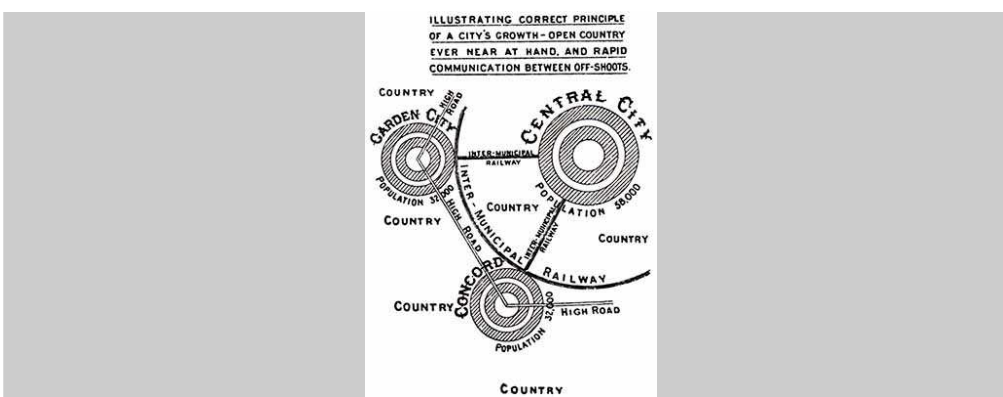


Figura 4 – Diagrama esquemático da cidade jardim de Ebenezer Howard
 Fonte: ANDRADE (2007)

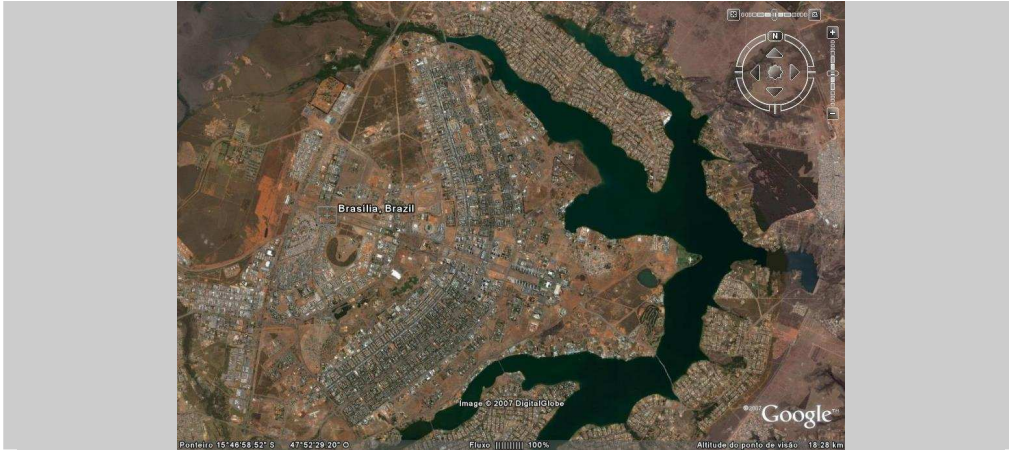


Figura 5 – Imagem aérea do traçado modernista de Brasília
 Fonte: GOOGLE EARTH (2007)

O Quadro 2 resume a evolução histórica dos espaços construídos, partindo da Pré-história até a Idade Contemporânea, evidenciando os principais movimentos e acontecimentos relacionados àqueles espaços.

PRÉ-HISTÓRIA	IDADE ANTIGA	IDADE MÉDIA	IDADE MODERNA	CONTEMPORÂNEA
... – 3000 a.C.	3000 a.C. – 476 d.C	476 - 1453	1453 - 1789	1789 - ...
Origem da cidade	Civilizações: Ocidentais	Cidades européias	Renascimento	Cidade pós-liberal
Sociedades paleolíticas: nomadismo				
Sociedades neolíticas: sedentarismo	Orientais		Barroco	Cidade moderna
Revolução agrícola	Centrais		Romantismo	Situação atual
Revolução urbana				

Quadro 2 – Representação esquemática da evolução histórica dos espaços urbanos
 Fonte: Elaborado com base nas referências consultadas.

2.2.2 Elementos morfológicos

Para Lamas (2004), os elementos morfológicos são: solo, edifícios, lote, quarteirão, fachada, logradouro, traçado, praça, monumento, vegetação, e mobiliário urbano, adiante detalhadas.

Segundo o autor, o solo é a base do desenho urbano, pois é a partir dele que surge a cidade. Neste sentido, é importante analisar a topografia, bem como a pavimentação, os desníveis existentes, entre outros aspectos. Para este autor, os edifícios são os elementos mínimos morfológicamente identificáveis na cidade, sendo necessário o estabelecimento de uma hierarquia de valores e a seleção dos diversos objetos que integram o espaço urbano. É por meio dos edifícios que ele se constitui e se organizam os diferentes locais passíveis de reconhecimento e que possuem forma própria.

O lote, aqui também interpretado como parcela fundiária, é a gênese e o fundamento de toda e qualquer edificação, sendo o princípio essencial da relação dos edifícios com o terreno. A forma do lote condiciona a do edifício, que por sua vez, condiciona a forma da cidade.

A definição de quarteirão pode ser embasada na sua forma construída ou no processo e desenho de divisão fundiária. É composto por edificações continuadas, cruzamento de vias e subdivisível em parcelas menores, os lotes. Muitos quarteirões da cidade são utilizados como espaços abertos públicos, de acordo com os usos a ele destinados.

A fachada é o elemento que faz a relação do edifício com o espaço urbano. Sua importância também depende do posicionamento do lote no quarteirão. Outra função desse elemento consiste na transição entre o mundo coletivo do espaço urbano e o mundo privado das edificações, sendo um elemento determinante no que se refere à forma e à imagem da cidade.

O logradouro, porção privada e não edificada do lote, pode ser encarado como a transição do espaço público para o privado e vice-versa, o local onde

esses locais fazem a sua integração. Segundo Lamas (2004), o logradouro em si não constitui isoladamente um elemento morfológico, mas é um complemento residual. Prefere-se interpretá-lo como a transição entre os espaços públicos e privados, ainda que haja a separação física entre eles.

O desenho da rua assenta-se em um suporte geográfico preexistente, regulando a disposição dos quarteirões e, conseqüentemente, dos edifícios, interligando as diferentes partes e espaços urbanos. Estabelece uma relação mais direta entre a cidade e o território, relacionando-se de maneira direta com a formação e o crescimento urbano de maneira hierarquizada, derivada da fundamental importância da função de deslocamento que exerce e do percurso percorrido, além da mobilidade de bens, idéias e pessoas.

A praça é o local projetado com a intenção de promover o encontro, de estimular a permanência e de ser palco de acontecimentos, práticas sociais e manifestações da vida urbana e comunitária. A praça é o elemento que reúne a ênfase do desenho urbano como espaço coletivo de grande importância e significância.

Os monumentos são fatos urbanos singulares; são elementos morfológicos individualizados pela sua presença, configuração e posicionamento, além do seu significado.

É um dos elementos que fundamentam o princípio das permanências – um dos fatos urbanos que melhor persistem no tecido urbano e resistem a transformações. A sua presença é determinante na imagem da cidade (POËTE, 1967⁴ apud LAMAS, 2004, p.104).

O monumento possui um papel fundamental no desenho urbano, pois caracteriza a área ou bairro no qual está inserido, tornando-se pólo estruturante da cidade, além de tornar-se referência para os usuários do espaço urbano.

A vegetação como um todo constitui elemento facilmente identificável na estrutura urbana. Caracteriza a imagem da cidade, possui individualidade própria e desempenha funções precisas. São componentes de composição do desenho urbano, tendo como funções a organização, a definição e até mesmo a contenção de determinados espaços (LAMAS, 2004). Além disso, possui destacada

⁴ Ver POËTE, M. **Introduction a l'Urbanisme**. Paris: Antropos, 1967.

importância no que se refere ao conforto ambiental e à qualidade paisagística, incluindo a percepção da paisagem, especificamente no que concerne aos espaços abertos públicos.

Por fim, o mobiliário urbano é constituído por elementos móveis que se distribuem pela cidade, situando-se nas dimensões setorial e local, tendo implicações relevantes na forma e no equipamento da cidade. É fundamental para o desenho urbano e sua organização, bem como no que se refere à qualidade e comodidade dos espaços urbanos. Sua importância é ainda maior quando considerada a escala local, pois, apesar de não marcar de forma evidente a paisagem urbana, sua ausência é sentida pelos usuários dos espaços.

Já para Lynch (1999), os elementos isolados do desenho urbano são: vias, limites, marcos, pontos nodais e regiões.

Para o autor, as vias, que também podem ser chamadas de rede de linhas habituais ou potenciais de deslocamento, constituem-se na melhor maneira de ordenar o todo, devendo haver ainda diferenciação entre as principais e as circundantes. São as vias organizadas que estruturam a cidade.

O limite, assim como as vias, exige uma continuidade formal ao longo de sua extensão, podendo assinalar um claro gradiente das características de uma área e unir claramente duas regiões limítrofes.

Marcos são elementos singulares, que contrastam com seu contexto ou seu plano de fundo, não sendo necessariamente um objeto de grandes dimensões, estando diretamente relacionado à percepção.

Os pontos nodais são pontos de referência conceituais, necessitando ser dotado de uma identidade e localizando-se num lugar distinto e inesquecível. Será mais definido se tiver um limite nítido.

Uma região delimita-se pela existência de homogeneidade em sua qualidade espacial, ou por ser realmente uma região espacial, ou seja, um contínuo estruturado de forma espacial.

2.3 ESPAÇO E PAISAGEM URBANA

O espaço e a paisagem da cidade são estruturados em diversas dimensões espaciais e variadas tipologias espaciais e paisagísticas, de acordo, inclusive, com seus variados componentes.

2.3.1 Dimensões e tipologias espaciais urbanas

O espaço público define aspectos qualitativos para a cidade, porque indica a qualidade de vida da população e da cidadania de seus habitantes. Cerdá, o urbanista da quadrícula, defende que na cidade, as quadras não são estradas, e devem ser priorizados os espaços públicos como estratégia de fazer cidade sobre a cidade (BORJA, s.d.).

Mais especificamente, o processo de colonização no Brasil desencadeou a organização dos espaços, sendo que os colonizadores os organizaram, ou até os recriaram, de acordo com suas próprias necessidades e interesses (KLOSS, 2006).

A configuração dos espaços possui desempenhos diferenciados relativos a expectativas sociais de diversas naturezas: possibilitar ou não a acessibilidade entre locais de habitação e trabalho; provocar emoções de beleza ou de insatisfação estética; garantir ou não sombreamento de regiões de insolação excessiva; conduzir ou desorientar o deslocamento das pessoas; permitir ou restringir aglomerações, etc. embora a definição de tais aspirações nem sempre se dê de maneira explícita, ela está presente ao se formularem metas de planejamento urbano e faz com que, na verdade, a forma dos lugares seja um fator de realização de todas as práticas sociais, materializando o potencial configurativo das intenções humanas, único porque é capaz de conceder historicamente às formas físicas (KÖHLSDORF, 1996, p.22-23).

O papel da forma física nesses espaços é fundamental por concretizar o desempenho do espaço no que se refere às expectativas colocadas pelos usuários (KÖHLSDORF, 1996).

O espaço é um sistema de estruturas onde cada elemento estabelece volumes desiguais, tendo como consequência a existência de forças

diferenciadas. Desta maneira, o espaço urbano apresenta hierarquia e domínio em seu interior, havendo, assim, desigualdades em si. O espaço social é o resultado de todas essas relações, tendo como uma de suas principais características a evolução (SANTOS, M., 2004).

Esse espaço é sujeito a três fatores. O primeiro deles é uma ação exógena ao sistema, ou seja, externa; o segundo é o fator endógeno, que se refere à relação existente entre as partes do sistema; e o terceiro é misto, sendo uma combinação de elementos endógenos e exógenos (SANTOS, M., 2004).

Segundo Macedo (1986), embora os espaços livres sejam freqüentemente tratados como “sobras” no processo de planejamento e estejam associados apenas ao lazer, sendo entendidos como praças, parques e jardins, eles constituem elementos básicos na configuração e estruturação do desenho da paisagem urbana.

De acordo com Duarte (2002), o lugar é uma porção de espaço detentora de significados e onde exista o reflexo da cultura local por meio de signos existentes de maneira que possam ser utilizados como elemento de identidade.

Nesse sentido, Kohlsdorf (1996, p.20) sustenta que:

a natureza simultaneamente física e social do espaço arquitetônico e urbanístico faz com que se o caracteriza como um *lugar*, isto é, porção territorial onde se desenvolvem práticas sociais com uma gama de possibilidades muito diversificadas, onde se incluem as contemplativas, de fruição estética ou incursões cognitivas.

Cada lugar possui diversos significados por ser parte integrante da história. Desta maneira, a impressão de pertencimento permite que exista um certo vínculo emocional, como se a casa e seu entorno fossem território particular. Assim, a relação do espaço local com o indivíduo fica carregada de significados, alguns particulares e outros compartilhados por todos.

Todas as cidades contém algum tipo de símbolos públicos que concentram e impõem (mediante alta visibilidade) os ideais de poder e glória. Em uma metrópole moderna, o símbolo pode ser uma grande avenida ou praça [...] ou um monumento que capta a história e a identidade da cidade (TUAN, 1990, p.287).

Com base nessas considerações, interpreta-se o espaço local – objeto deste estudo – como parte integrante do todo, estando sujeito às relações do conjunto do sistema. Isso reflete a importância da análise do entorno, posto que influencia o espaço urbano de menor escala e é, ao mesmo tempo, influenciado por ele, já que é parte integrante do mesmo.

O espaço urbano é um produto social, resultado de ações acumuladas no decorrer do tempo e engendradas por agentes que produzem e consomem espaço. A complexidade das ações dos agentes sociais inclui práticas que levam a um constante processo de reorganização espacial. Um dos agentes que possui maior influência neste sentido é o Estado, que atua como consumidor de espaço, sendo levado por conflitos de interesses dos diferentes membros da sociedade de classes e se preocupando em criar condições de realização e reprodução da sociedade (MACEDO, 1999).

Os núcleos urbanos devem facilitar a organização e o reconhecimento dos espaços locais. Assim, os referenciais auxiliam no deslocamento dos usuários, promovendo conforto, rapidez e segurança nesta função. Os elementos responsáveis pela formação da imagem da cidade são os caminhos, os limites, os bairros, os nós e os pontos de referência, sendo que a identidade, a estrutura e a significação são características essenciais para a paisagem urbana (LYNCH, 1997). A identidade é o elemento determinado por seus caracteres próprios e exclusivos, enquanto a estrutura é formada a partir da relação espacial e formal do objeto com o observador e outros objetos; a significação é representada pelo sentido prático ou afetivo. Na Figura 6, são apresentados dois referenciais curitibanos. O primeiro é o Museu Oscar Niemeyer, localizado no bairro do Centro Cívico, sendo um referencial por sua forma diferenciada. O segundo é a Torre da Telepar, que se destaca pela sua altura, podendo ser vista de muitos pontos da cidade de Curitiba.



Figura 6 – Vistas do Museu Oscar Niemeyer e da Torre da Telepar, caracterizados como referenciais de Curitiba

Fonte: AMBIENTAL IMAGEM (2007); GUIA DA SEMANA (2007)

Lynch (1999) afirma que o panorama decorrente do espaço urbano constitui limites físicos, salientando que as pessoas têm como referência inúmeros detalhes que são diretamente relacionados com o espaço físico, no qual questões éticas são passadas do local para o usuário e vice-versa. Desta maneira, os conceitos relativos ao certo e ao errado decorrem do caráter e da natureza dos elementos responsáveis pela criação do cenário de convivência do homem.

Os espaços abertos públicos devem ser amplamente contemplados pela gestão urbana, pois são os espaços que apresentam maior apropriação por parte dos cidadãos. (BORJA, s.d.) Tais espaços são um direito garantido dos cidadãos, e também o local de manifestações e apropriação, aumentando a relação dos usuários com a cidade e criando um sentimento de pertencimento e de consolidação da cidadania.

Segundo Lamas (2004), existem três dimensões espaciais: a setorial, caracterizada pelo espaço da rua; a urbana, expressa pela escala do bairro; e a territorial, abrangendo a cidade como um todo. Esta última se articula com todas as demais.

Entretanto, é importante destacar também o espaço local, pois é nele onde ocorre a maior percepção dos cidadãos, sendo uma escala menor e, portanto, de mais fácil visualização, compreensão e conseqüente apropriação. É justamente neste espaço que este trabalho tem seu foco, considerando que os espaços públicos normalmente pertencem a esta escala local. As três dimensões podem ser observadas na seqüência de fotos do Empire State, um dos maiores edifícios do mundo, localizado em Nova York. Na Figura 7, tem-se a imagem ao nível do

observador, mostrando a escala setorial. Na Figura 8, o prédio encontra-se inserido em seu bairro, na escala urbana. Na Figura 9, tem-se a sua inserção na escala territorial, considerando-se a cidade como um todo.

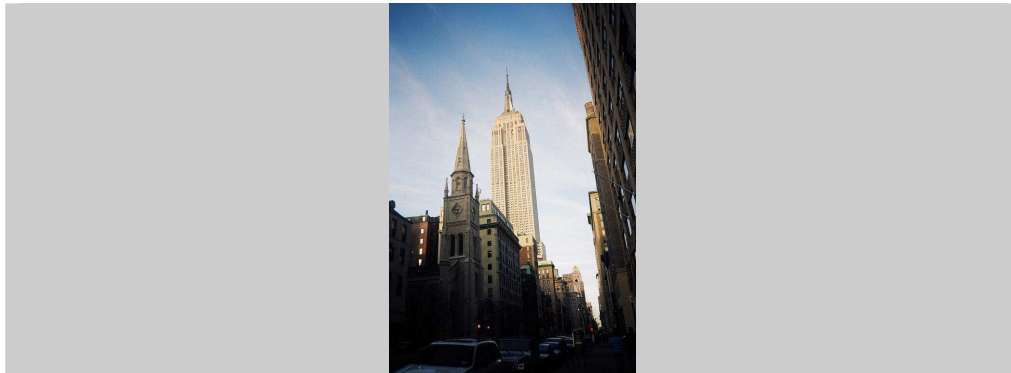


Figura 7 – Vista do Empire State, em Nova York, em sua dimensão setorial (nível do observador)
Fonte: LINHARES (2007)



Figura 8 – Vista do Empire State, em Nova York, em sua dimensão urbana (escala do bairro)
Fonte: AACC (2007)



Figura 9 – Vista do Empire State, em Nova York, em sua dimensão territorial (escala da cidade como um todo)
Fonte: GLOSK (2007)

2.3.2 Componentes e tipologias paisagísticas

Durante o decorrer do tempo, o conceito de paisagem adquiriu diferentes significados. Pires (1993), inicialmente, no princípio da formulação do conceito, paisagem era relativa à ordem social e ao ordenamento geográfico de um determinado espaço, abordando também as questões estéticas. Neste sentido, a percepção da paisagem começa a ser incorporada, considerando-se que passam a ser relevantes questões não só de cunho físico, tipológico, social e geográfico.

De acordo com Hardt (2000, p.15), a paisagem representa a:

combinação de elementos naturais (físico-químicos e biológicos) e antrópicos, inter-relacionados e interdependentes que, em determinado tempo, espaço e momento social, formam um conjunto único e indissociável, em equilíbrio ou não, e em permanente evolução, promovendo percepções mentais e sensações estéticas como um ecossistema visto.

Por ser utilizada em diversos campos de atuação, existem diferentes conceitos e interpretações do termo paisagem. Conseqüência disto é a sua variedade de enfoques e dimensões (HARDT, 2004). A primeira delas é a estética, que incorpora forma, cor e extensão do território, com caráter subjetivo por relacionar-se com aspectos perceptivos e sensitivos da paisagem. A segunda dimensão é a ecológica, referente aos limites naturais, formando um conjunto de

inter-relações e interdependências. A última é a cultural, na qual o homem exerce suas atividades e modela a paisagem, relacionando-se inclusive com fatores psicológicos. Para o presente trabalho, a dimensão estética e a cultural são as que têm maior interesse, pois se relacionam com a subjetividade, a percepção e o meio no qual os usuários estão inseridos e são parte integrante.

Segundo Kliass (1993⁵ apud KLOSS, 2006, p.12), a paisagem urbana:

representa a materialização das civilizações, espacializando suas aspirações ou, no mínimo, de seus governantes e/ou classes dominantes. A participação da população em maior ou menor grau, e o regime do poder fazem com que a paisagem das cidades atenda de forma mais ou menos direta aos desígnios de seus cidadãos.

De acordo com Bonametti (2000, p.5):

A paisagem urbana é reflexo da relação entre o homem e a natureza, podendo ser interpretada como a tentativa de ordenamento do entorno com base em uma paisagem natural, e de uma cultura, a partir do modo como é projetada e construída, como resultado da observação do ambiente e da experiência individual ou coletiva com relação ao meio.

Cullen (2006) afirma que uma edificação isolada representa somente a arquitetura; entretanto, se forem somados outros elementos urbanos, como um conjunto de edifícios, a paisagem urbana é configurada, sendo entendida por meio das relações existentes. Assim, a paisagem urbana se relaciona tanto com os diversos elementos formadores do cenário das cidades – construídos ou naturais – quanto com os espaços gerados por esses elementos.

O entendimento que se tem atualmente sobre o termo paisagem urbana tem como base a disassociação dos diversos elementos que compõem o cenário urbano. A consequência da sobreposição desses elementos é o estímulo visual, seja de maneira geral ou em relação ao elemento por si só (CULLEN, 2006).

Assim, é possível argumentar que são os valores culturais de uma determinada sociedade que se sobressaem no que diz respeito ao significado da paisagem. Considerando-se a paisagem urbana, isto fica ainda mais evidente, posto que é basicamente constituída de elementos antrópicos.

De acordo com Mascaró e Mascaró (2002), o ambiente urbano pode ser classificado em duas categorias: recintos para circulação e áreas de permanência.

⁵ Ver KLIASS, R. G. **Parques urbanos de São Paulo**. São Paulo: Pini, 1993.

Os primeiros são aqueles destinados ao trânsito de veículos e pedestres, como as faixas de rolamento, canteiros centrais e calçadas. Os segundos apresentam configuração espacial descontinuada e são mais utilizados por pedestres, compondo o conjunto de espaços abertos da cidade, como praças, largos e parques, dentre outros. Ambos são locais de impactos visuais importantes para a intervenção dos profissionais atuantes na gestão da paisagem urbana.

Para viabilizar a análise da paisagem, bem como da sua percepção, é preciso interpretar seus elementos componentes, aqui apresentados isolados, mas para que a avaliação seja coerente, devem ser interpretados tanto individual como conjuntamente.

Os espaços abertos públicos possuem uma escala diferenciada, permitindo, assim, uma análise mais detalhada dos elementos que os compõem. Hardt (2000) relata que a composição paisagística é resultante dos elementos visuais (ponto, linha, forma, cor e textura) proporcionados pelos componentes ambientais da paisagem. O arranjo destes elementos estabelece determinantes e expressões da composição da paisagem.

De acordo com Hardt (2000), os componentes da paisagem podem ser classificados em dois grupos principais: ambientais e estéticos. Os primeiros podem assumir características mutáveis, móveis ou fixas, e influenciam, de maneira direta, os componentes estéticos da paisagem.

Segundo a autora, os componentes ambientais referem-se ao ecossistema, interpretado como a soma dos sistemas natural e antrópico. O sistema natural é composto por elementos físicos e biológicos, enquanto o antrópico por aspectos territoriais, sociais, econômicos e institucionais.

O meio físico é composto por: clima, ar, água, solo e subsolo. As alterações do clima e do ar podem interferir na percepção da paisagem, por meio das diversas estações do ano, ou da sensação de frio ou calor, sendo estes efeitos mutáveis. A água, que é móvel e mutável, nos espaços urbanos pode ser um

elemento lúdico ou de amenização climática. O solo e o subsolo apresentam no relevo a sua maior significância na paisagem, tendo caráter fixo. Entretanto, o homem tem como manipular esta característica, interferindo bruscamente na paisagem natural da maneira que lhe convier.

O meio biológico inclui a fauna e a flora. A primeira é móvel, enquanto a segunda é mutável devido ao seu crescimento e aos efeitos da sazonalidade.

Em relação ao sistema antrópico, os aspectos territoriais referem-se ao uso e à ocupação do solo – ou seja, ao caráter qualitativo e quantitativo, respectivamente – assim como à infra-estrutura e aos serviços urbanos.

Os aspectos sociais dizem respeito à demografia e à população, sendo determinados pelo ambiente socioeconômico.

Os aspectos econômicos e institucionais têm como uma de suas características mais relevantes para este trabalho a construção de referenciais de algumas características de paisagem. Estas podem ser encontradas nos setores produtivos, nas características de renda expressas nos espaços, ou ainda no setor público e em instrumentos normativos.

2.4 CONCEPÇÃO E PERCEPÇÃO DE ESPAÇOS ABERTOS

A concepção de espaços abertos se baseia, necessariamente, no projeto e na percepção espacial, cujas bases teórico-conceituais são adiante detalhadas.

2.4.1 Projeto de espaços abertos

De maneira geral, os projetos apresentam elementos primários, forma, organização, circulação, proporção e escala, e princípios, que são eixo, simetria, hierarquia, dado, ritmo, repetição e transformação (CHING, 1999).

Os elementos primários são o ponto, a reta, o plano e os volumes. O ponto é o elemento mínimo, que marca uma posição no espaço, não tendo comprimento, largura ou profundidade, sendo estático, centralizado e sem direção. Um ponto trasladado forma uma reta, que apresenta comprimento, mas não tem largura ou profundidade, sendo capaz de expressar direção, movimento e desenvolvimento. Por sua vez, a reta trasladada em um sentido que não o seu intrínseco origina um plano, que apresenta comprimento e largura, sem ter profundidade. O plano trasladado em uma direção que não seja a sua intrínseca se converte em um volume, que apresenta comprimento, largura e profundidade (CHING, 1999).

Segundo Bacon (1974⁶ apud CHING, 1999, p.33):

A forma arquitetônica é o ponto de contato entre massa e espaço. Formas arquitetônicas, texturas, materiais, modulação de luz e sombra, cor, tudo se combina para injetar uma qualidade ou espírito que articula espaço. A qualidade da arquitetura será determinada pela habilidade do projetista em utilizar e relacionar esses elementos, tanto nos espaços internos quanto nos espaços ao redor dos edifícios.

A forma pode ser regular, irregular, centralizada, linear e radial. As formas regulares são aquelas cujas partes estão relacionadas uma às outras de maneira consistente e organizada, sendo de natureza estável e simétrica em torno de um ou mais eixos. As irregulares são aquelas cujas partes são de natureza dessemelhante e se que se relacionam entre si de maneira aleatória. As centralizadas são aquelas que exigem o predomínio visual de uma forma geometricamente regular, situada no centro. As lineares são aquelas que podem “resultar de uma mudança proporcional nas dimensões de uma forma ou da posição de uma série de formas distintas ao longo de uma linha” (CHING, 1999, p.60). Sobre a forma radial, Ching (1999, p.65) diz que a sua organização:

pode ser vista e compreendida de uma maneira melhor do ponto de vista aéreo. Quando visto a partir do nível do solo, seu elemento nuclear pode não se fazer claramente visível e o padrão radial de seus braços lineares pode ser obscurecido ou distorcido pelo esboço da perspectiva.

Para Ching (1999, p.190), a organização pode ser centralizada, linear e radial. A organização centralizada é aquela que “constitui uma composição estável e concentrada, que consiste em uma série de espaços secundários agrupados ao redor de um grande espaço central dominante”. A linear é composta por uma série

⁶ Ver BACON, E. **Design of cities**. Nova York: The Viking Press, 1974.

de espaços, que podem estar diretamente relacionados uns aos outros ou ainda ligados por meio de um espaço linear separado. Normalmente, consiste em espaços repetitivos, com características semelhantes de tamanho, forma e função. A radial é aquela que combina elementos das organizações centralizadas e lineares, tendo um espaço central dominante a partir do qual partem eixos de maneira radial.

São importantes elementos de circulação: acesso, configuração da via, relações entre via e espaço e a sua forma de circulação. O acesso é o limite que de fato, permite o transporte para dentro de um local. A configuração da via de circulação tem caráter essencialmente retilíneo, mas pode ser radial, em espiral, em malha, em rede ou composta. A relação da via com o espaço pode ocorrer das seguintes maneiras: passar por meio deles (a integridade de cada ambiente é mantida, a via apresenta configuração flexível e os locais intermediários podem ser utilizados para ligar a via aos mesmos); passar através dos mesmos (a via cria padrões de repouso e movimento dentro deste); e terminar em um espaço, onde sua localização estabelece a via, sendo que esta relação é utilizada para o acesso e entrada funcional ou simbólica em ambientes importantes. A forma de locais de circulação varia de acordo com a maneira como seus limites são definidos; sua forma se relaciona à dos espaços que conecta; suas qualidades de escala, proporção, luz e vista são articuladas; as entradas dão para esse ambiente; e como manipula as mudanças de nível com escadas e rampas. Um local de circulação pode ser fechado, aberto em um dos lados, e aberto em ambos os lados (CHING, 1999).

Em relação à proporção e escala, destaca-se a escala visual e a humana.

Enquanto a proporção diz respeito a um conjunto ordenado de relações matemáticas entre as dimensões de uma forma ou espaço, a escala se refere à maneira como percebemos ou julgamos o tamanho de algo em comparação a outro referencial (CHING, 1999, p.313).

A escala visual refere-se a quanto um objeto é grande ou pequeno em relação ao seu tamanho normal ou ao de outro elemento de seu contexto, e a humana é aquela que se baseia nas dimensões e proporções do corpo humano.

Sobre os princípios, lista-se eixo, simetria, hierarquia, dado, ritmo, repetição e transformação. O eixo é a maneira mais elementar de organizar formas e

espaços, constituindo-se em uma “reta estabelecida por dois pontos no espaço, em relação à qual formas e espaços podem ser dispostos de uma maneira regular ou irregular”. Existem dois tipos fundamentais de simetria: bilateral e radial. A simetria bilateral “refere-se ao arranjo equilibrado de elementos semelhantes ou equivalentes em lados opostos de um eixo mediano, de modo que somente um plano possa dividir o todo em metades essencialmente idênticas” (CHING, 1999, p.322).

A radial se refere ao arranjo equilibrado de elementos semelhantes, irradiados, de modo que a composição possa ser dividida em metades semelhantes ao se traçar um plano em qualquer ângulo em relação a um ponto central ou ao longo de um eixo central (CHING, 1999, p.330).

Na Figura 10, são apresentados dois exemplos de paisagens. O da esquerda é de um jardim renascentista localizado em Villandry, na França, com a presença marcante de vegetação, uso de topiaria e traçado linear com grandes eixos. O exemplo da direita mostra um projeto mais contemporâneo, da autoria de Roberto Burle Marx, localizado no Rio de Janeiro, onde se nota o traçado orgânico e a vegetação com menor intervenção humana, além da preocupação relacionada ao ambiente, utilizando plantas nativas da região. Este exemplo é ainda mais enfático no que se refere à questão ambiental por se tratar de um jardim na sobre laje, auxiliando na climatização da edificação.



Figura 10 – Vistas de paisagens: jardins de Villandry e projeto de Roberto Burle Marx
Fonte: JARDIM DE FLORES (2007); HOCHSCHULE NEUBRANDENBURG (2007)

2.4.2 Percepção espacial

Observar a cidade como arquitetura requer que se a veja como uma modalidade do espaço transformado por ações humanas, especificando suas características de extensão física, mas também de contexto histórico e traços analíticos (KOHLSDORF, 1996, p.25).

As questões analíticas de apreensão do espaço são voltadas para as aspirações sociais no que se refere à possibilidade de informar, pelos lugares freqüentados. Lugares esses que possuem a capacidade de transmitir mensagens interpretadas como “revelação de certos sinais codificados” (KOHLSDORF, 1996, p.26).

A arquitetura urbana comunica-nos informações de várias naturezas, expressando suas diversas características por meio de signos captáveis pelo nosso sistema dos sentidos. Portanto, sua apreensão é expectativa social básica para a avaliação do comportamento dos lugares, como resposta às demais aspirações dos indivíduos. Passam, pela informação sensivelmente manifesta, desempenhos arquitetônicos como certo dimensionamento de rua adequado ao fluxo de veículos que recebe; uma combinação satisfatória de atividades, porque as otimiza; condições confortáveis de ventilação ou insolação das áreas livres; barreiras que inviabilizam o desejo de se deslocar de um lugar para outro; a emoção de beleza ou fealdade diante de uma praça; monumentos, rua, etc. Os juízos de utilização dos lugares realizam-se a partir de resultados situados nesse meio de comunicação direta, ainda que não se esgotem aí e necessitem ter suas leis de estruturação fenomênica reveladas por meio de observações mais profundas (KOHLSDORF, 1996, p.26).

Desta maneira, os lugares oferecem informações relativas a diversos aspectos de sua arquitetura, correspondentes a aspirações situadas diferentemente em cada um dos aspectos citados.

A percepção visual relaciona-se diretamente com a paisagem, pois ocorre devido à existência do ecossistema visto. Entretanto, envolve diversos sentidos além da visão, como o olfato, a audição, o tato e, mesmo, o paladar.

A paisagem pode ser, então, interpretada como uma realidade que o ser humano configura em sua mente. Por isso, apresenta alto grau de subjetividade e envolve a percepção sensorial (JORDANA, 1992).

A identidade urbana pode ser vista sob o prisma da individualidade. Isto significa que, para que exista a relação de identidade entre o ser humano e seu meio, o ambiente deve ter características próprias, inclusive para a concepção de referenciais, favorecendo a existência de símbolos e significados urbanos. Desta

maneira, a cidade representa a complexa sociedade e se torna um espaço de representação (LYNCH, 1997).

As experiências visuais, a partir das quais o ambiente é capaz de suscitar respostas emocionais, tem suas respostas geridas de três maneiras distintas. A primeira dela diz respeito à ótica, que leva em consideração as reações percebidas do ambiente a partir de percepção exclusivamente visual. A segunda refere-se ao lugar, que é a posição do homem em relação aos elementos componentes do ambiente imediato; assim, existe um sentido topológico, gerando sentimentos de pertencimento, territorialidade e posse. Por fim, tem-se o conteúdo, que se relaciona com o conjunto de significados percebidos no espaço, como, por exemplo, cor, textura e escala. Por meio dessas três maneiras de obter respostas emocionais, é formado o conhecimento, que, somado à experiência diária, geram o conceito de identidade (DEL RIO, 2003).

A identidade urbana deve conseguir, por meio da imagem ambiental, proporcionar significados ao observador, entendendo-se identidade como a diferenciação, identificação, personalidade e individualidade de uma área em relação à outra (DEL RIO, 2003; LYNCH, 1997).

De acordo com Ferrara (2000), o estímulo visual antecede a percepção da imagem urbana, que, por sua vez, transcende a visibilidade. Entende-se que esta é formada por diversos sentidos e representa um modo de se perceber a realidade de forma mais complexa por envolver os sistemas de idéias e as relações de memórias culturais.

Para que o ser humano possa estabelecer uma analogia de identidade, é preciso uma imagem única ou especial, que a caracterize e consiga transformar a imagem em um lugar. Para que o indivíduo se sinta pertencente a um determinado lugar, é necessário que atue no processo produtivo e na esfera social, assimilando a cultura que emana deste lugar (SANTOS, M., 1998).

Segundo Holzer (1999), diversos autores destacam a estabilidade e a identidade do lugar, que se refere ao seu sentimento, sendo conseqüência de experiências subjetivas, gerando a familiaridade, ou seja, a noção particularizada do local.

Duarte (2002) comenta que o espaço é percebido segundo seus fluxos e fixos, sendo que aqueles podem trafegar não solicitando novos espaços, mas infiltrando-se nos já existentes. É de responsabilidade das políticas urbanas usá-los de maneira estratégica, valorizando seus fixos. Tanto os fluxos quanto os fixos envolvem características intelectuais, culturais e sensoriais. Entretanto, apresentam-se com intensidade e predominância diferenciadas, considerando-se que o espaço é apreendido de acordo com os filtros culturais, que, por sua vez, são construídos pela linguagem.

Tuan (1990) confirma que o homem se relaciona e compreende o meio de maneira única, somando-se valores sentimentais relacionados ao lugar em que vive, tendo como base as uniformizações culturais, que, por sua vez, são moldados pelo condicionamento do ambiente de determinada sociedade.

De acordo com Lira Filho (2001), a paisagem é associada à imagem, e ambas são interpretadas de maneira única pelo observador. Esta variedade se deve a fatores culturais individuais, entre outros, como a frequência de utilização e modo de observação. O autor interpreta a paisagem como a consciência humana que existe em um ambiente, sendo produto do seu potencial imaginativo e criador, uma contemplação visual formulando significados e novas imagens.

Rodrigues (1986⁷ apud GABARDO, 2001) coloca a questão de até que ponto o projeto consegue ter a sua intenção percebida, e também como um cidadão comum – o usuário real dos espaços – consegue realizar a leitura desses espaços. O autor considera possível a interpretação dos procedimentos organizacionais da sociedade por meio de seus símbolos edificados e também da própria urbe.

A apreensão dos lugares dá-se, necessariamente, a partir de sua forma física, conforme diversas abordagens arquitetônicas e geográficas da cidade, e também nos estudos centrados nos mecanismos cognitivos. Esse fato requer análise do espaço como forma física e resultado da ordenação de elementos morfológicos segundo certas leis. Em outras palavras, é preciso que se observe os lugares como *composições plásticas*, isto é, elementos relacionados em conjuntos, ou ainda, *totalidades* (KOHLSORF, 1996, p.31).

⁷ Ver RODRIGUES F. M. **Desenho urbano** – cabeça, campo e prancheta. São Paulo: Projeto, 1986.

A noção de totalidade implica na composição, que é resultado da articulação de elementos, sendo indispensável o relacionamento entre todo e partes. O conceito de “elementos” tem um enfoque anatomista, enquanto o de “partes” uma visão universalista, de forma que, para Kohlsdorf (1996, p.31), a idéia de elemento “conota menos os microuniversos constituintes das partes de qualquer totalidade e que são fundamentais para a análise morfológica dos lugares”.

Segundo a mesma autora, os desempenhos da apreensão da forma dos espaços, o item “a apreensão da forma dos espaços” divide-se em sensações, percepção, formação da imagem mental, intuição e formação da noção de espaço.

As sensações são responsáveis pelo primeiro contato com os lugares, sendo a ligação da consciência com a realidade objetiva.

A percepção tem como matéria-prima as sensações, resultando das mesmas como nova qualidade do reflexo sensorial (KOHLSDORF, 1996).

Em relação à formação da imagem mental, “a imaginação é entendida como uma atividade composta pela coordenação de imagens mentais, e que aparece quando o indivíduo adquiriu certo desenvolvimento cognitivo que lhe permite simbolizar” (KOHLSDORF, 1996, p.58).

A intuição, “lógica” segundo a qual se afirma, mas não se demonstra, apela aos sentidos, à percepção e à imaginação, permitindo o desenvolvimento cognitivo necessário para organização de seus elementos, a partir do primeiro contato.

A formação da noção de espaço relaciona-se com a localização do corpo no espaço, com o estabelecimento de vínculos entre o corpo e os limites físicos e perceptíveis do local. “A construção topológica do espaço é seqüenciada por sua definição *perspectiva*, produzida exclusivamente pelo tipo de imagem colhida pela retina humana” (KOHLSDORF, 1996, p.60).

Neste sentido, justifica-se a análise da percepção dos espaços urbanos, por levar em consideração os referenciais existentes em um determinado local, assim como os espaços são percebidos, considerando-se que cada indivíduo o percebe de maneira única e singular. Comparando-se esta análise com as diretrizes

projetuais dos autores dos referidos espaços, é possível criar diretrizes para que estas intenções sejam adequadamente percebidas pelos usuários.

Entretanto, a capacidade de percepção e de leitura dos espaços urbanos pode não ser apreendida pela totalidade da população, considerando-se que cada indivíduo tem o seu próprio entendimento. Como consequência, tem-se que cada indivíduo possui os seus próprios referenciais, entendidos à sua maneira.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Além do enquadramento da pesquisa e da explicitação dos métodos e técnicas empregados na sua elaboração, faz-se necessária também uma breve caracterização da área de estudo.

3.1 ENQUADRAMENTO DA PESQUISA

De acordo com o preconizado por Santos, A. R. (2004), a pesquisa caracteriza-se segundo seus objetivos, fontes e respectivos procedimentos de coleta.

Em relação aos objetivos, a presente pesquisa pode ser caracterizada como exploratória, descritiva e analítica.

Segundo o autor, a exploratória é aquela em que é feita uma primeira aproximação acerca do tema, buscando-se maior familiaridade com um fato, fenômeno ou processo, por meio da prospecção de materiais que evidenciem a real importância do problema e das informações já disponíveis. Para tanto, esta fase baseia-se no levantamento bibliográfico e em entrevistas com especialistas no tema, entre outras técnicas.

Pelo método descritivo, faz-se o levantamento das características conhecidas que compõem o tema, sendo efetivada por meio de inventário ou observações sistemáticas sobre o mesmo.

A pesquisa analítica consiste em explicar e criar uma teoria plausível a respeito do tema, consistindo em técnicas explicativas, que se preocupam com a identificação dos fatores que contribuem para a ocorrência dos fatos, para a sua determinação ou para a forma da sua ocorrência.

Santos, A. R. (2004) afirma que as fontes de pesquisa consistem nas situações e nos lugares a partir dos quais são extraídos os dados necessários, podendo ser: campo, laboratório e bibliografia.

O campo é o local natural de acontecimento dos fatos, de onde se extraem os dados *in natura*. Normalmente, a pesquisa de campo é realizada por meio de observação direta, levantamento local ou estudo de caso, sendo esta a principal fonte utilizada nesta pesquisa. A de laboratório, não utilizada neste estudo, pode ser executada por interferência artificial na produção do fato ou artificialização de sua leitura ou captação. A bibliografia é o conjunto de materiais escritos sobre determinado assunto, constituindo-se em fonte de dados organizados e analisados como informações e idéias prontas (SANTOS, A. R., 2004).

Para o autor, os procedimentos de coleta de dados, que são métodos práticos utilizados para reunir informações necessárias para a construção dos raciocínios acerca de determinado fato, as pesquisas podem ser caracterizadas em bibliográfica, de levantamento e experimental, cujas respectivas fontes são a bibliografia, o campo e o laboratório, sendo que apenas as duas primeiras são utilizadas neste estudo.

A pesquisa bibliográfica consiste na utilização total ou parcial de materiais escritos, como livros, publicações periódicas e anais de eventos científicos, dentre outros. O levantamento, que consiste em perguntar diretamente a determinado grupo de interesse a respeito dos dados que se deseja obter, é realizado em três etapas: seleção de uma amostra significativa e aplicação de questionários ou formulários, tabulação e análise quantitativa dos dados e aplicação dos resultados com margem de erro estatisticamente prevista ao universo gerador da amostra.

A pesquisa experimental consiste em realizar ensaios, reproduzindo-se um fato de maneira controlada. Entretanto, a pesquisa documental, a *ex post facto*, a pesquisa-ação e o estudo de caso são variações importantes das formas fundamentais dos procedimentos de coleta. A documental é caracterizada pela utilização de fontes de informação bibliográfica ainda não organizadas, como tabelas estatísticas, relatórios etc. A pesquisa *ex post facto* – ou “a partir de depois do fato” – é experimental, sendo que o acontecimento pode ocorrer naturalmente, anteriormente ou sem o controle do pesquisador, partindo daí a observação. A pesquisa-ação ocorre quando existe interesse coletivo na resolução de um problema, sendo uma tipologia de investigação participativa. O estudo de caso, utilizado nesta dissertação, consiste na seleção de um objeto de pesquisa restrito possibilitando o aprofundamento no que se refere aos seus aspectos característicos (SANTOS, A. R., 2004).

3.2 ÁREA DE ESTUDO

No dia 29 de março de 1963, foi fundada a Vila de Nossa Senhora da Luz e Bom Jesus dos Pinhais, próximo a atual Praça Tiradentes. Nesta região, encontra-se o “marco zero”, que, geograficamente, indica o “local inicial” de uma cidade, ou seja, o ponto a partir do qual eram tomadas as distâncias para a demarcação de uma vila (PMC, 2007).

Curitiba possui tradição em planejamento urbano desde o século XIX, quando foi escolhida para sediar a capital do Estado do Paraná, no ano de 1853. Até a década de 1940, adequou-se ao rápido crescimento populacional. Entretanto, a história formal do planejamento da cidade teve início em 1943, com o Plano Agache, sendo aprovada a primeira lei de zoneamento de uso e ocupação do solo em 1953. No ano de 1964, foi elaborado o Plano Preliminar de Urbanismo. Para sua viabilização, foi criado o Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (Ippuc). Em 1966, foi aprovado o Plano Diretor de Urbanismo. Mas, é somente na década de 1970 que este plano começa a ser efetivamente implementado. A partir dos anos 1980, cresce a participação popular no cenário nacional, com a consolidação dos movimentos populares. Na década de 1990, Curitiba inicia a adoção de ações para seu desenvolvimento sustentável. Nos últimos cinco anos, politicamente foi priorizada a construção de uma cidade mais humana, onde a estruturação urbana do território garanta um desenvolvimento sustentável e integrado (IPPUC, 2005).

Como área específica de estudo, foi selecionada a região central de Curitiba, tanto por ser aquela que deu origem à cidade quanto por se encontrar degradada por diversos fatores, como as mudanças decorrentes da globalização e o adensamento populacional, dentre outros. Em termos mundiais, cada vez mais as áreas centrais têm se tornado importante objeto de estudo. Neste âmbito, esta pesquisa visa colaborar com o objetivo maior de recuperar as áreas centrais, abordando o tema dos espaços abertos urbanos.

A área de estudo pode ser observada na Figura 11, que mostra o mapa da cidade de Curitiba como um todo e, em destaque, o bairro Centro e os que compõem o seu entorno – Centro Cívico, Alto da Glória, Alto da Rua XV, Cristo Rei, Jardim Botânico, Rebouças, Água Verde, Batel, Bigorilho, Mercês e São Francisco.

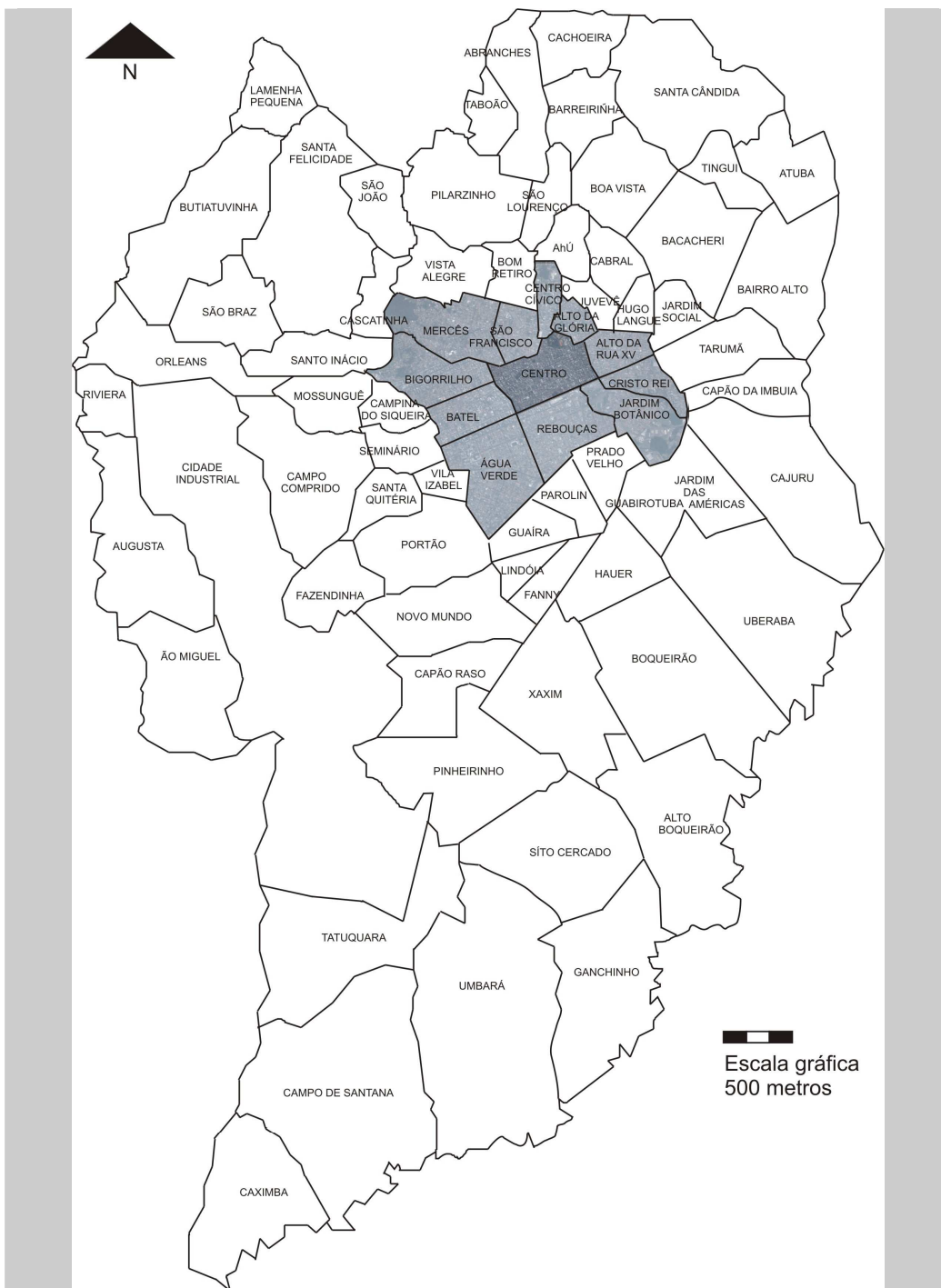


Figura 11 – Mapa de Curitiba com divisão dos bairros e área de estudo em destaque
 Fonte: Elaborada com base em PMC (2007).

De acordo com PMC (2007), o ponto inicial do bairro Centro encontra-se na confluência das ruas Conselheiro Araújo e Ubaldino do Amaral, seguindo por esta e alcançando a Avenida Sete de Setembro, Rua Desembargador Mota, Rua Professor Fernando Moreira, Alameda Augusto Stelfeld, Travessa Nestor de Castro, Rua Barão do Cerro Azul, Praça Dezenove de Dezembro, Avenida João Gualberto e ruas Padre Antonio, General Carneiro e Conselheiro Araújo até o ponto inicial (Figura 12).

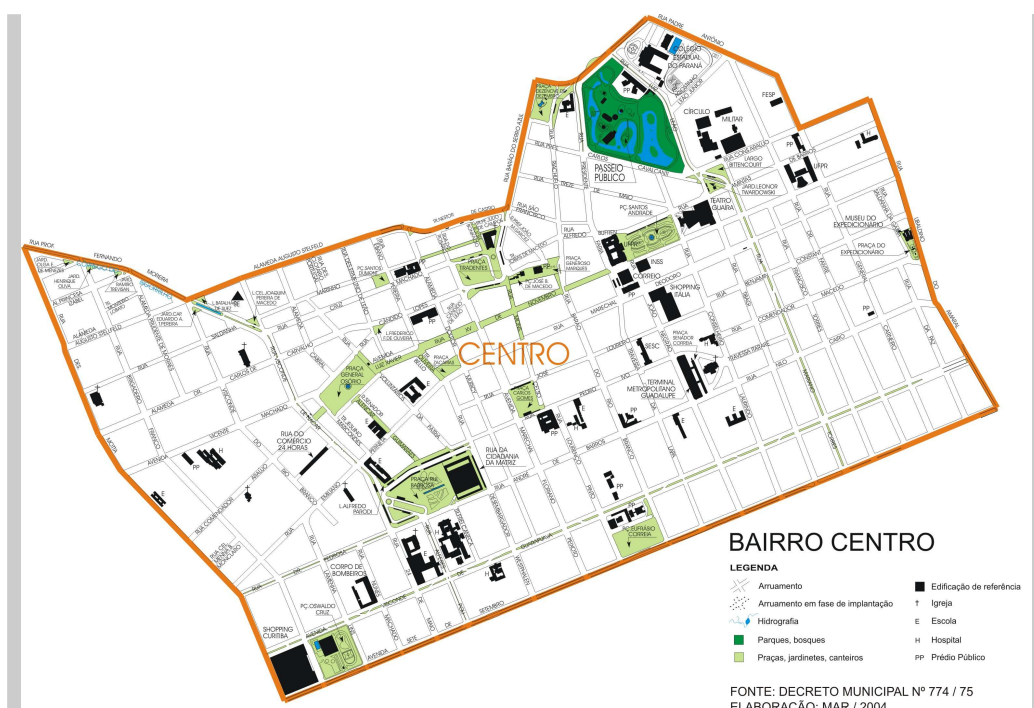


Figura 12 – Mapa de delimitação do bairro Centro
Fonte: IPPUC (2007)

Segundo PMC (2007), o bairro Centro possui área de 329,70 ha (Tabela 1), representando 0,76% do município.

Tabela 1 – Área do bairro Centro de Curitiba e sua relação com a regional e com o município

INDICADOR	BAIRRO	REGIONAL	MUNICÍPIO
área (ha)	329,70	3.628,80	43.217,00
% da área do município	0,76	8,40	99,99

Fonte: PMC (2007)

A população total do bairro, no ano de 2000 (Tabela 2), era de aproximadamente 32.500 habitantes, sendo maior o número de mulheres, superando os homens em 5.000 pessoas. A taxa de crescimento anual era de -2,33, contrastando com a taxa positiva de 1,82 do município de Curitiba.

Tabela 2 – Dados populacionais do bairro Centro de Curitiba, na regional e no município

INDICADOR	BAIRRO	REGIONAL	MUNICÍPIO
Densidade demográfica (2000)	98,95	-	36,73
Idade média da população (anos – 2000)	37,41	-	29,87
População: homens (2000)	13.961	91.460	760.854
População: mulheres (2000)	18.662	110.850	826.467
População total (2000)	32.623	202.304	1.587.315
Taxa de crescimento anual (1996-2000)	-2,33	-	1,82

Fonte: PMC (2007)

Em relação às atividades econômicas, o Centro apresenta grande variedade de serviços prestados à população, representando 14,5% do total da cidade. Oferece agências bancárias, comércio, flats, hotéis, restaurantes, serviços e shoppings, dentre vários outros (PMC, 2007).

De acordo com os dados constantes na Tabela 3, o Centro conta com 7 jardinetes, 5 largos e 1 parque.

Tabela 3 – Parques e praças do bairro Centro de Curitiba, na regional e no município

INDICADOR	BAIRRO	REGIONAL	MUNICÍPIO
Bosques	0	2	14
Centros esportivos	0	0	2
Eixos de animação	0	0	15
Jardinets	7	0	406
Jardins ambientais	0	0	3
Largos	5	37	54
Núcleos ambientais	0	0	30
Parques	1	0	17
Praças	14	0	416

Fonte: PMC (2007)

A habitação no bairro central é composta essencialmente por domicílios, não existindo condomínios. A média de habitantes por domicílio é de 2,15 (Tabela 4).

Tabela 4 – Habitação no bairro Centro de Curitiba, na regional e no município

INDICADOR	BAIRRO	REGIONAL	MUNICÍPIO
Conjuntos habitacionais – Cohab (2003)	0	3	445
Conjuntos habitacionais – Cohalar - até 1998	0	1	36
Conjuntos habitacionais – Inocoop – até 1998	0	6	47
Conjuntos habitacionais – Ipe – até 1998	0	2	15
Domicílios (2000)	15.205	76.491	479.341
Habitantes por domicílios (2000)	2,15	-	3,31
Vilas do Ofício (2004)	0	1	15

Fonte: PMC (2007)

Notas: Cohab = Companhia de Habitação Popular de Curitiba
Cohapar = Companhia de Habitação do Paraná
Inocoop = Instituto de Orientação às Cooperativas Habitacionais
Ipe = Instituto de Previdência e Assistência aos Servidores do Estado do Paraná

O bairro possui um centro municipal de esporte e lazer, além de 12 museus e 19 teatros, dentre eles o Teatro Guaíra (Tabela 5).

Tabela 5 – Equipamentos de esporte e lazer do bairro centro de Curitiba, na regional e no município

INDICADOR	BAIRRO	REGIONAL	MUNICÍPIO
Centro Municipal de Esporte e Lazer	1	6	28
Museu	12	23	26
Teatro	19	28	34

Fonte: PMC (2007)

O Centro possui quase 110.000 m² de áreas verdes, representando apenas 0,14% do total existente na cidade (Tabela 6).

Tabela 6 – Áreas verdes do bairro centro de Curitiba, na regional e no município

INDICADOR	BAIRRO	REGIONAL	MUNICÍPIO
Área verde (m ²)	109.368,70	-	77.786.020,60
Área verde por habitante (m ²)	3,35	-	49,00
Percentual de área verde em relação a ao município	0,14	-	100,00
Percentual da área do bairro	3,32	-	100,00

Fonte: PMC (2007)

Os espaços livres do Centro encontram-se diretamente relacionados, apresentando-se, na maior parte dos casos, como um só espaço; os que não se relacionam diretamente, são interligados pelo sistema viário. Os espaços de estudo podem ser identificados pela cor laranja. Os demais são representados com a cor cinza, podendo-se observar, assim, o sistema formado pelos espaços abertos do Centro de Curitiba.

3.3 MÉTODOS E TÉCNICAS

A presente pesquisa é estruturada nas etapas expostas no Quadro 03, com o intuito de atender aos objetivos específicos explicitados na seção 1 (Introdução).

ETAPAS	MÉTODOS	TÉCNICAS	FONTES	RESULTADOS
Estabelecimento do referencial teórico-conceitual	Exploratório	Pesquisa bibliográfica	Bibliografia, webgrafia e outras fontes secundárias	Redação da respectiva seção da dissertação
Delimitação da área e seleção dos espaços de estudo	Exploratório	Definição de critérios para seleção das áreas	Campo e fontes secundárias	Geração de mapas com delimitação dos espaços de estudo
Levantamento e caracterização dos espaços selecionados	Exploratório e descritivo	Estabelecimento de critérios para registro fotográfico e pesquisa de campo	Fotografias e imagens do Google Earth	Levantamento físico e fotográfico
Análise da percepção das diretrizes projetuais dos espaços de estudo	Exploratório e analítico	Pesquisa documental e entrevistas	Projetos e fotografias dos espaços de estudo	Tabulação de dados e análise das diretrizes projetuais
Percepção das obras pelos usuários	Exploratório, descritivo e analítico	Pesquisa de campo com aplicação de questionários	Entrevistas	Tabulação de dados e análise da percepção dos usuários
Confrontação da percepção das diretrizes projetuais por profissionais com a dos usuários	Exploratório e analítico	Estudo de caso	Resultados anteriores e fontes secundárias	Análise comparativa dos resultados e discussão
Formulação de subsídios para projetos de espaços abertos	Exploratório e analítico	Estudo de caso	Resultados finais e fontes secundárias	Redação conclusiva, apoiada em discussão dos resultados

Quadro 03 – Estrutura da pesquisa
 Fonte: Elaborado com base em Gil (2002).

3.3.1 Estabelecimento do referencial teórico-conceitual

Para o estabelecimento do referencial teórico-conceitual específico para o tema, foi utilizado o método exploratório, que tem como fontes a bibliografia, a webgrafia e outras secundárias, sendo apoiado na técnica de pesquisa bibliográfica. Os resultados obtidos consistem na redação da respectiva seção da dissertação, relacionada à revisão da literatura, abordando os seguintes itens: gestão e planejamento, morfologia e forma, espaço e paisagem, concepção e percepção de espaços urbanos.

3.3.2 Delimitação da área e seleção dos espaços de estudo

Para a escolha dos espaços de estudo, utilizou-se o método exploratório, com a técnica de definição de critérios para seleção das áreas e com a pesquisa documental, elaborando-se mapas dos locais selecionados. As fontes utilizadas são primárias (campo) e secundárias (bibliografia e outras). Como resultado, tem-se a geração de mapeamento com delimitação dos espaços de estudo.

Para determinação dos espaços estudados, tomou-se por base a pesquisa de Feiber (2005), na qual foram apresentadas a moradores e transeuntes do Centro de Curitiba, 56 fotografias de diversos espaços para que fossem indicados aqueles que pertenciam ao bairro central, principalmente no subitem sobre a percepção geral da primeira imagem do Centro, a partir do qual foram retiradas as tabelas utilizadas como base para elaboração dos mapas das áreas reconhecidas como pertencentes à região central de Curitiba.

Assim, os espaços estudados são aqueles reconhecidos como integrantes do bairro Centro, possibilitando a sua configuração com base na percepção dos usuários.

A partir das entrevistas com moradores e com transeuntes do bairro, foram elaborados mapas que evidenciam diferentes áreas formadas por locais identificados como pertencentes à área central.

Para a aplicação dos questionários, os espaços abertos foram agrupados de acordo com sua tipologia, sendo aplicados questionários apenas no espaço mais citado de cada tipologia, dada a importância da confrontação da percepção das diretrizes projetuais com a dos usuários, não de âmbito quantitativo, mas essencialmente de forma representativa.

Para a consistência do agrupamento dos espaços de acordo com a tipologia, utilizou-se como base o questionário aplicado para percepção das diretrizes projetuais e dos usuários (Apêndice A), estudando-se, assim, os espaços mais representativos para cada elemento.

Para tanto, foi solicitado a 31 arquitetos com experiência em projetos de áreas livres urbanas que assinalassem o elemento mais representativo para cada espaço, de forma que cada um ordenou os critérios de acordo com sua memória mental da percepção visual de cada área. Os resultados encontram-se sistematizados na Tabela 7.

Para determinação dos espaços de estudo, foi levado em consideração o espaço mais citado para cada elemento (em negrito na tabela), obtendo-se:

- a) Rua XV de Novembro – circulação de pedestres e eixos estruturantes;
- b) Praça Osório – água, paginação de piso e vegetação arbórea;
- c) Praça Rui Barbosa – ambiente de estar, entorno, mobiliário urbano e outro (ônibus);
- d) Praça 19 de Dezembro – presença de monumentos;
- e) Praça Garibaldi – vegetação não-arbórea;
- f) Praça Oswaldo Cruz – área de recreação.

Tabela 7 – Tabulação dos resultados dos questionários referentes às tipologias dos espaços de estudo (memória mental da percepção visual dos espaços por profissionais)

	Rua XV de Novembro	Praça Osório	Praça Tiradentes	Praça Rui Barbosa	Largo da Ordem	Praça Santos Andrade	Praça Carlos Gomes	Passaio Público	Praça Zacarias	Praça 19 de Dezembro	Praça Garibaldi	Ruínas São Francisco	Praça Oswaldo Cruz	Praça Generoso Marques
Água		7			1	6		6	6					1
Ambiente de estar		1	1	2	2	2					2	2		
Circulação de pedestres	23	2	3	10	8		9		14			3		4
Área de recreação		1			4			7				3	26	
Eixos estruturantes	8		5	2		8	2			4				
Entorno			5	8	8		1				5	7		5
Mobiliário urbano		2	2	5	3		4		3		3		3	
Presença de monumentos			11		4	8				22	2	7		12
Paginação de piso		1			1	1					1	1		1
Vegetação arbórea		16	4			5	11	15				1		
Vegetação não-arbórea		1							5	4	16	1		
Outro (ônibus)				2										

Fonte: Elaborado com base no questionário aplicado para percepção das diretrizes projetuais.

Para que os espaços de estudo não fossem interpretados apenas por um elemento, limitando a análise, foram desconsiderados os três últimos espaços (praças 19 de Dezembro, Garibaldi e Oswaldo Cruz), de forma que promover a ruptura da homogeneidade e da uniformidade.

Para garantia de maior representatividade, optou-se por selecionar os espaços em que o elemento mais citado tivesse indicação maior de 50% dos

entrevistados, ou seja, mais de 16 citações. Dessa forma, excluiu-se a Praça Rui Barbosa, que teve apenas oito respostas no elemento mais representativo, no caso, o mobiliário urbano. Assim, os espaços nos quais foram aplicados os questionários são a Rua XV de Novembro e a Praça Osório.

Com vistas à caracterização dos respondentes, lhes foi solicitado o fornecimento das seguintes informações: idade, sexo, tempo de moradia em Curitiba, tempo de formado e principal área de atuação.

A média de idade dos profissionais entrevistados é de aproximadamente 29 anos, sendo 15 do sexo feminino (48%) e 16 do masculino (52%). A média do tempo de moradia em Curitiba é de 27 anos, indicando que alguns respondentes (10%) não moraram em Curitiba determinado período da sua vida. O tempo de formado teve como média aproximada de 8 anos, sendo a arquitetura a principal área de atuação (90%), com apenas dois respondentes para urbanismo e um para paisagismo.

3.3.3 Levantamento e caracterização dos espaços selecionados

Para o levantamento dos espaços de estudo, foram utilizadas imagens do Google Earth (2007) para o seu reconhecimento inicial e realizada pesquisa *in loco* de suas características básicas. Os métodos utilizados foram o exploratório e o descritivo, tendo fotografias como fonte e como técnica o estabelecimento de critérios específicos para registro fotográfico e pesquisa de campo (levantamento físico).

O levantamento físico constou basicamente da obtenção das plantas dos espaços de estudo, com o reconhecimento do mobiliário, piso e vegetação, dentre outros componentes, sendo este material utilizado em outras etapas da pesquisa. O registro fotográfico visou à obtenção de imagens dos locais estudados.

Para o levantamento fotográfico, foram utilizados os seguintes critérios com vistas à garantia da homogeneidade das imagens:

- a) todas as fotografias foram tiradas pela autora, ao nível da rua, em dias sem sol, com o objetivo de evitar sombras e realce devido à iluminação;
- b) as fotos foram obrigatoriamente tiradas dos vértices dos espaços, em direção ao centro dos mesmos, com a mesma máquina fotográfica digital, sendo impressas na mesma impressora;
- c) o sentido da tomada da foto considerou o eixo central do ângulo formado pelos dois limites que formam cada vértice do espaço.

O objetivo fundamental deste levantamento consiste em possibilitar a apreensão visual dos espaços de estudo por parte dos entrevistados.

Assim, o registro fotográfico representa o meio, enquanto o levantamento físico, o objeto, que abrange o que foi fotografado e o que foi pesquisado.

3.3.4 Análise da percepção das diretrizes projetuais dos espaços de estudo

Os métodos empregados nesta etapa foram o exploratório e o analítico, cujas fontes de análise foram os projetos dos espaços selecionados, bem como o levantamento fotográfico e as respostas dos profissionais (arquitetos), sendo empregadas as técnicas de pesquisa documental e de entrevistas.

Para a análise da percepção das diretrizes projetuais, em um primeiro momento far-se-iam entrevistas com os autores dos projetos. Mas, como alguns já faleceram, a pesquisa ficaria sem consistência, pois nem todos os espaços seriam analisados de acordo com os mesmos critérios. Portanto, optou-se por aplicar um questionário a arquitetos relacionados ao Ippuc e à Secretaria Municipal do Meio Ambiente, por serem os órgãos responsáveis pelos espaços abertos da cidade de Curitiba. Seriam aplicados 31 questionários para cada espaço de estudo, sendo que “representam os 31 graus de liberdade no estabelecimento de relativa heterogeneidade para a mínima confiança de resultados” (KLOSS, 2006).

De acordo com Carzola e Silva (2006), os graus de liberdade correspondem a um conceito relacionado ao número de dados disponíveis (livres) para o cálculo

estatístico, pois com a estimativa da média populacional com a amostral tem-se a perda de um grau de liberdade.

Entretanto, como o número de arquitetos que trabalham junto a esses órgãos públicos é inferior a 31, os questionários foram aplicados no universo total, sendo 5 arquitetos no Ippuc e dois na Secretaria Municipal do Meio Ambiente. Outra justificativa para que as diretrizes projetuais sejam analisadas por arquitetos é que a intenção dos autores estava relacionada à época em que o projeto foi elaborado. Considera-se que seria incoerente confrontar diretrizes e percepções de épocas distintas, sendo possível, então, haver formas de comparação atual. Outro fator a ser considerado é que, embora os espaços possam não ter sofrido alterações propriamente ditas, podem ter assumido outras configurações, ou ainda serem percebidos de maneira diferenciada pela alteração do seu entorno.

A metodologia para investigação do espaço urbano foi baseada nos princípios definidos na obra “A apreensão da forma da cidade” (KOHLSDORF, 1996), de maneira a se analisar também o conjunto dos espaços urbanos, e não somente a hierarquia de seus elementos componentes.

O capítulo 3 da obra de referência (Análise de desempenho topocêntrico na imagem mental) é dividido em técnicas tradicionais de caracterização imagética e morfológica na formação da imagem mental. O segundo item é essencial para este trabalho, por definir os efeitos topológicos, representando elaborações a partir das referências básicas do corpo humano, sendo seus efeitos genuínos: alargamento e estreitamento; envolvimento e amplidão.

No alargamento, as paredes de delimitação lateral parecem se afastar, enquanto no estreitamento, parecem se aproximar do observador. O envolvimento, “é o efeito experimentado em um espaço limitado por elementos físicos suficientemente marcantes, por todos ou quase todos os lados do observador, e de modo que possa, de seu interior, ter visão para o exterior” (KOHLSDORF, 1996, p.89), sendo que amplidão é justamente o efeito oposto, em que os limites, tanto físicos quanto do campo visual, estão distantes ou são indefinidos e insignificantes.

Outros efeitos importantes para a presente análise são os perspectivísticos, ou seja, “produzidos pela composição plástica da cena contida nos campos visuais do observador” (KOHLSDORF, 1996, p.96), consistindo de: direcionamento; visual fechada; impedimento; emolduramento; mirante; conexão; realce; e efeito em Y.

O direcionamento ocorre quando se enfatiza a continuidade longitudinal do espaço pela estrutura alongada e bem definida dos planos laterais. O efeito de visual fechada “organiza a cena perspectiva de forma pouco profunda, fechando-a com um plano paralelo e muito próximo ao observador” (KOHLSDORF, 1996, p.96). O impedimento ocorre quando a visual é interrompida, sem impedir que se abranja o final do campo visual, tendo o sentido de ser um obstáculo passível de ser transponível pela visão. O emolduramento é o “efeito que torna contida por certo enquadramento a visão da cena. O campo visual é delimitado por um primeiro plano vertical vazado, paralelo ao observador e não interrompe a cena” (KOHLSDORF, 1996, p.96). O mirante, que também pode ser chamado de lugar privilegiado, é o efeito que possibilita visuais maiores. A conexão mostra descontinuidade nas paredes laterais do espaço, sendo interceptadas, ortogonalmente na maioria das vezes, por outros canais, havendo interticialidades nos planos verticais que o delimitam. O realce atrai a atenção do indivíduo para um elemento do cenário observado, havendo acentuação ou surpresa. O efeito em Y ocorre quando a cena perspectiva mostra uma bifurcação do espaço, que geralmente ocorre em seu eixo e segundo ângulos agudos (KOHLSDORF, 1996).

Outro aspecto citado por Kohlsdorf (1996, p.101), utilizado na presente pesquisa, diz respeito à amplitude do espaço, podendo-se reconhecer um campo como sendo amplo ou restrito. No amplo, “a vista alcança distâncias generosas e os limites do espaço contido no campo visual do observador estão longe”, enquanto no restrito, “a visão confina-se a pouca distância do observador, por limites morfológicos muito próximos a ele”. Os efeitos visuais de campo amplo são: alargamento, amplidão e mirante. Já os do campo restrito são: estreitamento, envolvimento, direcionamento, visual fechada, impedimento e emolduramento. As análises dos espaços de acordo com a aplicação destes referenciais

metodológicos são apresentadas na seção relativa aos resultados e discussão da presente pesquisa.

Outro procedimento de análise foi consultado no capítulo 5 da obra de referência (Desempenho topoceptivo na representação geométrica secundária), especialmente no item referente à técnica de caracterização pelas categorias morfológicas estruturais do espaço urbano.

A autora classifica a categoria “estrutura interna do espaço” como uma síntese de todas as apresentadas no capítulo 5 da sua obra, por retomar a totalidade dos lugares à escala urbana, buscando-se observá-los como estrutura morfológica intervolumétrica. “O espaço correspondente, também chamado espaço negativo, espaço público ou áreas livres públicas, é definido por edificações ou outros volumes e constituído por superfícies que lhes conferem paredes, pisos e eventuais tetos” (KOHLSDORF, 1996. p.163).

A estrutura interna do espaço possui diversos elementos de análise, que se originam de duas noções básicas: a de síntese na relação entre todo e partes e a de representação geométrica de seus elementos como poliedros. Esses elementos são: o todo e suas partes; inserção no entorno imediato; conexões; e constituição plástica das unidades morfológicas (KOHLSDORF, 1996).

Foi a partir deste último item que se extraiu a estrutura de análise. As unidades morfológicas são elementos intervolumétricos básicos na composição dos lugares, sendo os mais conhecidos: ruas, praças, avenidas e quadras, existindo outros, bem como a possibilidade de criação de novas unidades morfológicas nos projetos na escala urbana.

O espaço de qualquer cidade ou de suas partes é um conjunto de várias unidades morfológicas, combinadas segundo certas incidências e relações de localização e parentesco de forma. Caracterizando as estruturas intervolumétricas dos lugares, esses elementos são passíveis de definições geométricas e plásticas. Sua análise apóia-se em representação gráfica, buscando-se as superfícies estruturantes dos espaços, que geralmente coincidem com as faces dos volumes que os definem. Obtém-se a constituição plástica da estrutura morfológica dos lugares, procurando suas relações métricas e geométricas e observando dominâncias de algumas sobre outras (KOHLSDORF, 1996, p.167).

Os atributos geralmente abordados são: largura do perfil, altura do perfil, profundidade, direção, desnível, fechamento, paredes e pisos, conforme observado na Figura 13. A constituição plástica desses elementos conduz aos

efeitos visuais percebidos, permitindo a visualização da forma como são geometricamente construídos. Assim, é estabelecida, por meio das unidades morfológicas, a ligação mais evidente entre o nível da percepção e o da representação geométrica secundária do espaço (KOHLSDORF, 1996).

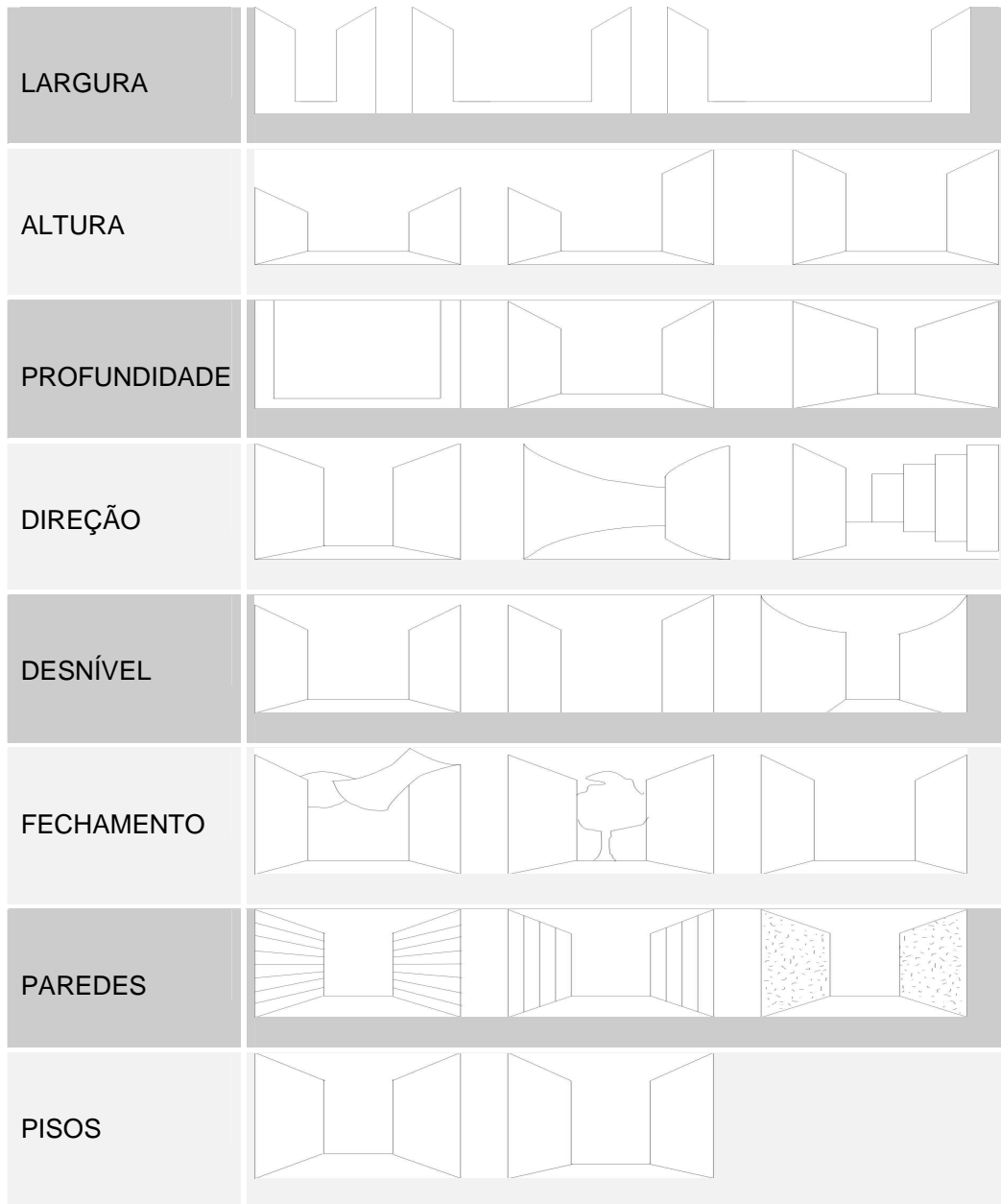


Figura 13 – Representações esquemáticas de atributos dos espaços
 Fonte: Elaborado com base em Kohlsdorf (1996).

O questionário para a análise da percepção das diretrizes projetuais de espaços abertos urbanos (Apêndice B) foi elaborado segundo os seguintes critérios:

- a) se o profissional (arquiteto) conhecia o local. Caso a resposta fosse negativa, o questionário era descartado;
- b) inserção das plantas dos espaços de estudo com a indicação do local onde foram tiradas as fotografias que ilustram as imagens da área;
- c) hierarquia dos elementos presentes no espaço, ordenados em ordem alfabética, com a possibilidade de indicação de outro elemento não constante na lista fornecida. Entretanto, era evidenciado nas instruções do questionário que, se acrescentado outro critério, um dos sugeridos não deveria ser assinalado, de forma que, ao terminar o preenchimento, constassem cinco critérios, os quais não poderiam ser subjetivos, referindo-se apenas ao espaço físico.

Para análise dos atributos, optou-se pela escolha de um ponto no espaço de estudo, tanto para tirar a fotografia do questionário para a análise da percepção das diretrizes projetuais, como para a aplicação dos formulários com os usuários, de forma que todos os elementos citados estivessem presentes.

Assim, os elementos que aparecem na Rua XV de Novembro são a circulação de pedestre e o eixo estruturante. Já na Praça Osório, os elementos que figuram na fotografia são água, pavimentação de piso e vegetação arbórea (ver Tabela 7). Todos os questionários aplicados aos usuários têm estes pontos como base, de maneira que as análises, tanto dos arquitetos quanto dos usuários, pudessem ser comparadas.

Nesta análise, constam os croquis representativos dos atributos, de forma que o respondente deveria assinalar os atributos por ele reconhecidos na fotografia apresentada. Nas Figuras 28 e 29, tem-se a visão dos pontos bases para aplicação dos questionários na Rua XV de Novembro e na Praça Osório, respectivamente.



Figura 14 – Imagem para reconhecimento de atributos da Rua XV de Novembro e ponto de aplicação dos questionários

Fonte: PADILHA (2007)



Figura 15 – Imagem para reconhecimento de atributos da Praça Osório e ponto de aplicação dos questionários
Fonte: PADILHA,(2007)

3.3.5 Percepção das obras pelos usuários

Para a análise da percepção dos usuários, os métodos aplicados foram o exploratório, o descritivo e o analítico, tendo como fontes as entrevistas e como técnica a pesquisa de campo com aplicação de questionários, sendo a definição das questões básicas abordadas realizada de acordo com a análise da percepção das diretrizes projetuais. Os resultados consistem essencialmente na tabulação dos dados e na respectiva análise da percepção dos usuários.

Para a realização desta análise, foram aplicados os questionários apresentados no Apêndice C, que tiveram como base o formulário aplicado aos

profissionais, com o objetivo de apreender a percepção das diretrizes projetuais. Sua estrutura consistiu em perguntas abertas e fechadas, sendo a fechada a mesma aplicada aos arquitetos, com o reconhecimento dos atributos do espaço. As perguntas abertas tiveram como objetivo identificar as formas de utilização do espaço pelo usuário – morador ou transeunte –, de maneira que fosse possível a obtenção de resultados consistentes e compatíveis com a pesquisa de Feiber (2005), considerando que esta foi realizada de acordo com a percepção de locais pertencentes ao Centro, também considerando moradores e transeuntes. Outras questões abordadas nas perguntas abertas são subjetivas, questionando-se sobre as principais sensações positivas e negativas que o espaço em questão transmitia ao usuário.

Na pesquisa de Feiber (2005), os moradores classificaram 26 espaços como pertencentes à área central, enquanto os transeuntes elencaram apenas 24, deixando de citar a Praça 19 de Dezembro e o Memorial de Curitiba. Por isso, dos questionários aplicados na Rua XV de Novembro, metade foi relacionada a moradores e 50% a transeuntes, considerando-se que o espaço de estudo foi identificado tanto por moradores como por transeuntes.

Para determinação do tamanho da amostra da presente pesquisa, foram adotados os mesmos critérios de Feiber (2005), sendo utilizada a estratificação por idade, definindo-se que os questionários fossem aplicados a homens e mulheres com idade igual ou superior a 25 anos, habitante de Curitiba no mínimo há cinco anos, tendo-se como base a população do Centro, que, segundo IBGE (2007) era de 32.623 habitantes, em 2000. Conforme ACP (2003), os transeuntes correspondiam, em 2003, a 140.000 trabalhadores e usuários, que circulam diariamente pela área central de Curitiba.

Frente a esta restrição de idade e tendo-se como tempo mínimo de residência em Curitiba, o período de cinco anos, tem-se a garantia de que o entrevistado percebe e vive a urbe desde, pelo menos, seus 20 anos de idade.

Como pode ser observado na Tabela 8, o universo é de 21.890 habitantes, número obtido da subtração da população com idade entre 0 e 24 anos (10.733 habitantes – IBGE, 2007) da população total do Centro (32.623 habitantes).

Tabela 8 – Estratificação do universo da pesquisa

DESCRIÇÃO	PROPORÇÃO (%)	PARA O ESTUDO DE CASO (habitantes)
População total	100	32.623
População com idade entre 0 e 24 anos	32,9	10.733
Universo	n	21.890

Fonte: Elaborada com base em dados de IBGE (2007) e ACP(2003).

De acordo com Gil (1996), existem ferramentas estatísticas para garantia da significância dos dados oriundos da aplicação dos questionários, tornando-se necessário o estabelecimento de determinado número de elementos para determinação do tamanho da amostra. Assim, com índice de erro de 5% e nível de segurança de 95%, foi aplicada a seguinte fórmula, destinada a cálculos de populações finitas:

$$n = \frac{(\sigma^2 \times p \times q \times N)}{\{e^2 \times (N-1) + \sigma^2 \times p \times q\}}$$

Considerando os índices da Tabela 9 a formulação acima, determinou-se a quantidade de 143 questionários a serem aplicados em cada espaço de estudo. Entretanto, para obter-se uma amostra de 50% de mulheres e 50% de homens, foram efetivamente aplicados 144 questionários.

A porcentagem com qual o fenômeno deve ser verificado (p) deriva do conhecimento do universo examinado. Assim, considerando as perguntas de corte (idade e tempo mínimo de residência em Curitiba), a probabilidade de entrevistar os residentes em Curitiba com idade igual ou superior a 25 anos e residente em Curitiba há mais de cinco anos, a princípio, é muito elevada, daí ser usado o índice de 90% (FEIBER, 2005, p.72).

Tabela 9 – Descrição dos elementos de cálculo de amostragem para moradores

SÍMBOLO	DESCRIÇÃO	PARA O ESTUDO DE CASO
Σ	Nível de confiança escolhido	2 (95% de confiabilidade)
p	Porcentagem com a qual o fenômeno deve ser verificado	90%
q	Porcentagem complementar (100-p)	10%
e	Índice de erro	5%
N	Universo	21.890 habitantes
n	Amostra	143 (144)

Fonte: Elaborada com base em Feiber (2005)

Estes mesmos parâmetros foram utilizados para determinar o tamanho da amostra de transeuntes (usuários e trabalhadores), considerando-se o universo de 140.000 transeuntes e obtendo-se uma amostra de 144 questionários, como pode ser observado na Tabela 10.

Tabela 10 – Descrição dos elementos de cálculo de amostragem para transeuntes

SÍMBOLO	DESCRIÇÃO	PARA O ESTUDO DE CASO
Σ	Nível de confiança escolhido	2 (95% de confiabilidade)
p	Porcentagem com a qual o fenômeno deve ser verificado	90%
q	Porcentagem complementar (100-p)	10%
e	Índice de erro	5%
N	Universo	140.000 transeuntes
n	Amostra	144

Fonte: Elaborada com base em Gil (1996).

Considerando essas informações, o questionário foi aplicado para moradores e para transeuntes, sendo 50% a mulheres e 50% a homens, critério justificado por ser o mesmo utilizado por Feiber (2005), cujo objetivo consistia em averiguar a possibilidade de diferentes percepções entre os dois públicos, apesar do feminino ser pouco superior ao masculino (57,2% e 42,8%, respectivamente) no que se refere aos moradores do Centro. Em relação aos transeuntes, não existem dados sobre o gênero dessas pessoas, sendo, portanto, adotado o mesmo critério utilizado para os anteriores.

Assim, à semelhança da pesquisa de Feiber (2005), foram aplicados 288 questionários em cada espaço de estudo, sendo 144 para moradores (72 mulheres e 72 homens) e 144 para transeuntes (72 mulheres e 72 homens), de forma a se garantir a mesma consistência do estudo anterior.

3.3.6 Confrontação da percepção das diretrizes projetuais por profissionais com a dos usuários

Para a confrontação dos resultados encontrados na pesquisa dos usuários entre si e destes com as informações anteriores, foram utilizados os métodos exploratório e analítico, tendo como fontes os resultados anteriores e informações secundárias, e como técnica o estudo de caso, implicando na análise comparativa dos resultados e respectiva discussão.

3.3.7 Formulação de subsídios para projetos de espaços urbanos

Para a formulação de subsídios para projetos de espaços abertos públicos urbanos, com vistas ao processo de gestão da cidade, foram adotados os métodos exploratório e analítico, tendo como fontes os resultados finais, bem como fontes secundárias. A técnica utilizada foi o estudo de caso, sendo os resultados expressos na redação conclusiva, apoiada em discussão de resultados.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como principais resultados, tem-se a catalogação dos espaços estudados e a análise dos reflexos de cada um deles nos usuários e na sociedade. Objetivando viabilizar a produção de material físico para consultas referentes ao tema, foram aproveitadas as contribuições tanto do referencial teórico quanto dos resultados alcançados, com vistas ao fornecimento de subsídios para a gestão urbana e para a estruturação e avaliação de projetos de espaços abertos urbanos.

Por fim, é expressa opinião crítica sobre a imagem vinculada à cidade de Curitiba e sua real representatividade para as pessoas que dela usufruem diariamente.

4.1 DELIMITAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

Como comentado na subseção 3.3.2 – Seleção dos espaços de estudo –, os espaços estudados são aqueles reconhecidos como pertencentes ao bairro Centro na pesquisa realizada por Feiber (2005) e de fato nele localizados.

Os elementos relacionados à área central de Curitiba segundo os moradores entrevistados por Feiber (2005) são listados na Tabela 11, sendo os mais citados: Rua XV de Novembro (100% – Figura 16), Praça Osório (98% – Figura 17), Biblioteca Pública (96% – Figura 18), Teatro Guaíra (94% – Figura 19), Praça Tiradentes (94% – Figura 20) e Praça Rui Barbosa (94% – Figura 21).

A partir desses dados, foi possível elaborar os mapas que espacializam as diferentes regiões formadas por locais identificados como componentes da área central, em entrevistas com os moradores do Centro.

Tabela 11 – Relação de elementos pertencentes à área central de Curitiba segundo moradores

	DENOMINAÇÃO	SIM (%)
1	Rua XV de Novembro	100
2	Praça Osório	98
3	Biblioteca Pública	96
4	Teatro Guaíra	94
5	Praça Tiradentes	94
6	Praça Rui Barbosa	94
7	Reitoria da Universidade Federal do Paraná (UFPR)	92
8	Largo da Ordem	92
9	Praça Santos Andrade	90
10	Universidade Federal do Paraná (UFPR)	89
11	Praça Carlos Gomes	87
12	Passeio Público	82
13	Rua 24 Horas	82
14	Praça Zacarias	82
15	Terminal do Guadalupe	80
16	Catedral	75
17	Praça 19 de Dezembro	73
18	Praça Garibaldi (Relógio das Flores)	72
19	Museu Paranaense	69
20	Shopping Estação	62
21	Colégio Estadual	60
22	Ruínas de São Francisco	57
23	Shopping Mueller	57
24	Sesc da Esquina	52
25	Memorial de Curitiba	51
26	Praça Oswaldo Cruz	50

Fonte: FEIBER (2005)

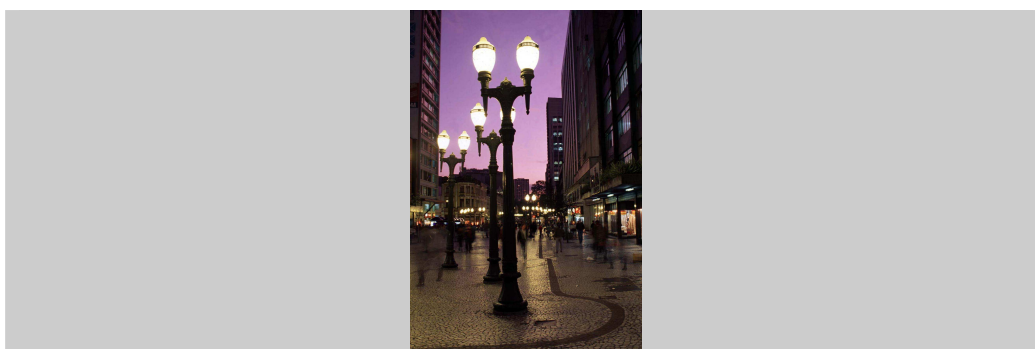


Figura 16 – Vista da Rua XV de Novembro

Fonte: IMT (2007)



Figura 17 – Vistas da Praça Osório
Fonte: Marcílio (2007); PMC (2007)



Figura 18 – Vista da Biblioteca Pública do Paraná
Fonte: GUIA GEOGRÁFICO (2007)



Figura 19 – Vista do Teatro Guaíra
Fonte: VITRUVIUS (2007)



Figura 20 – Vista da Praça Tiradentes
Fonte: FEXPAR (2007)



Figura 21 – Vista da Praça Rui Barbosa
Fonte: PADILHA (2007).

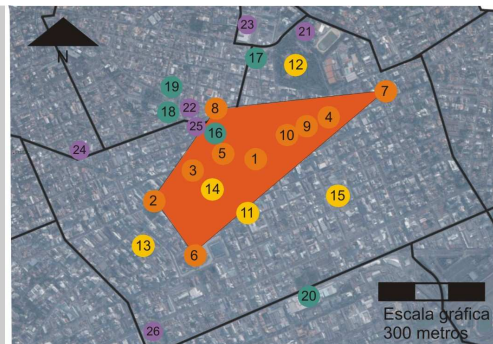
A Figura 22 mostra os quatro mapas com a área formada pelos 10, 15, 20 e 26 primeiros elementos reconhecidos como pertencentes à área central, respectivamente, podendo-se observar a configuração da área percebida como Centro.

No primeiro mapa, que identifica a região formada pelos 10 primeiros elementos reconhecidos pelos moradores como pertencente à área central, percebe-se que a partir do oitavo elemento, a área, que é de aproximadamente um terço do bairro, concentra-se principalmente na porção norte. Devido ao reconhecimento do Largo da Ordem como pertencente ao Centro, a área extrapola os limites formais do bairro, sendo que este espaço localiza-se, de fato, no bairro São Francisco.

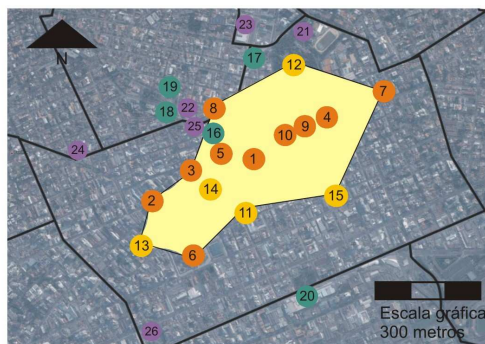
No segundo mapa, que evidencia a região formada pelos 15 primeiros elementos reconhecidos como pertencentes à área central, nota-se que há aumento pouco significativo em relação ao primeiro, sendo que, com exceção do Largo da Ordem, todos os elementos estão de fato inseridos no Centro.

No terceiro mapa, elaborado a partir dos 20 primeiros elementos reconhecidos como pertencentes à área central, a região delineada é significativamente maior, principalmente no sentido norte-sul. Inclusive, na porção sul, a área extrapola os limites físicos do bairro, considerando que 62% dos entrevistados consideram que o Shopping Estação faz parte do local de estudo, e não do bairro Rebouças, como é de fato.

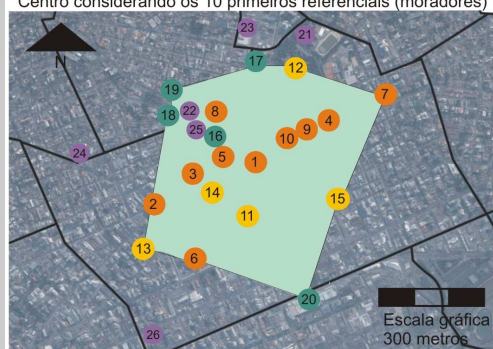
No último mapa, que mostra a área formada pelos 26 elementos reconhecidos como pertencentes à área central, além do bairro São Francisco, no qual localiza-se o Museu paranaense, identificado como pertencente ao Centro, incluem-se também Centro Cívico e Mercês, devido ao reconhecimento do Shopping Mueller e do Serviço Social do Comércio – Sesc da Esquina, respectivamente. Percebe-se ampliação relevante do espaço abrangido, ocupando grande parte do Centro.



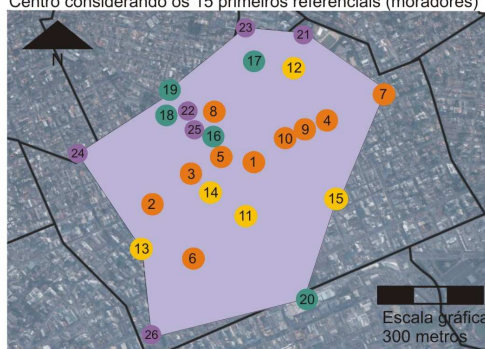
Mapa da área de percepção do espaço reconhecido como Centro considerando os 10 primeiros referenciais (moradores)



Mapa da área de percepção do espaço reconhecido como Centro considerando os 15 primeiros referenciais (moradores)



Mapa da área de percepção do espaço reconhecido como Centro considerando os 20 primeiros referenciais (moradores)



Mapa da área de percepção do espaço reconhecido como Centro considerando os 26 primeiros referenciais (moradores)

- | | | |
|------------------------|---|----------------------------|
| 1 Rua XV de Novembro | 10 UFPR | 19 Museu Paranaense |
| 2 Praça Osório | 11 Praça Carlos Gomes | 20 Shopping Estação |
| 3 Biblioteca Pública | 12 Passeio Público | 21 Colégio Estadual |
| 4 Teatro Guaíra | 13 Rua 24 Horas | 22 Ruínas de São Francisco |
| 5 Praça Tiradentes | 14 Praça Zacarias | 23 Shopping Mueller |
| 6 Praça Rui Barbosa | 15 Terminal do Guadalupe | 24 SESC da Esquina |
| 7 Reitoria - UFPR | 16 Catedral | 25 Memorial de Curitiba |
| 8 Largo da Ordem | 17 Praça 19 de Dezembro | 26 Praça Oswaldo Cruz |
| 9 Praça Santos Andrade | 18 Praça Garibaldi (Relógio das Flores) | |

Figura 22 – Mapas das áreas de percepção do espaço reconhecido com Centro de acordo com moradores

Fonte: Elaborada com base em Feiber (2005), Fexpar (2007) e Tabela 11.

Nota

- | | |
|---------------------------------------|---------------------------------------|
| ● Elementos 1 a 10 segundo moradores | ● Elementos 16 a 20 segundo moradores |
| ● Elementos 11 a 15 segundo moradores | ● Elementos 21 a 26 segundo moradores |

Na Tabela 12, também baseada em Feiber (2005), tem-se a relação de elementos pertencentes à área central de Curitiba de acordo com os transeuntes,

havendo algumas diferenças em relação às entrevistas realizadas com os moradores.

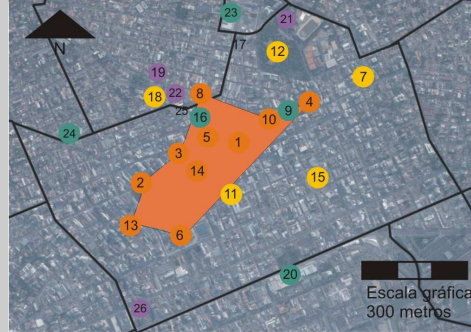
Tabela 12 – Relação de elementos pertencentes à área central de Curitiba segundo transeuntes

	DENOMINAÇÃO	SIM (%)
1	Rua XV de Novembro	100
2	Praça Rui Barbosa	96
3	Biblioteca Pública	96
4	Universidade Federal do Paraná (UFPR)	94
5	Rua 24 Horas	91
6	Largo da Ordem	91
7	Praça Tiradentes	90
8	Teatro Guairá	89
9	Praça Osório	88
10	Praça Zacarias	88
11	Praça Carlos Gomes	87
12	Passeio Público	79
13	Reitoria da Universidade Federal do Paraná (UFPR)	76
14	Terminal do Guadalupe	73
15	Praça Garibaldi (Relógio das Flores)	72
16	Praça Santos Andrade	70
17	Shopping Estação	60
18	Shopping Mueller	60
19	Catedral	54
20	Sesc da Esquina	52
21	Ruínas de São Francisco	51
22	Praça Oswaldo Cruz	51
23	Colégio Estadual	51
24	Museu Paranaense	50

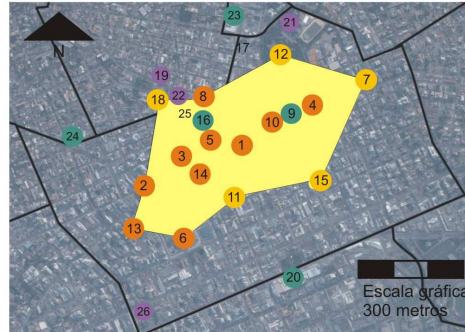
Fonte: FEIBER (2005)

A Figura 23 mostra os mapas formados pelos 10, 15, 20 e 26 elementos identificados como pertencentes à área central de acordo com os transeuntes.

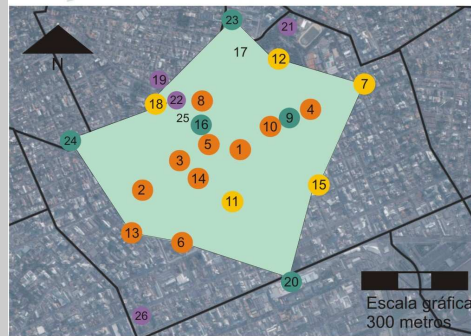
No primeiro mapa, composto pelos 10 primeiros referenciais reconhecidos como pertencentes à área central de acordo com transeuntes, a região ocupa aproximadamente um quarto do bairro. O Largo da Ordem, sexto elemento identificado, é o único que não está inserido no Centro. Se comparado ao mapa formado pelos 10 primeiros elementos reconhecidos como pertencentes à área central pelos moradores, o espaço formado é menor, devido ao fato da Reitoria da Universidade Federal do Paraná (UFPR – Figura 24) não ser identificada como um dos 10 primeiros referenciais.



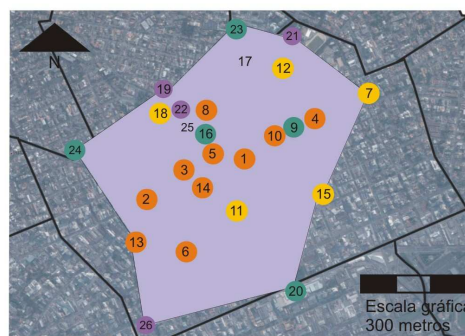
Mapa da área de percepção do espaço reconhecido como Centro considerando os 10 primeiros referenciais (transeuntes)



Mapa da área de percepção do espaço reconhecido como Centro considerando os 15 primeiros referenciais (transeuntes)



Mapa da área de percepção do espaço reconhecido como Centro considerando os 20 primeiros referenciais (transeuntes)



Mapa da área de percepção do espaço reconhecido como Centro considerando os 26 primeiros referenciais (transeuntes)

- | | | |
|------------------------|---|----------------------------|
| 1 Rua XV de Novembro | 10 UFPR | 19 Museu Paranaense |
| 2 Praça Osório | 11 Praça Carlos Gomes | 20 Shopping Estação |
| 3 Biblioteca Pública | 12 Passeio Público | 21 Colégio Estadual |
| 4 Teatro Guaíra | 13 Rua 24 Horas | 22 Ruínas de São Francisco |
| 5 Praça Tiradentes | 14 Praça Zacarias | 23 Shopping Mueller |
| 6 Praça Rui Barbosa | 15 Terminal do Guadalupe | 24 SESC da Esquina |
| 7 Reitoria - UFPR | 16 Catedral | 25 Memorial de Curitiba |
| 8 Largo da Ordem | 17 Praça 19 de Dezembro | 26 Praça Oswaldo Cruz |
| 9 Praça Santos Andrade | 18 Praça Garibaldi (Relógio das Flores) | |

Figura 23 – Mapa das áreas de percepção do espaço reconhecido com Centro de acordo com transeuntes

Fonte: Elaborada com base em Feiber (2005), Fexpar (2007) e Tabela 12.

Nota

- | | |
|---------------------------------------|---------------------------------------|
| ● Elementos 1 a 10 segundo moradores | ● Elementos 16 a 20 segundo moradores |
| ● Elementos 11 a 15 segundo moradores | ● Elementos 21 a 26 segundo moradores |



Figura 24 – Vista da Reitoria da Universidade Federal do Paraná
Fonte: UFPR (2007)

No mapa que mostra a área formada pelos 15 primeiros referenciais reconhecidos como integrantes do bairro Centro de acordo com transeuntes, há significativo aumento do “espaço central” em relação à área formada pelos 10 primeiros, ocupando aproximadamente dois terços do bairro e sendo semelhante à área configurada pela percepção dos moradores. Apenas o Largo da Ordem não pertence ao Centro.

No mapa configurado pelos 20 primeiros elementos identificados como pertencentes ao Centro, nota-se expressiva ampliação da região em relação à formada pelos 15 primeiros, e também ao relativo à percepção dos moradores. Três elementos não fazem parte da área de estudo: Largo da Ordem, Shopping Estação e Shopping Mueller (Figura 25), sendo que na classificação de acordo com os moradores, somente o Largo da Ordem e o Shopping Estação são incluídos; o Mueller posiciona-se no vigésimo terceiro posto. Outra diferença importante consiste na inclusão do Sesc da Esquina (Figura 26), responsável pelo aumento da área. Entretanto, a Praça 19 de Dezembro (Figura 27), assim como o Memorial de Curitiba (Figura 28) não integram esta lista, como pode ser observado na Tabela 11.

No mapa elaborado a partir do reconhecimento dos 24 primeiros elementos pelos transeuntes como pertencentes à área central, a região é idêntica à da percepção dos moradores, mostrando que os transeuntes e os moradores reconhecem o mesmo espaço como Centro, apesar de alguns pontos serem

reconhecidos em ordem diferenciada e de outros não constarem na relação dos transeuntes.

Para Feiber (2005), 69% das moradoras mulheres relacionam a primeira imagem com elementos físicos, enquanto 60% dos homens fazem a mesma relação. Já para os transeuntes, os elementos físicos representam 70% das respostas das mulheres e 68% da dos homens. Entre os moradores, 24% reconhecem a Rua XV como a primeira imagem, enquanto 6% identificaram a Rui Barbosa, 5% a Praça Tiradentes, 4% a Boca Maldita e 3% o Shopping Mueller. Diferentemente dos moradores, 39% dos transeuntes relacionaram a primeira imagem à Rua XV, seguidos de 4% com a Praça Osório, e 3% com a Praça Tiradentes e com a Catedral Basílica de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais.

De acordo com Feiber (2005, p.97):

Entre os moradores, excetuando-se a Rua XV de Novembro, percebe-se clara variação de elementos entre os subgrupos feminino e masculino, sendo apontados elementos pontuais, outros mais genéricos, assim como aspectos de ordem subjetiva. Dessa forma, no primeiro subgrupo (moradores femininos), 25% das respostas vinculam a imagem do Centro com a Rua XV de Novembro, em segundo aparece a Praça Rui Barbosa (10%), seguida da Praça Tiradentes (6%). O Shopping Mueller, a Rua da Cidadania na Praça Rui Barbosa e “Praças e Ruas Limpas”, correspondem, cada qual, a 4% das respostas. Entre todos os subgrupos, o dos moradores masculinos é o que apresenta, nas respostas, menor número de vezes a imagem do Centro com a Rua XV de Novembro, correspondendo a 22%. Segue-se, então, a Boca Maldita (6%), “Roubo” (4%) e a Praça Tiradentes (4%). O Passeio Público, Calçadão da Rua XV, Rua 24 Horas e Edifício Garcez correspondem a 3% cada um. Apesar da pequena diferença apontada acima, a relação da imagem não significa ser menor entre esse público. Cabe ressaltar que, tanto a Boca Maldita como o Edifício Garcez estão localizados na Rua XV de Novembro. É possível averiguar que é neste público que ocorre a relação mais expressiva da imagem do Centro da cidade com um aspecto negativo, quando aparece a resposta “Roubo” em 4% das respostas. O grupo dos transeuntes é o que se mostra mais homogêneo entre os subgrupos feminino e masculino, sendo que, tanto para um como para outro, 39% dos respondentes apontam ser a Rua XV de Novembro a imagem principal do centro de Curitiba. Seguem-se a de “Pessoas”, com 6% e 4%, respectivamente, e a Praça Osório, com 4% para ambos os públicos. Em seguida, para as mulheres, a Praça Tiradentes aparece com 4% das respostas. Para os homens, ainda com 4%, são apontados o “Trânsito” e a Catedral, seguidos do Passeio Público, da Praça Tiradentes e da Boca Maldita com 3% cada.

Foi apontado nesta pesquisa que, dos dez principais locais que identificam o Centro de Curitiba, os cinco primeiros correspondem a espaços abertos. Isso confirma o vínculo de identidade da população com áreas verdes, capazes de interferir positivamente na construção paisagística da cidade (BLASCOVI; DUARTE, 2005).



Figura 25 – Vista do Shopping Mueller
Fonte: LOJISTAS (2007)



Figura 26 – Vista do Serviço Social do Comércio – Sesc da Esquina
Fonte: CORE-PR (2007)



Figura 27 – Vista da Praça 19 de Dezembro

Fonte: WIKIMEDIA (2007)



Figura 28 – Vista do Memorial de Curitiba
Fonte: FESTIVAL DE TEATRO DE CURITIBA (2007a)

Segundo Feiber (2005), em sua pesquisa foram apresentadas 56 fotos, das quais 22 correspondiam de fato ao bairro Centro, sendo que o Solar do Barão (Figura 29), o Museu da Imagem e do Som (MIS – Figura 30) e a Praça Eufrásio Correa (Figura 31), não foram classificadas por nenhum dos grupos como pertencentes à área central. Tanto o Solar quanto o MIS são edificações com tipologias marcantes do final do século XIX e do início do XX, atraindo públicos específicos. A praça está localizada na região limítrofe do bairro central e, apesar do maior impacto visual exercido quando comparada às edificações antigas, pode ser percebida pelos entrevistados como região pertencente ao Rebouças.



Figura 29 – Vista do Solar do Barão
Fonte: FESTIVAL DE TEATRO DE CURITIBA (2007b)



Figura 30 – Vista do Museu da Imagem e do Som
Fonte: GUIA GEOGRÁFICO (2007)



Figura 31 – Vista da Praça Eufrásio Correa
Fonte: GOOGLE EARTH (2007)

Dos elementos reconhecidos como pertencentes ao bairro e que, no entanto, não fazem parte dele, estão o Largo da Ordem, Praça Garibaldi, shoppings Estação e Mueller, Ruínas de São Francisco, Sesc da Esquina e Memorial de Curitiba. De acordo com Feiber (2005), a identificação desses locais como pertencentes à área central demonstra que, para a população, ela estende-se, principalmente, em direção aos bairros do Centro Cívico e São Francisco, ampliando sensivelmente sua área de influência.

Tanto na pesquisa realizada com moradores como naquela efetuada com transeuntes, os entrevistados afirmam haver outros pontos de referência no Centro, como pode ser observado nas Tabelas 13 e 14, respectivamente. Nos dois grupos entrevistados, o local mais lembrado foi o Palácio Avenida (11 indicações para moradores e 8 para transeuntes – Figura 32), que tem grande destaque nas festas natalinas. Tanto esta edificação quanto a Boca Maldita (4 indicações para moradores e 5 para transeuntes), assim como o Edifício Garcez (3 indicações para moradores e 1 para transeuntes), localizam-se no calçadão da Rua XV de Novembro.

Na Figura 33, tem-se os mapas formados pelos elementos adicionais citados por moradores e por transeuntes.



Figura 32 – Vista do Palácio Avenida
 Fonte: BAIXAKI (2007)

Tabela 13– Relação de elementos adicionais indicados como pertencentes à área central de Curitiba segundo moradores

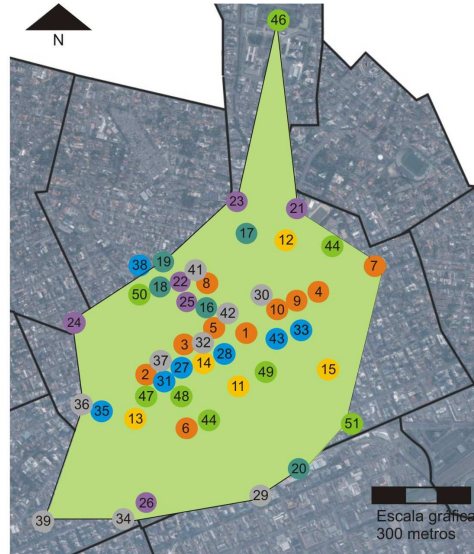
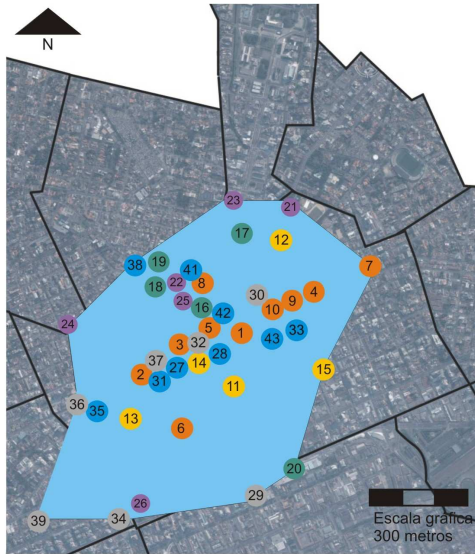
	DENOMINAÇÃO	NÚMERO DE INDICAÇÕES
01	Palácio Avenida	11
02	Boca Maldita	04
03	Centro Federal de Educação Tecnológica (Cefet)	04
04	Correio	04
05	Edifício Garcez	03
06	Bondinho da XV	02
07	Shopping Itália	02
08	Shopping Curitiba	01
09	Shopping Omar	01
10	Colégio Positivo	01
11	Edifício ASA	01
12	Praça Generoso Marques	01
13	Hospital Santa Cruz	01
14	Legião da Boa Vontade (LBV)	01
15	Monumento do "Cavalo"	01
16	Marco Zero	01
17	Rua Marechal Deodoro	01
	TOTAL	41

Fonte: FEIBER (2005)

Tabela 14 – Relação de elementos adicionais indicados como pertencentes à área central de Curitiba segundo transeuntes

	DENOMINAÇÃO	NÚMERO DE INDICAÇÕES
01	Palácio Avenida	08
02	Boca Maldita	05
03	Shopping Itália	04
04	Círculo Militar	02
05	Rua da Cidadania na Praça Rui Barbosa	02
06	Palácio Iguazu	01
07	Edifício Garcez	01
08	Shopping Metropolitan	01
09	Shopping Omar	01
10	Instituto de Educação	01
11	Gazeta do Povo (prédio)	01
12	Praça Generoso Marques	01
13	Feira do Largo	01
14	Cine Morgenal	01
15	Rua Marechal Deodoro	01
	TOTAL	31

Fonte: FEIBER (2005)



- | | | |
|--------------------------|---|---|
| 1 Rua XV de Novembro | 18 Praça Garibaldi (Relógio das Flores) | 35 Shopping Omar |
| 2 Praça Osório | 19 Museu Paranaense | 36 Colégio Positivo |
| 3 Biblioteca Pública | 20 Shopping Estação | 37 Edifício ASA |
| 4 Teatro Guaíra | 21 Colégio Estadual | 38 Praça Generoso Marques |
| 5 Praça Tiradentes | 22 Ruínas de São Francisco | 39 Hospital Santa Cruz |
| 6 Praça Rui Barbosa | 23 Shopping Mueller | 40 Legião da Boa Vontade - LBV |
| 7 Reitoria - UFPR | 24 SESC da Esquina | 41 Monumento do "Cavalo" |
| 8 Largo da Ordem | 25 Memorial de Curitiba | 42 Marco Zero |
| 9 Praça Santos Andrade | 26 Praça Oswaldo Cruz | 43 Rua Marechal Deodoro |
| 10 UFPR | 27 Palácio Avenida | 44 Círculo Militar |
| 11 Praça Carlos Gomes | 28 Boca Maldita | 45 Rua da Cidadania da Pça. Rui Barbosa |
| 12 Passeio Público | 29 Centro Federal de Educação Tecnológica - CEFET | 46 Palácio Iguaçu |
| 13 Rua 24 Horas | 30 Correio | 47 Shopping Metropolitan |
| 14 Praça Zacarias | 31 Edifício Garcez | 48 Instituto de Educação |
| 15 Terminal do Guadalupe | 32 Bondinho da XV | 49 Gazeta do Povo (prédio) |
| 16 Catedral | 33 Shopping Itália | 50 Feira do Largo |
| 17 Praça 19 de Dezembro | 34 Shopping Curitiba | 51 Cine Morgental |

Figura 33 – Mapa dos espaços reconhecidos como pertencentes à área central considerando os elementos adicionais segundo moradores e transeuntes

Fonte: Elaborada com base em Feiber (2005), Fexpar (2007) e Tabelas 13 e 14.

Nota

- | | |
|---------------------------------------|--|
| ● Elementos 1 a 10 segundo moradores | ● Elementos adicionais segundo moradores |
| ● Elementos 11 a 15 segundo moradores | ● Elementos adicionais segundo transeuntes |
| ● Elementos 16 a 20 segundo moradores | ● Elementos adicionais segundo moradores e transeuntes |
| ● Elementos 21 a 26 segundo moradores | |

Como elementos adicionais, são citados mais 25 espaços, sendo alguns mencionados por moradores e transeuntes, e outros somente por moradores ou por transeuntes. É importante citar que a Legião da Boa Vontade (LBV) tinha uma sede no Centro Cívico, a qual já foi transferida, localizando-se atualmente no Alto Boqueirão. Portanto, foi descartada da pesquisa e não se encontra localizada nos mapas.

A área formada pela percepção dos moradores incorpora o bairro do Batel, devido ao reconhecimento do Shopping Curitiba e do Hospital Santa Cruz como elementos pertencentes à área central, sendo ambos reconhecidos tanto por moradores como por transeuntes.

Já a percepção dos transeuntes configura uma área diferenciada, com expansão para o norte, considerando o Palácio Iguazu como parte integrante do Centro. É maior também devido à presença do Cine Morgental, localizado na porção sul do bairro.

Em relação à criação de ícones, o espaço urbano, como produto social, é resultado de ações acumuladas no decorrer do tempo e engendradas por agentes que produzem e consomem configurações espaciais. A complexidade das ações dos agentes sociais inclui práticas que levam a constante processo de reorganização. Um dos agentes com maior influência neste contexto é justamente o Estado, que atua como consumidor de espaço, sendo induzido por conflitos de interesses entre diferentes membros das classes sociais e se preocupando em criar condições de realização e reprodução da sociedade (MACEDO, 1999).

A Rua XV de Novembro é um espaço que resume as afirmações de Macedo (1999), pois, com o seu fechamento para circulação de veículos, com priorização do pedestrianismo, é produto do acúmulo de ações de diversos períodos, induzindo um processo de reorganização, por ter alterado fluxos, tanto de automóveis como de pedestres.

Rodrigues (1986⁸ apud GABARDO, 2001) afirma que a área central deve possuir aspectos que correspondam à imagem de centro, onde os usuários sejam constantemente estimulados pela existência de símbolos e de fluxos.

Em relação à percepção que os usuários têm da área central, os aspectos citados por Rodrigues podem ser relacionados com os elementos reconhecidos como pertencentes à área central, potencializado pelos símbolos (como a Rua XV de Novembro, dentre vários outros) e fluxos, possibilitando, assim, a configuração da área percebida como Centro.

4.2 SELEÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DOS ESPAÇOS DE ESTUDO

A partir do exposto a respeito da área de estudo, optou-se por analisar os espaços reconhecidos como pertencentes ao bairro Centro, agrupados por tipologias, considerando-se aqueles identificados como pertencentes à área central tanto por moradores como por transeuntes, incluindo também os elementos adicionais citados por ambos. As edificações foram excluídas por não constituírem objeto de estudo dessa pesquisa, voltada à avaliação de áreas abertas. Dessa forma, a partir de um número considerável de espaços considerados, submetidos aos procedimentos explicitados na sub-seção 3.3.2 – Delimitação da área e seleção dos espaços de estudo –, tem-se como resultado da triagem executada a partir dos critérios adotados, a definição da Rua XV de Novembro e da Praça Osório, cuja localização pode ser observada na Figura 34.

⁸ Ver RODRIGUES F. M. **Desenho urbano** – cabeça, campo e prancheta. São Paulo: Projeto, 1986.

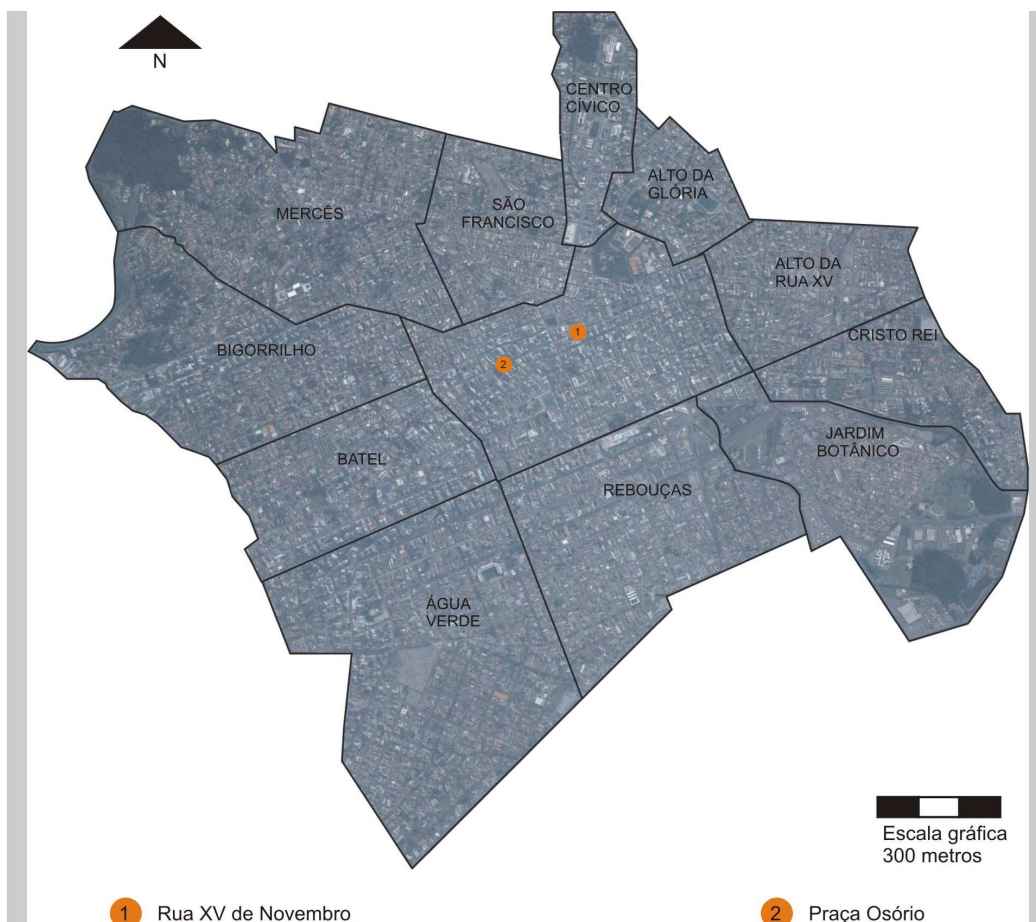


Figura 34 – Mapa de localização dos espaços específicos de estudo
 Fonte: Elaborada com base nas sub-seções 3.3.2 – Delimitação da área e seleção dos espaços de estudo – e 4.1 – Delimitação da área de estudo.

4.2.1 Rua XV de Novembro

De acordo com Lamas (2004), o desenho da rua regula a disposição dos quarteirões e também dos edifícios. É responsável pela interligação de diferentes partes e espaços urbanos, estabelecendo uma relação mais direta entre a cidade e o território. Tem fundamental importância no que se refere ao, assim como na mobilidade de bens, idéias e pessoas.

No ano de 1846, a antiga Rua das Flores foi calçada e recebeu os primeiros lâmpões a gás; em 1889, passou a ser chamada de Rua XV de Novembro, sendo asfaltada em 1926 (WEBHOTEL, 2007). Em 1972, foi instituída como a primeira via exclusiva para pedestres no Brasil, passando por inúmeras obras e intervenções. Seu bloqueio para veículos marcou o início de várias transformações urbanas, como a implantação do Anel Central de Tráfego Lento e dos eixos estruturais Norte e Sul. O trecho de pedestrianismo (Figuras 35 a 43) localiza-se entre as praças Osório e Santos Andrade, conformando ponto de encontro e espaço de lazer, comércio, cultura e história (PMC, 2007).



Figura 35 – Imagem aérea de delimitação do trecho de pedestrianismo da Rua XV de Novembro e localização dos pontos onde foram tiradas as fotografias.

Fonte: Elaborada com base em Google Earth (2007).



Figura 36 – Foto 1 da Rua XV de Novembro
Fonte: PADILHA (2007)



Figura 37 – Foto 2 da Rua XV de Novembro

Fonte: PADILHA (2007)



Figura 38 – Foto 3 da Rua XV de Novembro
Fonte: PADILHA (2007)



Figura 39 – Foto 4 da Rua XV de Novembro
Fonte: PADILHA (2007)



Figura 40 – Foto 5 da Rua XV de Novembro
Fonte: PADILHA (2007)



Figura 41 – Foto 6 da Rua XV de Novembro
Fonte: PADILHA (2007)



Figura 42 – Foto 7 da Rua XV de Novembro
Fonte: PADILHA (2007)



Figura 43 – Foto 8 da Rua XV de Novembro
Fonte: PADILHA (2007)

Dos elementos citados no questionário (Apêndice A), a Rua XV, que tem aproximadamente 40.000 m² de área e 4.000 m de extensão no seu trecho pedestrianizado, apresenta quase todos, exceto área de recreação e presença de monumentos.

O elemento água se faz presente num espelho entre a Avenida Marechal Floriano Peixoto e a Alameda Doutor Muricy, onde há também ambientes de estar. Esses locais podem ser encontrados ao longo de toda a rua, delineados por floreiras e bancos.

Sua principal função é a circulação de pedestres, sendo importante eixo de ligação no sentido leste-oeste do Centro da cidade. Seu desenho constitui um eixo característico, sendo a rua uma grande linha reta.

Seu entorno imediato abriga principalmente o comércio, mantendo as edificações antigas e muitos prédios tradicionais, como o Edifício Garcês e o Palácio Avenida, dentre outros.

O mobiliário urbano é disposto em toda a extensão da rua, contando principalmente com lixeiras, telefones públicos, bancos, bancas de revista e postes de iluminação. A paginação de piso também é marcante, feita em petit-pavet branco com rosáceas pretas. A rua conta ainda com piso tátil, destinado aos deficientes visuais.

Apesar da reduzida vegetação na Rua XV, a arbórea confere ritmo ao espaço, e a arbustiva também é marcante, tanto nas floreiras existentes ao longo da rua quanto na composição do espelho d'água, anteriormente citado.

4.2.2 Praça Osório

Para Lamas (2004), a praça, elemento que reúne a ênfase do desenho urbano como espaço coletivo de grande importância e significância, é um local projetado, cujo objetivo é promover o encontro, estimular a permanência e de ser palco de acontecimentos, práticas sociais e manifestações da vida urbana e comunitária.

Assim chamada desde 1879, a Praça Osório (Figura 44) foi inaugurada cinco anos antes, sob o nome de Largo Oceano Pacífico. Abrigava um coreto desde 1914, destruído no início da década de 1950. O relógio, restaurado em 1993, relembra o primeiro existente. Possui fonte luminosa e equipamentos de lazer (PMC, 2007). Tem aproximadamente 2.500 m² de área (Figuras 45 a 51), contendo todos os elementos incluídos no questionário (Apêndice A).



Fonte: elaborado com base em Google Earth (2007).

Escala gráfica
10 metros

Nota:

■ Vértices

■ Limite

Figura 44 – Imagem aérea de delimitação da Praça Osório e localização dos pontos onde foram tiradas as fotografias.

Fonte: Elaborada com base em Google Earth (2007).



Figura 45 – Foto 1 da Praça Osório
Fonte: PADILHA (2007)

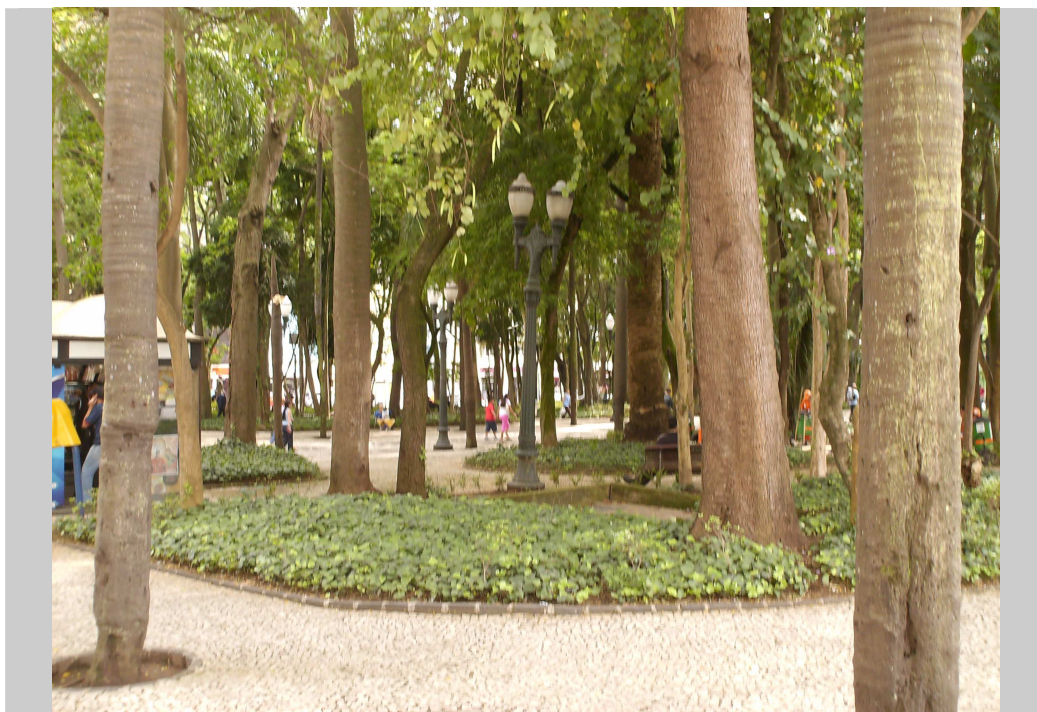


Figura 46 – Foto 2 da Praça Osório
Fonte: PADILHA (2007)



Figura 47 – Foto 3 da Praça Osório
Fonte: PADILHA (2007)



Figura 48 – Foto 4 da Praça Osório
Fonte: PADILHA (2007)



Figura 49 – Foto 5 da Praça Osório
Fonte: PADILHA (2007)



Figura 50 – Foto 6 da Praça Osório
Fonte: PADILHA (2007)



Figura 51 – Foto 7 da Praça Osório
Fonte: PADILHA (2007)

A água se faz presente no núcleo da praça, com espelho e chafariz. Os ambientes de estar localizam-se nas porções central e leste do espaço, abrigando café, banca de revista e áreas para os tradicionais engraxates.

Por ser considerada uma extensão da Rua XV de Novembro, tem grande fluxo de circulação de pedestres.

Possui área de recreação, com quadras de esporte, playground e jogos de tabuleiros.

Seu projeto é marcado pela presença de dois grandes eixos: um no sentido longitudinal e outro no transversal.

Seu entorno é formado basicamente por edificações comerciais, contando com prédios altos, inclusive com hotéis.

Também possui ampla distribuição de mobiliário urbano, como postes, banca de revista, bancos, ponto de táxi e lixeira, além de contar com a presença de monumentos, como o busto de Marechal Osório e o citado relógio.

A paginação de piso segue o mesmo padrão da Rua XV, com rosáceas pretas desenhadas no petit-pavet branco. Além disso, ressalta os eixos e a fonte no centro da praça.

Grande parte de sua área é coberta por vegetação, tanto arbórea como arbustiva, além de outros estratos vegetais.

4.3 ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DAS DIRETRIZES PROJETUAIS DOS ESPAÇOS DE ESTUDO

Como citado na sub-seção 3.3.4 – Análise da percepção das diretrizes projetuais dos espaços de estudo –, esta interpretação considera dois pontos principais: a hierarquia dos elementos e os atributos citados por Kohlsdorf (1996).

4.3.1 Rua XV de Novembro

Como resultado da interpretação direta do local, os dois elementos citados para Rua XV de Novembro, são, em ordem de **hierarquia**, de acordo com o questionário referente à tipologia aplicado a arquitetos:

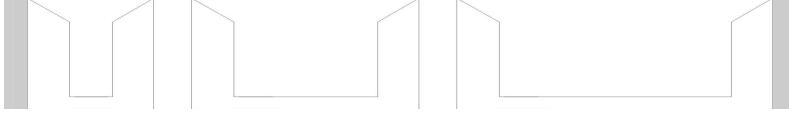
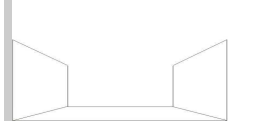
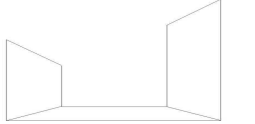
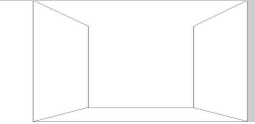
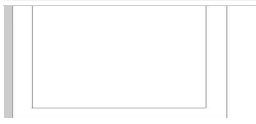
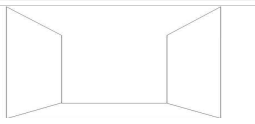
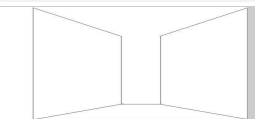
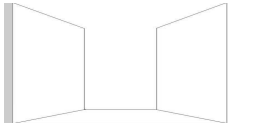
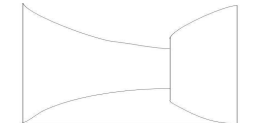
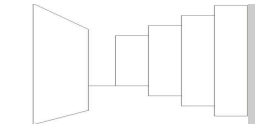
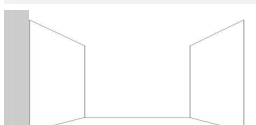

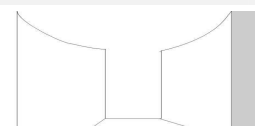

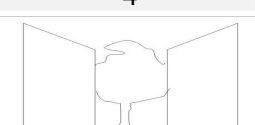
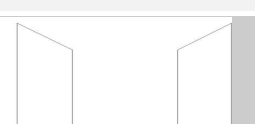
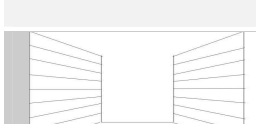
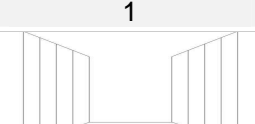
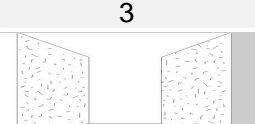
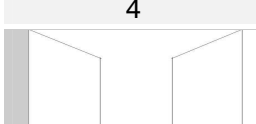
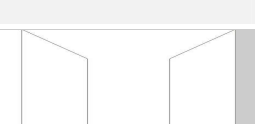

- a) circulação de pedestres, por constituir marcante eixo de ligação na área central da cidade, existindo, diariamente, expressivo número de pessoas que utilizam o local como passagem;
- b) eixos estruturantes, pelo espaço se configurar como extensa linha reta, com destacada importância para o pedestrianismo no Centro de Curitiba;

Além dos citados nos questionários, são acrescentados:

- a) mobiliário urbano, pela existência de vários destes elementos, como bancos, bancas de revista, lixeiras, telefones públicos, pontos de táxi, postes e placas, além dos abrigos da Boca Maldita e do Bondinho, que é um ambiente de lazer para crianças;
- b) entorno, devido às edificações existentes no local apresentarem importância tanto no que se refere a serviços, considerando que a maior parte dos estabelecimentos é comercial, como no que se refere à estética, já que as edificações, em grande parte de valor histórico, são bem conservadas e emolduram o referido espaço;
- c) ambientes de estar, por existirem diversos refúgios ao longo da rua, amplamente utilizados pelos usuários do local.

A análise dos **atributos** da Rua XV de Novembro é baseada nos resultados dos questionários (Apêndice B) aplicados aos **profissionais** do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (Ippuc) e da Secretaria Municipal do Meio Ambiente (SMMA), sintetizados na Tabela 15.

Tabela 15 – Percepção de atributos da Rua XV de Novembro por profissionais

LARGURA		4	
ALTURA			
PROFUNDIDADE			
DIREÇÃO			
DESNÍVEL			
FECHAMENTO			
PAREDES			
PISOS			
	2	2	

Fonte: Elaborado com base em Kohlsdorf (1996) e nos resultados dos questionários aplicados.

A largura da Rua XV é considerada mediana (100% das respostas), assim como a altura do perfil, que é variável (75%). Apenas um respondente (25%) classifica a altura como maior. A profundidade é ampla (75%), devido à extensão do espaço em questão, sendo que um entrevistado (25%) a classifica como intermediária. A direção é retilínea (100%), em função da presença do eixo estruturante. Não apresenta desnível (100%), nem fechamento (75%), considerando-se que um respondente (25%) indica fechamento frontal. Acredita-se que esta resposta seja decorrente da presença de vegetação, que, especificamente neste ponto, configura tal fechamento. As paredes revelam predominância de linhas horizontais (100%). Em relação ao piso, as opiniões são divididas, sendo que metade dos respondentes o classifica como mais representativo, enquanto 50% como menos representativo, já que as “paredes” têm maior predominância, em decorrência da altura dos edifícios do entorno e da profundidade do espaço em questão. Entretanto, o piso tátil reforça o eixo existente.

A Rua XV apresenta **amplitude**, considerando que a visão alcança distâncias generosas e que os limites do espaço contidos no campo visual do observador encontram-se afastados. Por sua vez, não contém nenhum **efeito topológico**.

Sobre os **efeitos perspectivos**, a Rua XV apresenta direcionamento – configurado retilineamente pela existência do eixo, emolduramento – definido pela presença dos edifícios do entorno, e conexão – ocorrente em cinco pontos, representados pelos cruzamentos com outras ruas.

A fachada é o elemento que estabelece a relação do edifício com o espaço urbano. Sua importância também depende do posicionamento do lote no quarteirão. Outra função consiste na transição entre o aspecto coletivo do espaço urbano e a condição privada das edificações, sendo um elemento determinante no que se refere à forma e à imagem da cidade (LAMAS, 2004). A Rua XV de Novembro possui essa característica, por possuir fachadas no alinhamento predial em praticamente toda a sua extensão, configurando a relação do edifício com o espaço urbano, determinando a forma e a imagem da cidade.

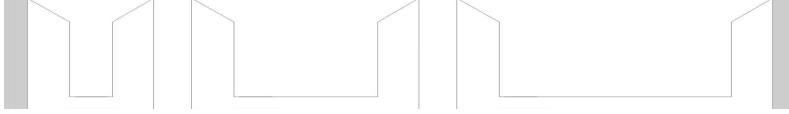
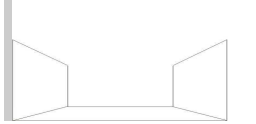
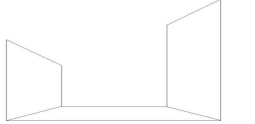
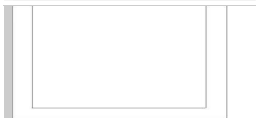
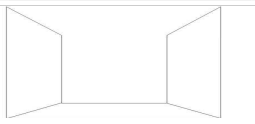
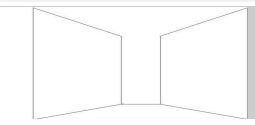
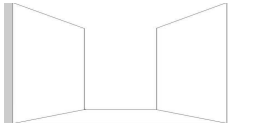
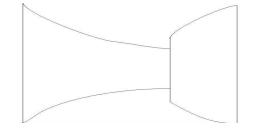
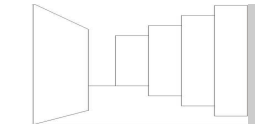
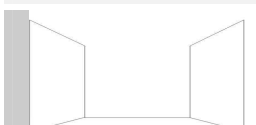

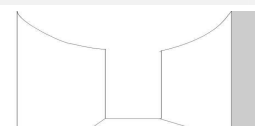

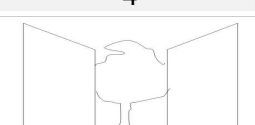
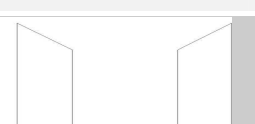
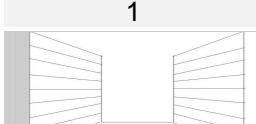
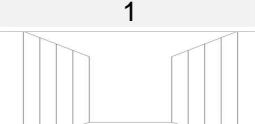
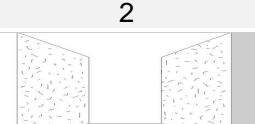
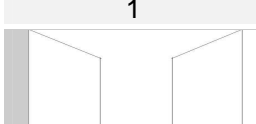
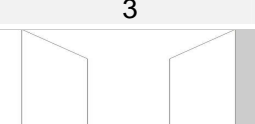

4.3.2 Praça Osório

Pela interpretação direta do local, os cinco elementos principais da Praça Osório, são, em ordem de **hierarquia**, de acordo com o questionário referente à tipologia aplicado a arquitetos:

- a) vegetação arbórea, devido à quantidade significativa de árvores existentes no local;
- b) água, por constituir elemento marcante, localizado no centro do espaço, podendo, inclusive, ser considerado como “monumento”;
- c) circulação de pedestres, por representar continuação da Rua XV de Novembro, recebendo significativa parte do seu grande fluxo de usuários;
- d) mobiliário urbano, devido à presença de lixeiras, bancas de revistas, entre outros;
- e) área de recreação, por existirem espaços com quadra poliesportiva, playground e mesas para jogos de tabuleiro, intensamente aproveitados pela população.
- f) vegetação não-arbórea, devido à presença de vegetação arbustiva e gramínea;
- g) ambiente de estar, devido à existência de bancos e áreas que configuram tal elemento;
- h) paginação de piso, devido ao trabalho de piso em petit-pave.

A Tabela 16 apresenta os resultados dos questionários (Apêndice D) aplicados aos **profissionais** do Ippuc e da SMMA, fundamentando a análise dos **atributos** da Praça Osório.

Tabela 16 – Percepção de atributos da Praça Osório por profissionais

LARGURA		4
ALTURA		1
		3
PROFUNDIDADE		4
		4
		3
DIREÇÃO		3
		4
		1
DESNÍVEL		4
		4
		4
FECHAMENTO		1
		1
		2
PAREDES		1
		3
		3
PISOS		4
		4
		4

Fonte: Elaborado com base em Kohlsdorf (1996) e nos resultados dos questionários aplicados.

A largura da Praça Osório também é considerada mediana (100% das respostas). A altura do perfil é interpretada como maior (75%), com um respondente (25%) a indicando como menor. A profundidade é intermediária (100%), enquanto a direção é retilínea (75%), devido à presença dos eixos estruturantes, embora um dos entrevistados (25%) a julgue quebrada. Não apresenta desnível (100%). O fechamento é considerado inexistente para a metade dos profissionais consultados, com um dos restantes apontando as outras categorias (25% cada), devido tanto à presença da vegetação arbórea, que pode configurar fechamento superior, e à existência do monumento central, que pode representar fechamento frontal. As paredes apresentam predominância de linhas verticais (75%), com um respondente (25%) indicando a supremacia de horizontais. O piso é menos representativo (100%), já que as “paredes” têm maior predominância em função da marcante presença de vegetação.

Em relação à **amplitude** do espaço, a Praça Osório apresenta campo restrito, considerando que a visão não alcança longas distâncias e que podem ser visualizados com relativa facilidade os limites do espaço contidos na abrangência visual do observador.

A Praça Osório também não apresenta **efeitos topológicos**.

Em termos de **efeitos perspectivos**, a Praça Osório apresenta direcionamento – definido pela existência dos eixos, sendo predominantemente retilíneo, emolduramento – determinado pela presença da vegetação arbórea, que existe em toda a extensão do espaço, e conexão – ocorrente especialmente por meio do cruzamento dos eixos do espaço.

A praça é o local projetado com a intenção de promover o encontro, de estimular a permanência e de ser palco de acontecimentos, práticas sociais e manifestações da vida urbana e comunitária. A praça é o elemento que reúne a ênfase do desenho urbano como espaço coletivo de elevada importância e significância (LAMAS, 2004). Nesse sentido também se enquadra a Praça Osório, que abriga eventos, como as feiras gastronômicas que ocorrem durante toda a semana. Cabe ressaltar, porém, que também a Rua XV de Novembro abriga importantes episódios, como passeatas, espetáculos e exposições, dentre outros.

Como comentado, a Praça Osório contém um monumento central, correspondendo a um fato urbano singular, com elementos morfológicos individualizados pela sua presença, configuração e posicionamento, além do seu significado.

Para Poête (1967⁹ apud LAMAS, 2004, p.104), o monumento é:

um dos elementos que fundamentam o princípio das permanências – um dos fatos urbanos que melhor persistem no tecido urbano e resistem a transformações. A sua presença é determinante na imagem da cidade.

O monumento possui um papel fundamental no desenho urbano, pois caracteriza a área ou bairro no qual está inserido, tornando-se pólo estruturante da cidade, além de tornar-se referência para os usuários do espaço urbano.

Um dos elementos mais marcantes na Praça Osório é a vegetação. De acordo com Lamas (2004), a cobertura vegetal como um todo constitui elemento facilmente identificável na estrutura urbana. Caracterizando a imagem da cidade, possui individualidade própria e desempenha funções precisas. Ademais, são componentes de composição do desenho urbano, tendo como funções a organização, a definição e, até mesmo, a contenção de determinados espaços.

4.3.3 Síntese relacional das diretrizes projetuais

Segundo Lamas (2004), o solo é a base do desenho urbano, pois é a partir dele que surge a cidade. Neste sentido, torna-se fundamental a análise da topografia, bem como a pavimentação e os desníveis existentes, entre outros aspectos. Todavia, estes elementos não são significativos nos espaços estudados.

Para o autor, os edifícios são os elementos mínimos morfologicamente identificáveis na cidade, sendo necessário o estabelecimento de hierarquia de valores e a seleção dos diversos objetos integrantes do espaço urbano. É por meio dos edifícios que se constituem e se organizam os diferentes locais passíveis de reconhecimento e que possuem forma própria. Este enfoque encontra maior relevância na Rua XV de Novembro.

⁹ Ver POÊTE, M. **Introduction a l'Urbanisme**. Paris: Antropos, 1967.

Os espaços abertos públicos possuem uma escala diferenciada, permitindo, assim, uma análise mais detalhada dos elementos que os compõem. Hardt (2004) relata que a composição paisagística é resultante dos elementos visuais (ponto, linha, forma, cor e textura) proporcionados pelos componentes ambientais da paisagem, cujo arranjo estabelece determinantes e expressões desta composição.

Neste sentido, Ching (1999) relata que, de maneira geral, os projetos apresentam elementos primários – forma, organização, circulação, proporção e escala. Tanto a organização da Rua XV como a da Praça Osório são lineares. Ambos os espaços apresentam acesso, configuração da via e relações entre esta e o espaço e sua forma de circulação. De acordo com o autor, o acesso é o limite que, de fato, permite o transporte para dentro de um local, sendo a configuração da via de circulação com caráter retilíneo.

A relação da via com os espaços ocorre claramente na Rua XV, que perpassa entre eles; porém, a integridade de cada ambiente é mantida, a rua apresenta configuração flexível e os locais intermediários podem ser utilizados para ligação dos diversos locais. Na Praça Osório, entretanto, a rua finda em um espaço mais amplo, por sua localização estabelecer a própria via.

Constituindo locais de circulação, a Rua XV pode ser considerado um espaço fechado lateralmente, enquanto a Praça Osório é aberta em ambos os lados.

Ching (1999) também comenta sobre princípios compositivos – eixo, simetria, hierarquia, dado, ritmo, repetição e transformação.

O eixo, presente tanto na Rua XV como na Praça Osório, é a maneira mais elementar de organização de formas e espaços, constituindo uma “reta” estabelecida por dois pontos no espaço. A simetria existente na Rua XV e na Praça Osório é bilateral, “referindo-se ao arranjo equilibrado de elementos semelhantes ou equivalentes em lados opostos de um eixo mediano, de modo que somente um plano possa dividir o todo em metades essencialmente idênticas” (CHING, 1999, p.322).

Assim, a paisagem pode ser, então, interpretada como uma realidade que o ser humano configura em sua mente. Por isso, apresenta alto grau de subjetividade e envolve a percepção sensorial (JORDANA, 1992).


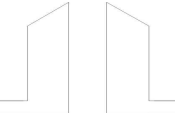

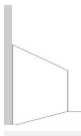
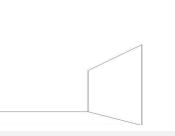
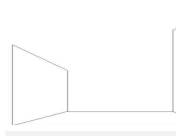


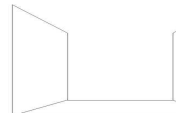

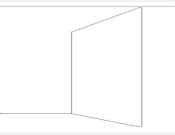
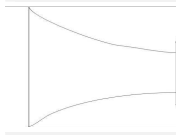
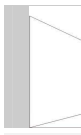
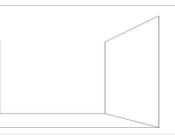
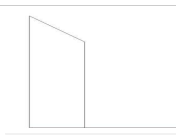


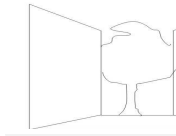

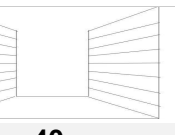
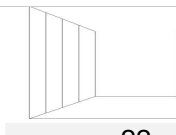
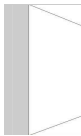
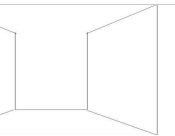
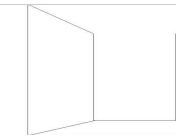
4.4 ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DOS USUÁRIOS DOS ESPAÇOS

A partir da aplicação dos questionários aos transeuntes e moradores do Centro (Apêndices C – Rua XV de Novembro – e E – Praça Osório), tem-se, como resultado, a análise da percepção dos usuários. Da mesma forma que a pesquisa de Feiber (2005), os questionários foram aplicados para moradores e transeuntes, sendo que metade de cada grupo corresponde a mulheres e a outra a homens. A tabulação dos dados foi realizada da seguinte maneira: moradoras mulheres, moradores homens, transeuntes mulheres, transeuntes homens, transeuntes, moradores, homens, mulheres e total, de forma a se obter grupos distintos, permitindo comparação dos resultados.

4.4.1 Rua XV de Novembro

Os resultados em relação à Rua XV de Novembro obtidos para as **mulheres que moram no Centro** (Tabela 17), indicam como seus **atributos**: largura mediana (para 61% das respostas), altura média e variável (72%), profundidade média (78%), direção retilínea (78%), nenhum desnível (75%), inexistência de fechamento (69%), paredes com predominância de linhas horizontais (56%) e piso mais representativo (67%).

Tabela 17 – Percepção de atributos da Rua XV de Novembro por moradoras mulheres do bairro Centro

LARGURA			
	6	44	22
ALTURA			
	10	52	10
PROFUNDIDADE			
	10	56	6
DIREÇÃO			
	56	16	
DESNÍVEL			
	10	54	8
FECHAMENTO			
	16	6	50
PAREDES			
	40	22	10
PISOS			
	48	24	

Fonte: Elaborado com base em Kohlsdorf (1996) e nos resultados dos questionários aplicados.

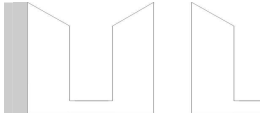
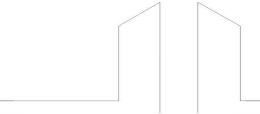

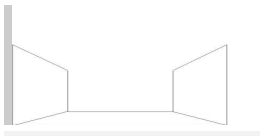
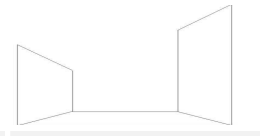
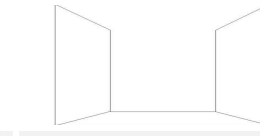


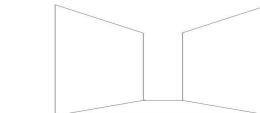
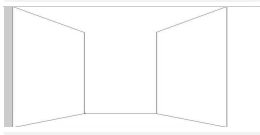
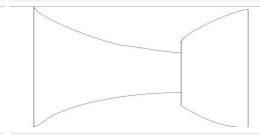
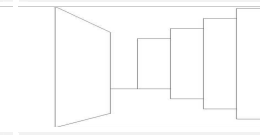
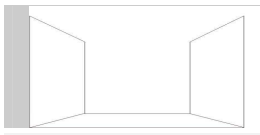
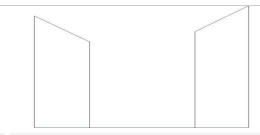
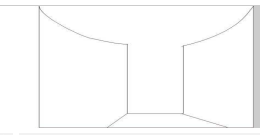
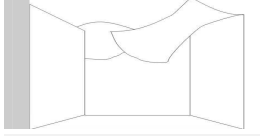
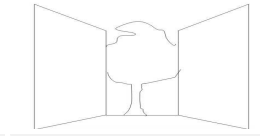
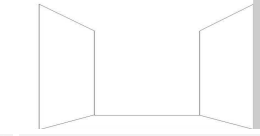
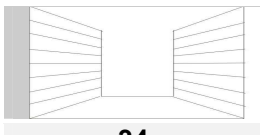
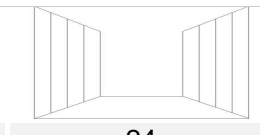
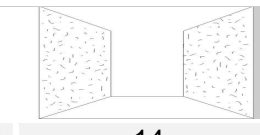
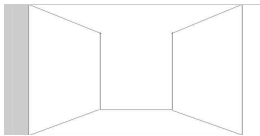
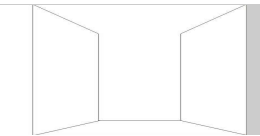

Quanto à **finalidade de utilização** do espaço, 20 respondentes (28%) afirmam que o usam para passeio; 18 (25%) a caminho do trabalho; 6 (8%) para nada; 4 (6%) para compras, lazer, descanso e prática esportiva; e 2 (3%) para trabalho, panfletagem, paquera, passagem, perambulação e conversa.

Sobre a **sensação positiva** causada pelo espaço, 22 (31%) não citam nada; 8 (11%) comentam sobre alegria e liberdade; 6 (8%) citam beleza; e 2 (3%) falam sobre preguiça, jovialidade, melancolia, pressa na venda de produtos, agitação, requinte, rapidez, aconchego, fôlego renovado, pressa, juventude, vida e tranqüilidade, além de desconhecimento (“não sabem”).

A principal **sensação negativa** citada é o frio, por 20 respondentes (28%); 6 (8%) não comentam nada ou se referem a frieza, raiva e pobreza; 4 (6%) se referem a preguiça, tristeza e melancolia; e 2 (3%) a pressa, cobrança, vadiagem, vazio, medo de assaltos, medo e falta de privacidade, além de desconhecimento (“não sabem”).

Os **moradores homens** reconhecem os seguintes **atributos** para a Rua XV de Novembro: largura mediana (61%), altura média variável (89%), profundidade média (92%), direcionamento retilíneo (83%), maior desnível (78%), sem fechamento (86%), paredes com predominância de linhas horizontais (47%) e piso mais representativo (83%) (Tabela 18).

Tabela 18 – Percepção de atributos da Rua XVde Novembro por moradores homens do bairro Centro

LARGURA			
		44	28
ALTURA			
	2	64	6
PROFUNDIDADE			
		66	6
DIREÇÃO			
	60	6	6
DESNÍVEL			
	56	8	8
FECHAMENTO			
	10		62
PAREDES			
	34	24	14
PISOS			
	12	60	

Fonte: Elaborado com base em Kohlsdorf (1996) e nos resultados dos questionários aplicados.

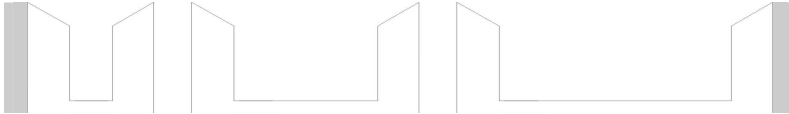
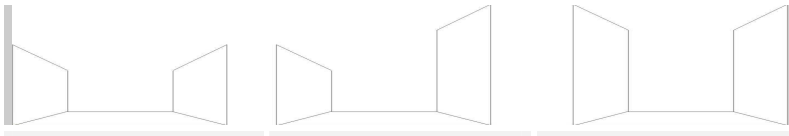

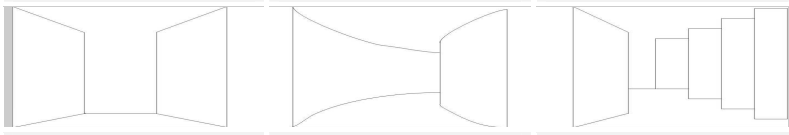
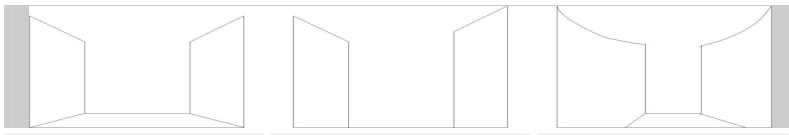
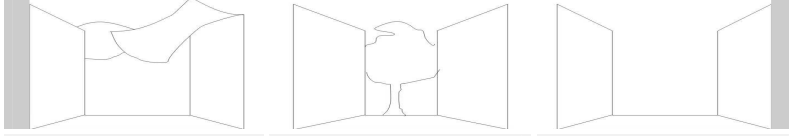
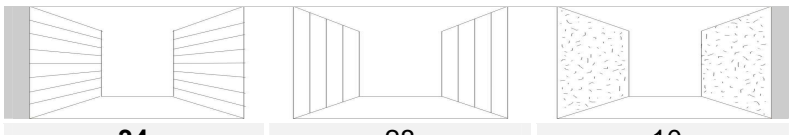
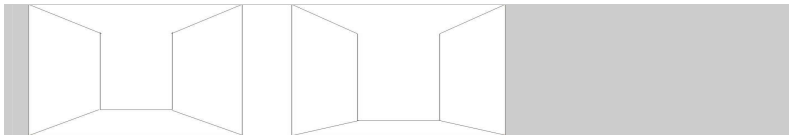
Dos 72 entrevistados, 20 (28%) afirmam a **finalidade de utilização** do espaço a caminho de casa; 18 (25%) para passeio, 14 (19%) para trabalho; 8 (11%) para lazer e a caminho de curso; e 2 (3%) para namoro e conversa.

Como **sensação positiva**, 22 (31%) não citam nada; 18 (25%) indicam a paz; 8 (11%) se referem a beleza; 6 (8%) comentam sobre liberdade; 4 (6%) alegam nostalgia, alegria e tranqüilidade; e 2 (3%) respondem silêncio, desocupação e atenção.

Como **sensação negativa**, 18 (25%) se referem a nada; 10 (14%) citam o frio; 8 (11%) comentam a preguiça; 6 (8%) indicam a pressa e tensão; 4 (6%) falam sobre o medo, abandono, sujeira, raiva e estresse; e 2 (3%) destacam a pobreza e medo de assalto.

Os resultados obtidos junto às **transeuntes mulheres** com relação aos **atributos** da Rua XV de Novembro (Tabela 19) indicam: largura mediana (61%), altura média e variável (86%), profundidade média (86%), direção retilínea (76%), nenhum desnível (42%), inexistência de fechamento (78%), paredes com predominância de linhas horizontais (47%) e piso mais representativo (53%).

Tabela 19 – Percepção de atributos da Rua XV de Novembro por transeuntes mulheres do bairro Centro

LARGURA		4	44	24
ALTURA			62	10
PROFUNDIDADE		2	62	8
DIREÇÃO		56	8	8
DESNÍVEL		14	30	28
FECHAMENTO		10	6	56
PAREDES		34	28	10
PISOS		34	38	

Fonte: Elaborado com base em Kohlsdorf (1996) e nos resultados dos questionários aplicados.

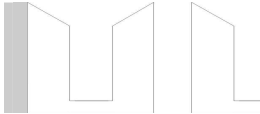
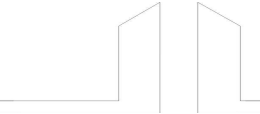

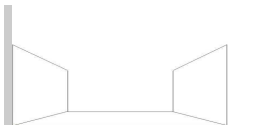
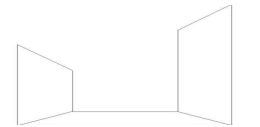
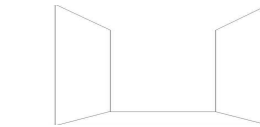
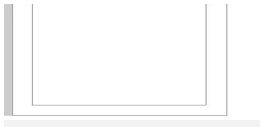
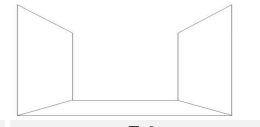
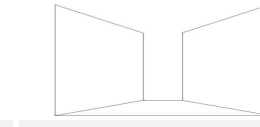
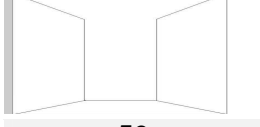
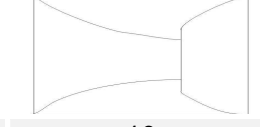
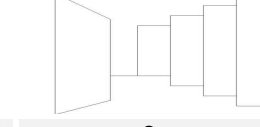
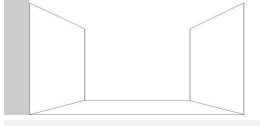
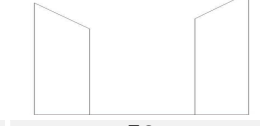
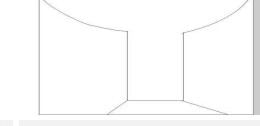

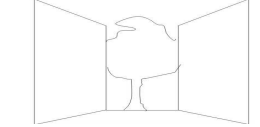
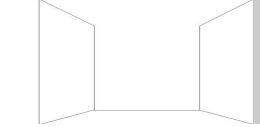
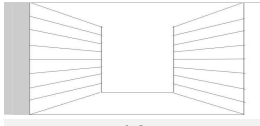
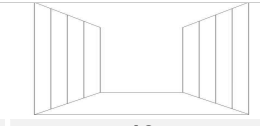
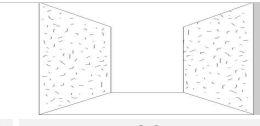
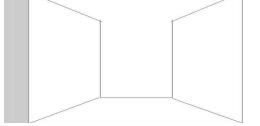
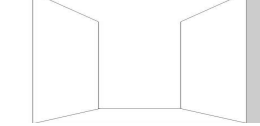

Dessas mulheres, 18 (25%) têm como **finalidade de utilização** da Rua XV de Novembro para passagem para o trabalho; 16 (2%) para passeio; 6 (8%) como passagem e para nada; 4 (6%) para lazer e trabalho; e 2 (3%) para namoro, passeio com a família, caminhada, “pensar na vida”, “ganhar dinheiro”, conversa com amigos, caminho para casa, lazer com amigos e descanso.

Em relação à **sensação positiva**, 14 (19%) não identificam nenhuma; 12 (17%) citam a liberdade; 8 (11%) falam da beleza; 6 (8%) comentam sobre esperança; 6 (8%) se referem a paciência e calor humano; e 2 (3%) indicam a alegria, nostalgia, humanidade, pressa, curiosidade, calor, modernidade, aconchego, requinte, organização e paz.

Como **sensação negativa**, 16 respondentes (22%) não identificam nenhuma; 16 (22%) destacam o frio; 8 (11%) citam o abandono; 6 (8%) indicam o sufoco e pobreza; 4 (6%) falam sobre preguiça, medo e pressa; e 2 (3%) se referem a depressão, desapego, saudade e frustração.

Os resultados obtidos em relação aos **atributos** da Rua XV de Novembro para **transeuntes homens** (Tabela 20) indicam: largura mediana (86%), altura média e variável (58%), profundidade média (75%), direção retilínea (78%), nenhum desnível (72%), inexistência de fechamento (72%), paredes com predomínio de linhas horizontais (56%) e piso mais representativo (89%).

Tabela 20 – Percepção de atributos da Rua XV de Novembro por transeuntes homens do bairro Centro

LARGURA			
		62	10
ALTURA			
	8	42	22
PROFUNDIDADE			
	6	54	12
DIREÇÃO			
	56	10	6
DESNÍVEL			
	8	52	12
FECHAMENTO			
	16	4	52
PAREDES			
	12	40	20
PISOS			
	8	64	

Fonte: Elaborado com base em Kohlsdorf (1996) e nos resultados dos questionários aplicados.

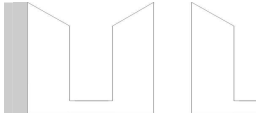
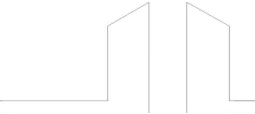

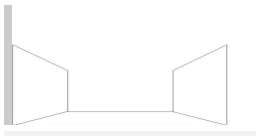
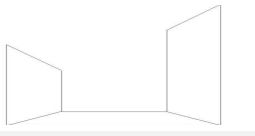
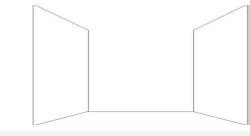

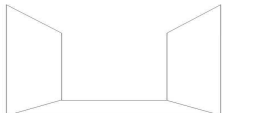
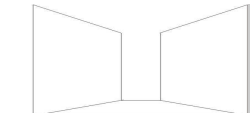
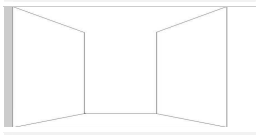
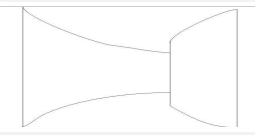
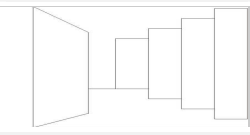
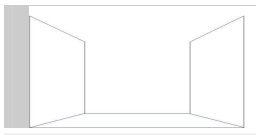
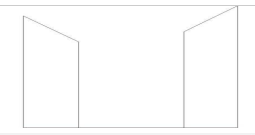
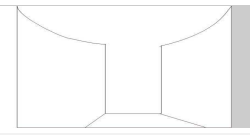
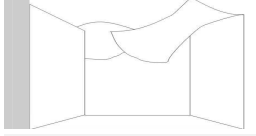
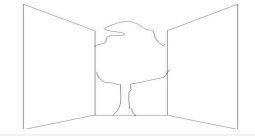
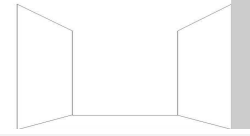
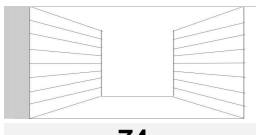
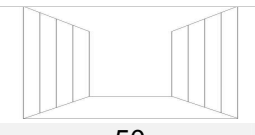
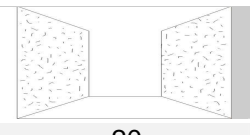
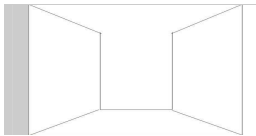
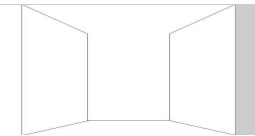

Dos 72 transeuntes homens, 30 (42%) têm como **finalidade de utilização** da Rua XV de Novembro para passeio; 16 (22%) para caminho do trabalho; 14 (19%) para lazer; 6 (8%) para compras; e 2 (3%) para passagem, caminho para casa e para conversa.

Como **sensação positiva**, 14 (19%) respondem “nada”; 12 (17%) indicam a alegria; 10 (14%) se referem a beleza; 8 (11%) comentam sobre a nostalgia; 6 (8%) destacam a tranquilidade e liberdade; e 2 (3%) ressaltam o poder, melancolia, frio, ânimo, alívio, vivacidade, vitalidade; 2 (3%) ainda não sabem responder.

Como **sensação negativa**, 16 (22%) indicam o frio, 14 (19%) respondem “nada”; 10 (14%) ressaltam a pobreza; 8 (11%) falam da preguiça; 4 (6%) se referem a pressa e medo de assalto; e 2 (3%) destacam o tumulto, estresse, alvoroço, abandono, simplicidade, tristeza, melancolia e medo.

Os resultados obtidos para as **mulheres** (tanto moradoras como transeuntes – Tabela 21) indicam: largura mediana (61%), altura média e variável (79%), profundidade média (82%), direção retilínea (78%), nenhum desnível (58%), inexistência de fechamento (74%), paredes com predomínio de linhas horizontais (51%) e piso mais representativo (57%).

Tabela 21 – Resultados de percepção de atributos da Rua XV de Novembro por mulheres do bairro Centro

LARGURA			
	10	88	46
ALTURA			
	10	114	20
PROFUNDIDADE			
	12	118	14
DIREÇÃO			
	112	24	8
DESNÍVEL			
	24	84	36
FECHAMENTO			
	26	12	106
PAREDES			
	74	50	20
PISOS			
	82	62	

Fonte: Elaborado com base em Kohlsdorf (1996) e nos resultados dos questionários aplicados.

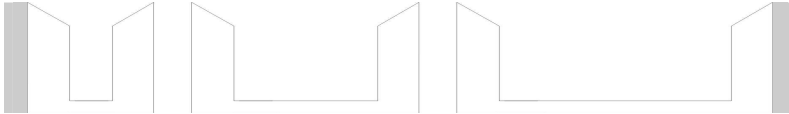
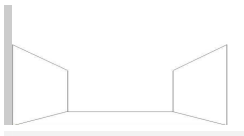
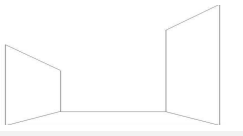


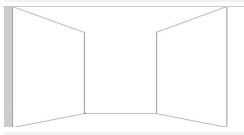
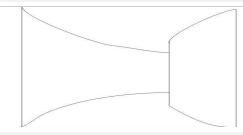
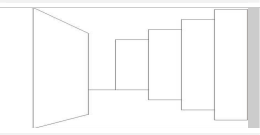
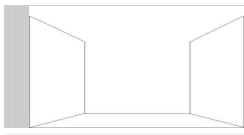
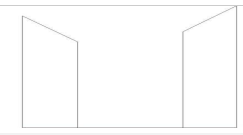
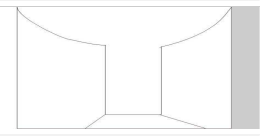
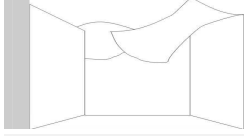
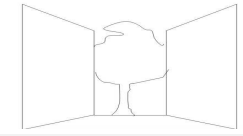
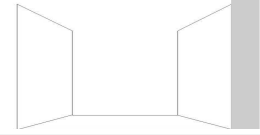
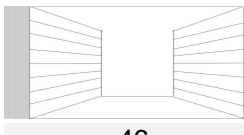
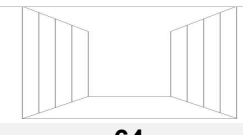
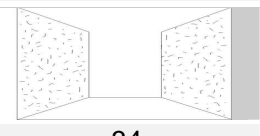
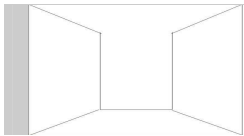
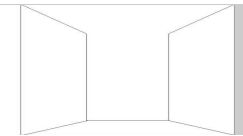

Em relação à **finalidade de utilização** do espaço, 36 mulheres (25%) usam a Rua XV para passeio e a caminho do trabalho; 12 (8%) não a utilizam para nada; 8 (6%) como lazer e passagem; 6 (4%) para descanso e trabalho; 4 (3%) para compras e prática esportiva e 2 (1%) para diversas atividades, como: panfletagem, paquera, perambulação, conversa, caminho para casa, namoro, passeio com a família, caminhada, “pensar na vida”, “ganhar dinheiro”, conversa com amigos e lazer com amigos.

Como **sensação positiva**, 36 mulheres (25%) afirmam que não sentem “nada”; 20 (14%) comentam sobre a liberdade; 14 (10%) relacionam a beleza; 10 (7%) se referem a alegria; 6 (4%) têm esperança; 4 (3%) indicam requinte, aconchego, pressa, paciência e calor humano; e 2 (1%) falam de preguiça, jovialidade, melancolia, pressa na venda de produtos, agitação, rapidez, fôlego renovado, juventude, vida, tranqüilidade, paz, nostalgia, humanidade, curiosidade, calor, modernidade e organização, além de desconhecimento (“não sabem”).

Acerca da **sensação negativa**, 36 mulheres (25%) respondem sobre o frio; 22 (15%) não comentam nada; 12 (8%) se referem a pobreza; 8 (6%) citam a preguiça e abandono; 6 (4%) se referem a frieza, raiva, pressa, medo e ódio; 4 (3%) indicam a tristeza e melancolia; e 2 (1%) relacionam a cobrança, vadiagem, vazio, medo de assalto, falta de privacidade, sufoco, depressão, desapego e saudade, além de desconhecimento (“não sabem”).

Os resultados obtidos para os **homens** (tanto moradores como transeuntes – Tabela 22) indicam: largura mediana (74%), altura média e variável (74%), profundidade média (83%), direção retilínea (81%) desnível maior (44%), nenhum fechamento (79%), paredes com predomínio de linhas verticais (44%) e piso menos representativo (86%).

Tabela 22 – Resultados de percepção de atributos da Rua XV de Novembro por homens do bairro Centro

LARGURA		106	38
ALTURA		10	
		106	28
PROFUNDIDADE		6	
		120	18
DIREÇÃO		116	
		16	
			12
DESNÍVEL		64	
		60	
			20
FECHAMENTO		26	
		4	
			114
PAREDES		46	
		64	
			34
PISOS		20	
		124	

Fonte: Elaborado com base em Kohlsdorf (1996) e nos resultados dos questionários aplicados.

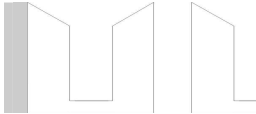
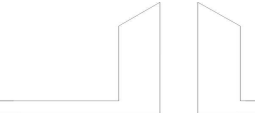

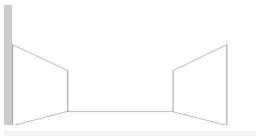
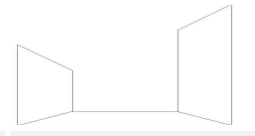
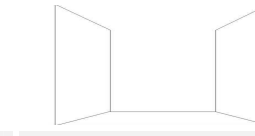

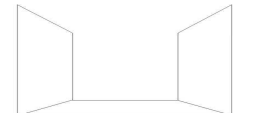
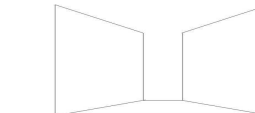
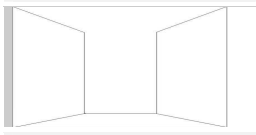
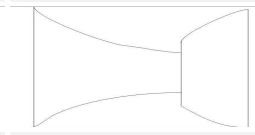
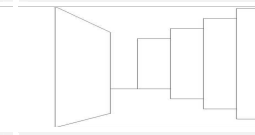
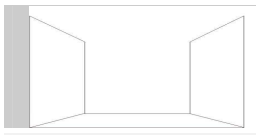
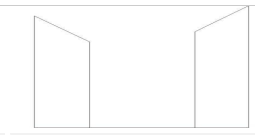
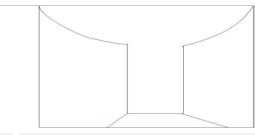
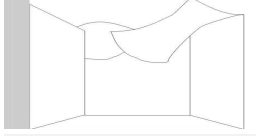
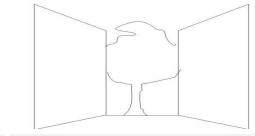
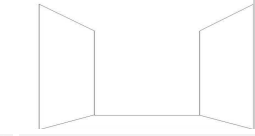
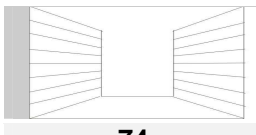
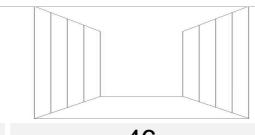
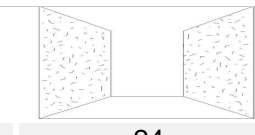
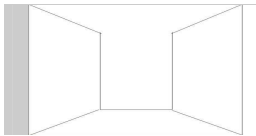
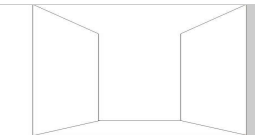

Com referência à **finalidade de utilização** do espaço, 48 homens (33%) usam a Rua XV para passeio; 22 (15%) para lazer e a caminho de casa; 16 (11%) a caminho do trabalho; 14 (10%) para trabalho; 8 (6%) a caminho de curso; 6 (4%) para compras; 4 (3%) para conversa; e 2 (1%) para passagem e namoro.

A **sensação positiva** mais citada pelos homens foi “nada” (32 respondentes - 22%); seguida por 18 entrevistados (13%) que indicam beleza e paz; 16 (11%) citam a alegria; 12 (8%) se referem a liberdade; 10 (7%) comentam sobre a tranquilidade; 4 (3%) falam da nostalgia; e 2 (1%) relacionam a melancolia, silêncio, desocupação, atenção, poder, frio, ânimo, alívio, vivacidade e vitalidade, além de desconhecimento (“não sabem”).

Em relação ao **sentimento negativo**, 32 homens (22%) não sentem “nada”; 26 (18%) reclamam do frio; 16 (11%) se referem a preguiça; 12 (8%) citam a pobreza; 10 (7%) destacam a pressa; 6 (4%) ressaltam o medo de assalto, medo, tensão, abandono e estresse; 4 (3%) comentam sobre raiva e sujeira; e 2 (1%) relatam a tristeza, melancolia, tumulto, alvoroço e simplicidade.

Os resultados obtidos para **moradores** (tanto homens como mulheres) indicam como **atributos** da Rua XV de Novembro (Tabela 23): largura mediana (61%), altura média e variável (81%), profundidade média (85%), direção retilínea (81%), desnível maior (46%), nenhum fechamento (78%), paredes com predomínio de linhas horizontais (51%) e piso menos representativo (58%).

Tabela 23 – Resultados de percepção de atributos da Rua XV de Novembro por moradores do bairro Centro

LARGURA			
	6	88	50
ALTURA			
	12	116	16
PROFUNDIDADE			
	10	122	12
DIREÇÃO			
	116	22	6
DESNÍVEL			
	66	62	16
FECHAMENTO			
	26	6	112
PAREDES			
	74	46	24
PISOS			
	60	84	

Fonte: Elaborado com base em Kohlsdorf (1996) e nos resultados dos questionários aplicados.

Como **finalidade de utilização** da Rua XV, 38 moradores (26%) a usam para passeio; 18 (13%) a caminho do trabalho; 16 (11%) para trabalho; 12 (8%) para lazer; 6 (4%) para nada; 4 (3%) para compras, descanso e prática esportiva; e 2 (1%) para panfletagem, paquera, passagem, perambulação e conversa.

Em relação à **sensação positiva**, 44 (31%) se referem a “nada”; 18 (13%) comentam sobre a paz; 14 (10%) indicam a liberdade e beleza; 12 (8%) falam da alegria; 6 (4%) citam a tranquilidade; 4 (3%) destacam a nostalgia; e 2 (1%) relacionam a preguiça, jovialidade, melancolia, pressa na venda de produtos, agitação, requinte, rapidez, aconchego, fôlego renovado, pressa, juventude, vida, silêncio, desocupação e atenção, além de desconhecimento (“não sabem”).

No que se refere às **sensações negativas**, 30 moradores (21%) indicam o frio; 24 (17%) se referem a “nada”; 12 (8%) lembram da preguiça; 10 (7%) comentam sobre a raiva; 8 (6%) destacam a pobreza e pressa; 6 (4%) citam a frieza, medo e tensão; 4 (3%) falam da tristeza, melancolia, medo de assalto, abandono, sujeira e estresse; e 2 (1%) relatam a cobrança, vadiagem, vazio e falta de privacidade, além de desconhecimento (“não sabem”).

Os resultados obtidos para **transeuntes**, incluindo homens e mulheres (Tabela 24), indicam: largura mediana (74%), altura média e variável (72%), profundidade média (81%), direção retilínea (78%), nenhum desnível (57%), inexistência de fechamento (75%), paredes com predomínio de linhas verticais (47%) e piso menos representativo (71%)

Tabela 24 – Resultados de percepção de atributos da Rua XV de Novembro por transeuntes do bairro Centro

LARGURA		4	106	34
ALTURA		8	104	32
PROFUNDIDADE		8	116	20
DIREÇÃO		112	18	14
DESNÍVEL		22	82	40
FECHAMENTO		26	10	108
PAREDES		46	68	30
PISOS		42	102	

Fonte: Elaborado com base em Kohlsdorf (1996) e nos resultados dos questionários aplicados.

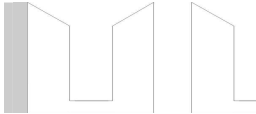
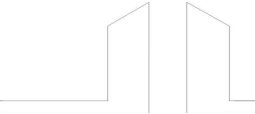

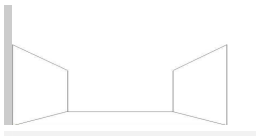
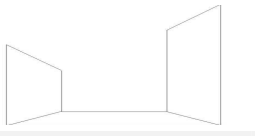
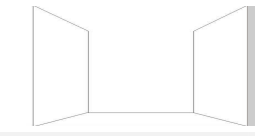

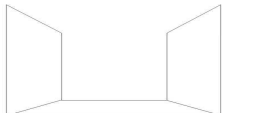
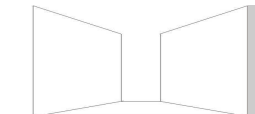
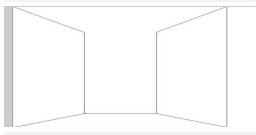
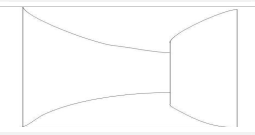
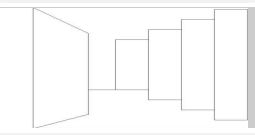
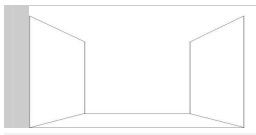
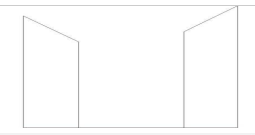
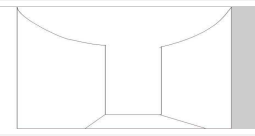
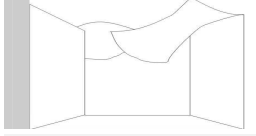
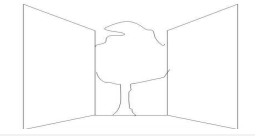
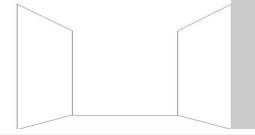
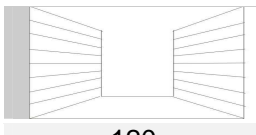
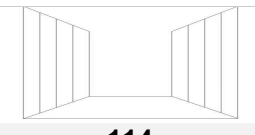
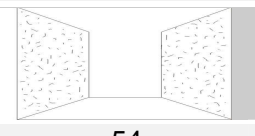
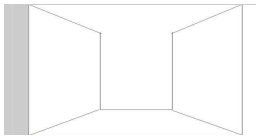
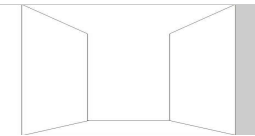

Em relação à **finalidade de utilização** da Rua XV, 46 transeuntes (32%) a usam para passeio; 34 (24%) a caminho do trabalho; 18 (13%) para lazer; 8 (6%) como passagem; 6 (4%) para nada e para compras; 4 (3%) a trabalho e a caminho de casa; e 2 (1%) para descanso, para namoro, conversa, a passeio com a família, caminhada, “pensar na vida”, “ganhar dinheiro”, conversa com amigos e lazer com amigos.

Em referência a Rua XV, 28 entrevistados (19%) afirmam que não têm nenhuma **sensação positiva**; 18 (13%) se referem a liberdade e beleza; 14 (10%) citam a alegria; 10 (7%) falam da nostalgia; 6 (4%) comentam sobre a tranquilidade e esperança; 4 (3%) indicam a paciência, calor humano e humanidade; e 2 (1%) relatam o requinte, aconchego, pressa, paz, curiosidade, calor, modernidade, organização, poder, frio, ânimo, alívio, vivacidade e vitalidade, além de desconhecimento (“não sabem”).

No que se refere às **sensações negativas**, 32 transeuntes (22%) indicam o frio; 30 (21%) não citam “nada”; 16 (11%) se referem a pobreza; 12 (8%) destacam a preguiça; 10 (7%) relatam o abandono; 8 (6%) falam da pressa; e 6 (4%) afirmam o medo e sufoco.

O **total** dos resultados obtidos (para todos os respondentes) indicam como **atributos** da Rua XV de Novembro (Tabela 25): largura mediana 67,4%), altura média e variável (76,4%), profundidade média (82,65%), direção retilínea (79,15%), nenhum desnível (50%), inexistência de fechamento (76,40%), paredes com predomínio de linhas horizontais (41,70%) e piso menos representativo (64,60%).

Tabela 25 – Resultados de percepção de atributos da Rua XV de Novembro por moradores e transeuntes do bairro Centro

LARGURA			
	10	194	84
ALTURA			
	20	220	48
PROFUNDIDADE			
	18	238	32
DIREÇÃO			
	228	40	20
DESNÍVEL			
	88	144	56
FECHAMENTO			
	52	16	220
PAREDES			
	120	114	54
PISOS			
	102	186	

Fonte: Elaborado com base em Kohlsdorf (1996) e nos resultados dos questionários aplicados.

A maioria dos respondentes (84 – 29,30%) tem como **finalidade de utilização** da Rua XV para passeio; 42 (14,70%) para caminho do trabalho; 30 (10,50%) para lazer; 24 (8,40%) para caminho de casa; 20 (7,10%) para trabalho; 12 (4,30%) para nada; 10 (3,7%) para compras e como passagem; 8 (3%) para caminho de curso; 6 (2,1%) para descanso; 4 (1,4%) para prática esportiva, namoro e conversa; e 2 (0,9%) para panfletagem, paquera, perambulação, conversa, passeio com a família, caminhada, “pensar na vida”, “ganhar dinheiro”, conversa com amigos e lazer com amigos.

Em relação à **sensação positiva**, 72 (25%) afirmam que não sentem “nada”; 32 (11,30%) afirmam a liberdade e beleza; 26 (9,10%) citam a alegria; 20 (6,95%) se referem a paz; 12 (4,35%) falam da tranquilidade; 6 (2,30%) comentam sobre a esperança; 4 (1,50%) destacam a melancolia, requinte, aconchego, pressa, paciência e calor humano; e 2 (0,9%) relacionam a preguiça, jovialidade, pressa na venda de produtos, agitação, rapidez, fôlego renovado, juventude, vida, silêncio, desocupação, atenção, humanidade, curiosidade, calor, modernidade, organização, poder, frio, ânimo, alívio, vivacidade e vitalidade, além de desconhecimento (“não sabem”).

No que se refere às **sensações negativas**, 62 entrevistados (21,8%) reclamam do frio; 54 (18,75%) se referem a “nada”; 24 (8,4%) citam a pobreza e preguiça; 16 (5,55%) destacam a pressa; 14 (4,8%) ressaltam o abandono; 8 (2,8%) comentam sobre o medo de assalto; 6 (2,1%) falam da frieza, tristeza, melancolia, tensão, estresse e sufoco; 4 (1,4%) lembram da sujeira; e 2 (0,7%) relatam a cobrança, vadiagem, vazio, falta de privacidade, depressão, desapego, saudade, frustração, tumulto, alvoroço e simplicidade, além de desconhecimento (“não sabem”).

Em relação à **análise geral dos atributos** da Rua XV de Novembro, todos os grupos (moradoras mulheres, moradores homens, transeuntes mulheres, transeuntes homens, transeuntes, moradores, homens, mulheres) identificam a **largura** como mediana, apontando que o espaço não é nem muito estreito, nem muito largo. Este atributo pode estar relacionado com a altura do perfil, considerando que, se o mesmo fosse mais alto, os usuários poderiam assinalar a

opção com menor largura. Outro aspecto que pode estar relacionado com a largura é o fluxo de pedestres, o qual, se fosse mais intenso, poderia induzir os respondentes a assinalar a menor largura, devido ao espaço não suportar adequadamente a quantidade de usuários.

A **altura do perfil** foi classificada por todos os grupos como média e variável. Julga-se que esta classificação seja majoritária devido à proporcionalidade entre a largura e esta altura, considerando-se que sua variabilidade se processa por meio dos diferentes gabaritos das edificações.

A profundidade, de acordo com todos os grupos, é apontada como maior, o que se deve provavelmente à extensão do espaço em questão. Este item pode estar relacionado com a memória mental dos usuários, considerando-se que no ponto onde foram aplicados os questionários, árvores estabelecem o fechamento frontal, assim como elementos do mobiliário urbano.

A direção é identificada como retilínea por todos os grupos, devido essencialmente à presença do eixo estruturante.

Com exceção dos grupos de moradores homens, moradores e homens, que identificam o maior desnível, os demais assinalam que a Rua XV de Novembro não apresenta este atributo. O fato da maioria ter percebido a Rua XV sem desnível deve-se presumivelmente ao fato de lembrarem da inexistência de degraus; por sua vez, os grupos que identificaram o desnível como o maior provavelmente se relacionam com a profundidade, podendo os usuários ter confundido esta imagem com a de desnível, sem lembrar que não existe diferença de nível no referido espaço.

Todos os grupos indicam que o **fechamento** é inexistente, seja superior ou frontal. É importante ressaltar que, no local onde foram aplicados os questionários, ocorre fechamento frontal, devido à existência de árvores e mobiliário urbano. Apesar deste fato, a grande maioria dos respondentes identifica o espaço como sem fechamento, possivelmente devido à imagem mental já formada nestes usuários.

Em relação às **paredes**, a maioria dos grupos indica que apresentam predominância de linhas horizontais, sendo que apenas os grupos dos transeuntes

homens, homens e transeuntes reconhecem predomínio de linhas verticais. É presumível que esta diferença deva-se ao fato de alguns respondentes terem relacionado as linhas verticais com o delineamento dos edifícios e não com o direcionamento do espaço, como interpretado pela maioria dos usuários.

O **piso** indicado por todos os respondentes é o menos representativo. Julga-se que esta configuração ocorre devido à relação com as com linhas das edificações, bem como com a altura das mesmas, que é mais elevada no ponto onde foi aplicado o questionário, desviando a atenção da profundidade e também da paginação de piso.

Como **finalidade de utilização**, os principais usos da Rua XV de Novembro, indicados por todos, são: passeio e lazer.

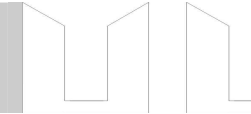
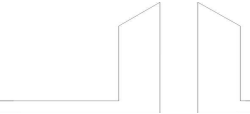


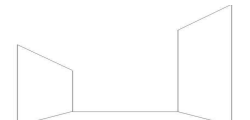
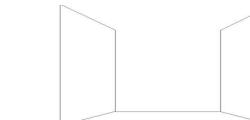
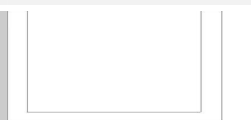
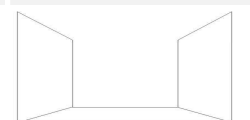

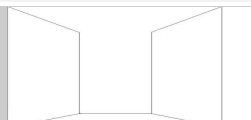
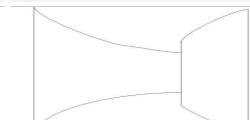
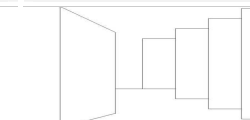
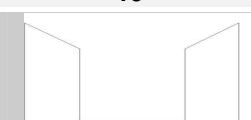

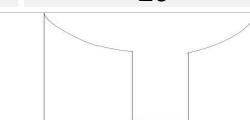
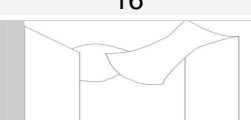
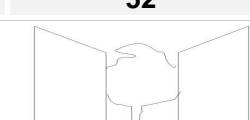
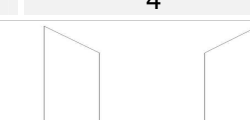
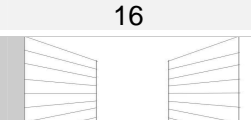
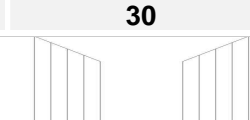
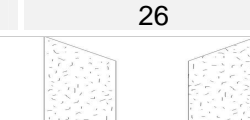
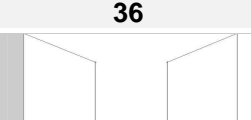
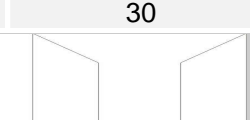
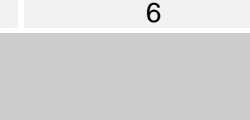
As **sensações positivas** citadas por todos os grupos são: “nada”, alegria, liberdade e beleza; e os **sentimentos negativos** são: frio, “nada”, pobreza, preguiça, pressa e medo.

O passeio e lazer são atividades correlatas, indicando que a maioria dos usuários do espaço de estudo não relaciona o local com trabalho. Talvez este constitua o principal motivo para as sensações de alegria e de liberdade estarem inclusas entre as mais citadas. Outro aspecto positivo citado por todos os grupos – a beleza – deve estar relacionada com a preservação dos edifícios, tratamento de pisos e presença de vegetação distribuída em canteiros e floreiras, dentre outros elementos. Em relação aos aspectos negativos, julga-se que a de frio esteja relacionada com o clima da cidade, até porque “frio” e “frieza” são sensações distintas, estando a primeira relacionada às condições de temperatura atmosférica. O destaque à pobreza é devido à presença de indigentes, que pedem esmolas e dormem em papelões e jornais. Possivelmente, a preguiça deve-se ao fato de diversas pessoas utilizarem o espaço para descanso, sentadas nos bancos ao longo do local. Sobre a pressa ter sido citada por todos os grupos, julga-se que se deve ao fato de diversos usuários utilizarem a Rua XV como passagem para o trabalho e para casa. O medo é decorrente da insegurança existente nos dias atuais nas grandes cidades brasileiras.

4.4.2 Praça Osório

Os resultados obtidos para as mulheres que moram no Centro (Tabela 26), indicam como **atributos** da Praça Osório: largura mediana (86,1%), altura maior e sem variação (77,8%), profundidade média (86,1%), direção retilínea (63,9%), nenhum desnível 72,2%), fechamento frontal (41,7%), paredes com predomínio de linhas horizontais (50%) e piso menos representativo (72,2%).

Tabela 26 – Resultados de percepção de atributos da Praça Osório por moradoras mulheres do bairro Centro

LARGURA			
	10	62	
ALTURA			
	10	6	56
PROFUNDIDADE			
	4	62	6
DIREÇÃO			
	46		26
DESNÍVEL			
	16	52	4
FECHAMENTO			
	16	30	26
PAREDES			
	36	30	6
PISOS			
	20	52	

Fonte: Elaborado com base em Kohlsdorf (1996) e nos resultados dos questionários aplicados.

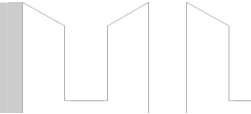
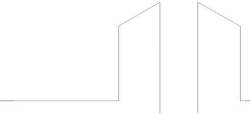


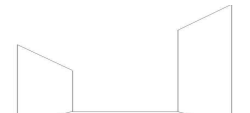
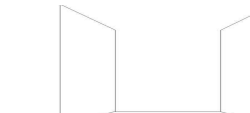


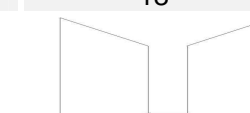

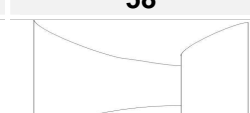
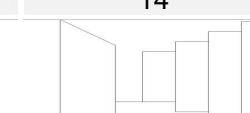
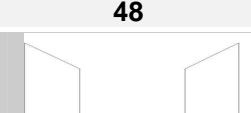
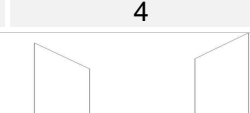
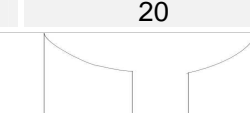
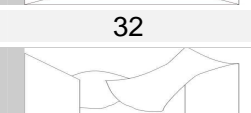
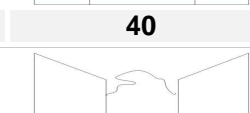

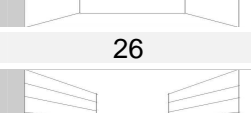
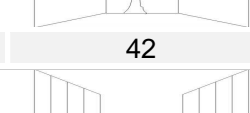
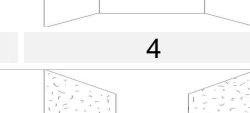
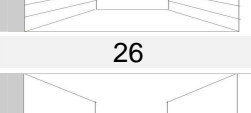
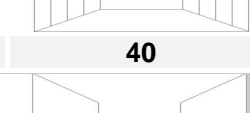
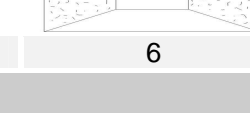
Quando perguntados sobre a **finalidade de utilização** do espaço, 24 respondentes (33,3%) apontam que o utilizam para passeio; 18 (25%) para caminho do trabalho; 6 (8,3%) para lazer; 4 (5,6%) para “nada”, conversa, trabalho, descanso e prática esportiva; e 2 (2,7%) para namoro e passagem,.

Sobre a **sensação positiva** causada pelo espaço, 22 (30,7%) apontam a tranquilidade; 10 (13,9%) citam a paz e liberdade; 8 (11,2%) mencionam a beleza e alegria; 4 (5,6%) falam de ânimo e 2 (2,7%) relatam a jovialidade, rapidez, aconchego e juventude, além de desconhecimento (“não sabem”).

A principal **sensação negativa** citada é umidade, por 16 respondentes (22,3%); 10 (13,9%) apontam a pressa, preguiça e pobreza; 6 (8,4%) reclamam do frio; 4 (5,6%) indicam a raiva, tristeza e depressão; e 2 (2,7%) se referem a “nada”, vazio e medo de assaltos, além de desconhecimento (“não sabem”).

Os resultados sobre a Praça Osório relativos a **moradores homens** (Tabela 27) apontam com **atributos**: largura mediana (58,3%), altura média variável (66,7%), profundidade média (80,6%), direcionamento retilíneo (66,7%), desnível nulo (55,60%), fechamento frontal (58,3%), paredes com predominância de linhas verticais e piso menos representativo (77,8%).

Tabela 27 – Resultados de percepção de atributos da Praça Osório por moradores homens do bairro Centro

LARGURA			
	26	42	4
ALTURA			
	6	48	18
PROFUNDIDADE			
		58	14
DIREÇÃO			
	48	4	20
DESNÍVEL			
	32	40	
FECHAMENTO			
	26	42	4
PAREDES			
	26	40	6
PISOS			
	16	56	

Fonte: Elaborado com base em Kohlsdorf (1996) e nos resultados dos questionários aplicados.

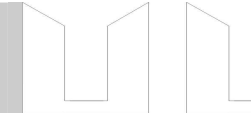
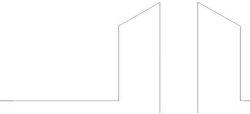

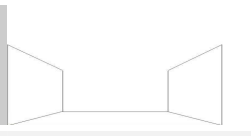
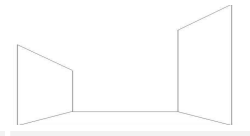
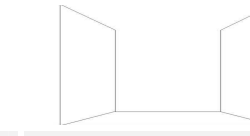

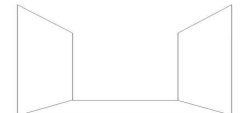
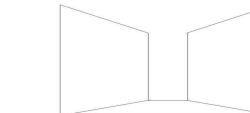
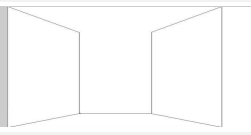
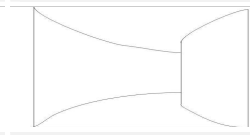
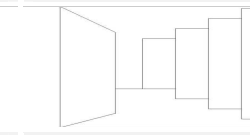
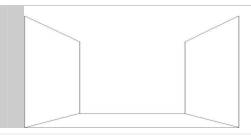
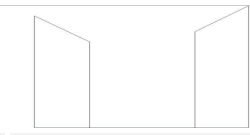
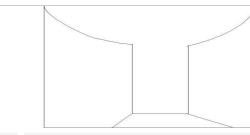
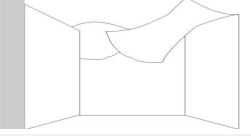
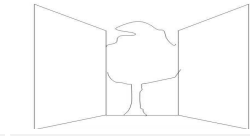
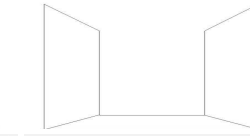
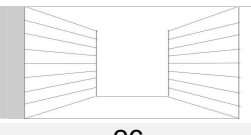
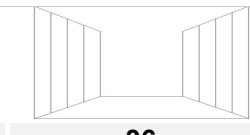
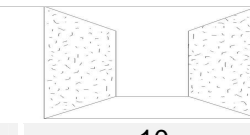
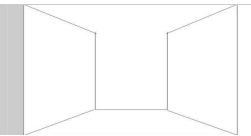
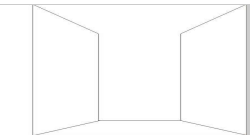

Dos 72 entrevistados, 24 (33,3%) têm como **finalidade de utilização** do espaço para caminho do trabalho; 16 (22,2%) a utilizam para passeio, 12 (16,7%) para lazer; 6 (8,3%) para passagem e descanso; 4 (5,6%) não sabem informar; e 2 (2,8%) para “nada” e para “passar tempo”.

Como **sensação positiva**, 22 (30,6%) apontam a paz; 14 (19,4%) se referem a “nada”; 8 (11,1%) indicam a tranquilidade; 6 (8,3%) se referem à beleza, harmonia e relaxamento; 4 (5,6%) destacam a alegria e silêncio; e 2 (2,8%) revelam a liberdade.

Como **sensação negativa**, 20 (27,7%) reclamam do estresse; 10 (13,8%) citam a umidade; 8 (11,1%) lembram da preguiça; 6 (8,3%) indicam tensão e insegurança; 4 (5,6%) comentam sobre medo, frio, pobreza, pressa e “nada”; e 2 (2,8%) afirmam a saudade.

Os resultados obtidos para **transeuntes mulheres** (Tabela 28) indicam como **atributos** da Praça Osório: largura mediana (66,7%), altura média e variável (58,4%), profundidade maior (66,7%), direção retilínea (66,7%), nenhum desnível (55,6%), fechamento frontal (50%), paredes com predominância de linhas verticais (50%) e piso menos representativo (*55,6%).

Tabela 28 – Resultados de percepção de atributos da Praça Osório por transeuntes mulheres do bairro Centro

LARGURA			
	18	48	6
ALTURA			
	4	42	26
PROFUNDIDADE			
	2	22	48
DIREÇÃO			
	48	2	22
DESNÍVEL			
	18	40	14
FECHAMENTO			
	10	36	26
PAREDES			
	26	36	10
PISOS			
	32	40	

Fonte: Elaborado com base em Kohlsdorf (1996) e nos resultados dos questionários aplicados.

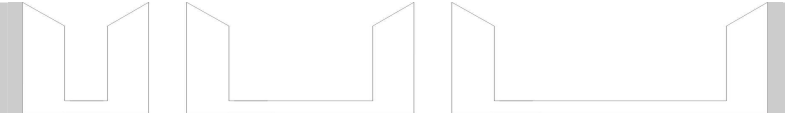

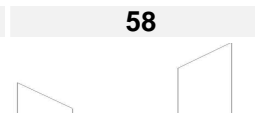
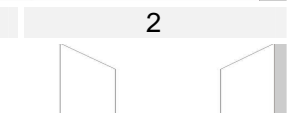
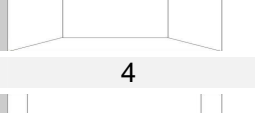

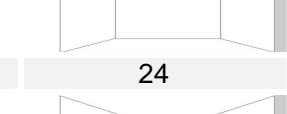
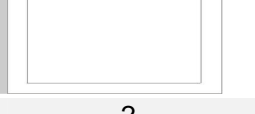
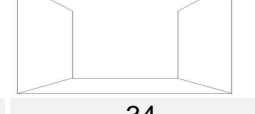
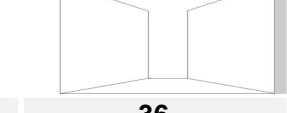
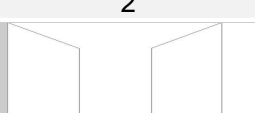
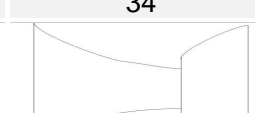
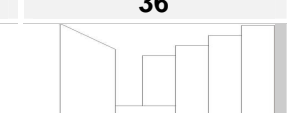
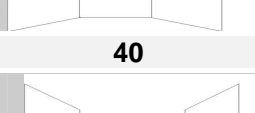
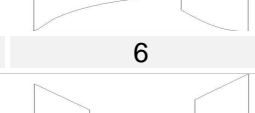
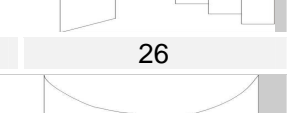

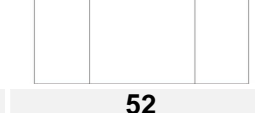
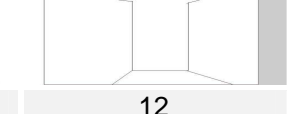

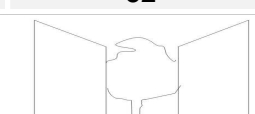

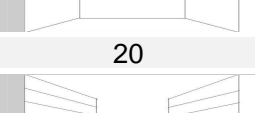
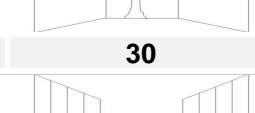
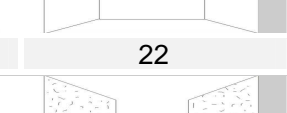
Dessas mulheres, 18 (25%) citam a **finalidade de utilização** da Praça Osório para passeio; 10 (13,7%) para compras; 6 (8,3%) como passagem, inclusive para trabalho e lazer com a família; 4 (5,6%) para lazer, trabalho, alimentação e “nada”; e 2 (2,8%) para paquera, caminhada, prática de esportes, caminho para casa e descanso.

Em relação à **sensação positiva**, 14 respondentes (19,5%) indicam a tranquilidade; 12 (16,4%) citam o aconchego; 8 (11,1%) comentam a beleza e paz; 6 (8,3%) destacam a calma; 4 (5,6%) ressaltam a jovialidade, organização e liberdade, além de desconhecimento (“não sabem”); e 2 (2,8%) relatam a alegria, agitação, pressa e “nada”.

Como **sensação negativa**, 16 entrevistados (22,1%) identificam o frio; 14 (19,5%) apontam a pobreza; 8 (11,1%) comentam sobre o abandono e medo de assalto; 6 (8,3%) revelam a falta de ocupação e depressão; 4 (5,6%) indicam a umidade e raiva; e 2 (2,8%) relatam a inveja, ódio e vagabundagem.

Os resultados obtidos para **transeuntes homens** relativos aos **atributos** da Praça Osório (Tabela 29) indicam: largura mediana (80,6%), altura média e variável (61,1%), profundidade maior (50%), direção retilínea (55,6%), nenhum desnível (72,2%), fechamento frontal (41,7%), paredes com predomínio de linhas verticais (52,8%) e piso menos representativo (72,2%).

Tabela 29 – Resultados de percepção de atributos da Praça Osório por transeuntes homens do bairro Centro

LARGURA				
	12	58	2	
ALTURA				
	4	44	24	
PROFUNDIDADE				
	2	34	36	
DIREÇÃO				
	40	6	26	
DESNÍVEL				
	8	52	12	
FECHAMENTO				
	20	30	22	
PAREDES				
	22	38	12	
PISOS				
	20	52		

Fonte: Elaborado com base em Kohlsdorf (1996) e nos resultados dos questionários aplicados.

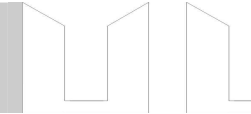
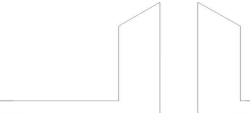

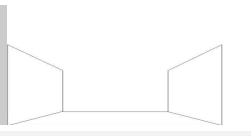
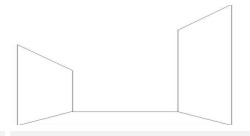
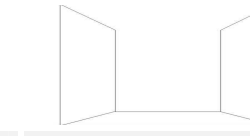

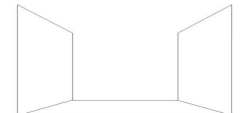
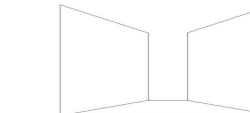
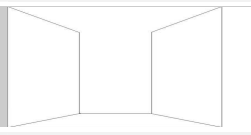
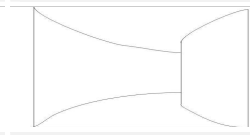
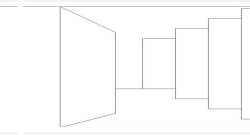
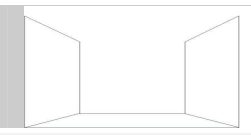
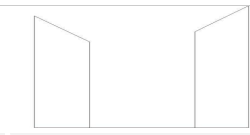
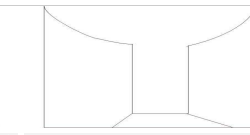
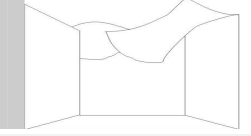
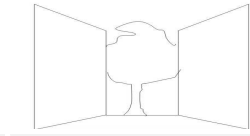
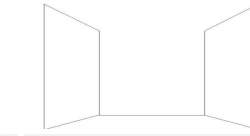
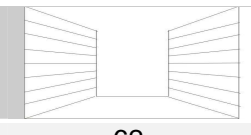
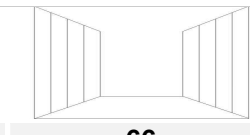
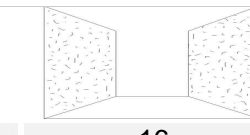
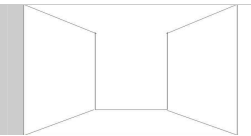
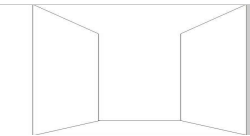

Dos 72 transeuntes homens, 18 (25%) têm a **finalidade de utilização** da Praça Osório voltada para o trabalho; 14 (19,3%) para a alimentação; 10 (13,9%) como caminho do trabalho e para prática de esportes; 6 (8,3%) para lazer; 4 (5,6%) para “nada” e passeio; e 2 (2,8%) para conversa, namoro e lazer com a família.

Como **sensação positiva**, 12 pessoas (16,7%) destacam o aconchego; 10 (13,9%) indicam a tranquilidade e paz; 8 (11,1%) se referem à beleza e “nada”; 6 (8,3%) ressaltam a nostalgia e preguiça; 4 (5,6%) lembram da alegria, além de desconhecimento (“não sabem”); e 2 (2,8%) comentam sobre a força de trabalho e silêncio.

Como **sensação negativa**, 16 (22,3%) reclamam da umidade; 14 (19,3%) apontam a nostalgia; 10 (13,9%) afirmam o medo; 8 (11,1%) destacam o estresse; 6 (8,3%) se referem a falta de cuidado e pânico; 4 (5,6%) citam o tumulto e sufoco; e 2 (2,8%) lembram do medo de assalto e raiva.

Os resultados obtidos para as **mulheres** (tanto moradoras como transeuntes) referentes aos atributos da Praça Osório (Tabela 30) indicam: largura mediana (76,4%), altura maior e sem variação (56,9%), profundidade média (58,3%), direção retilínea (65,3%), nenhum desnível (63,9%), fechamento frontal (45,8%), paredes com predomínio de linhas verticais (45,8%) e piso menos representativo (63,9%).

Tabela 30 – Resultados de percepção de atributos da Praça Osório por mulheres do bairro Centro

LARGURA			
	28	110	6
ALTURA			
	14	48	82
PROFUNDIDADE			
	6	84	54
DIREÇÃO			
	94	2	48
DESNÍVEL			
	34	92	18
FECHAMENTO			
	26	66	52
PAREDES			
	62	66	16
PISOS			
	52	92	

Fonte: Elaborado com base em Kohlsdorf (1996) e nos resultados dos questionários aplicados.

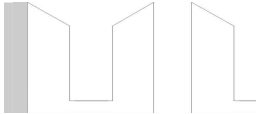
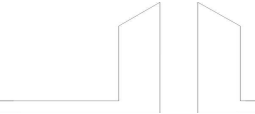

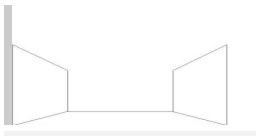
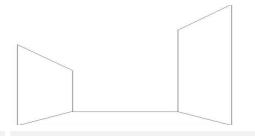
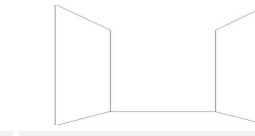

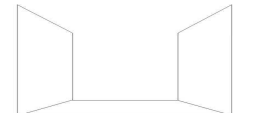
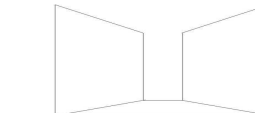
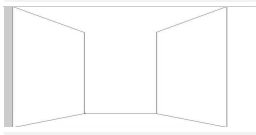
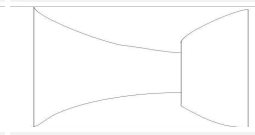
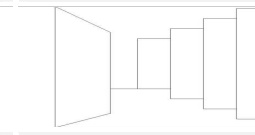
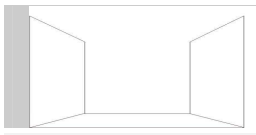
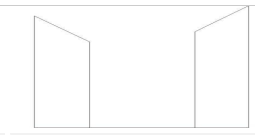
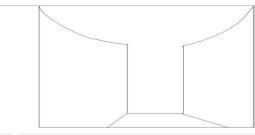
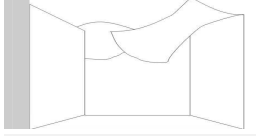
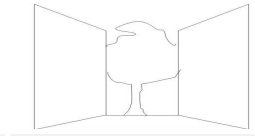
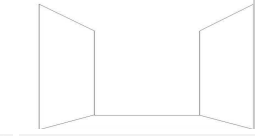
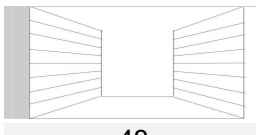
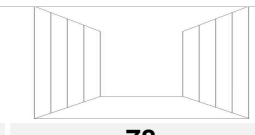
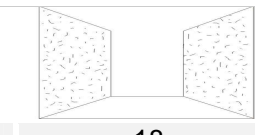
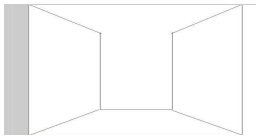
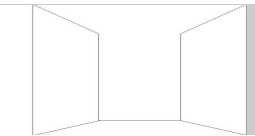

Em relação à **finalidade de utilização** do espaço, 42 respondentes (28,9%) o usam para passeio; 24 (16,7%) a caminho do trabalho; 10 (6,9%) para compras e lazer; 8 (5,6%) para “nada”, passagem, compras e trabalho; 6 (4,2%) para prática esportiva e lazer com a família; 4 (2,8%) para conversa e descanso; e 2 (1,4%) para namoro, paquera e caminhada.

Sobre a **sensação positiva** causada pelo espaço, 36 entrevistados (25%) apontam a tranquilidade; 18 (12,5%) afirmam a paz; 16 (11,2%) citam a beleza; 14 (9,5%) indicam o aconchego e liberdade; 10 (6,9%) lembram da alegria; 6 (4,2%) falam da jovialidade e calma, além de desconhecimento (“não sabem”); 4 (2,8%) comentam sobre ânimo e organização; e 2 (1,4%) relatam rapidez, juventude, agitação, pressa e “nada”.

A principal **sensação negativa** citada é a pobreza, por 24 respondentes (16,7%); 22 (15,3%) reclamam do frio; 20 (13,8%) apontam a umidade; 10 (6,9%) indicam a pressa, medo de assaltos, depressão e preguiça; 8 (5,6%) relatam o abandono e raiva; 6 (4,2%) comentam sobre a falta de ocupação; 4 (2,8%) lembram da tristeza; e 2 (1,4%) se referem a “nada”, vazio., inveja, ódio e vagabundagem, além de desconhecimento (“não sabem”).

Os resultados obtidos para os **homens** (tanto moradores como transeuntes) indicam como **atributos** da Praça Osório (Tabela 31): largura mediana (69,5%), altura média e variável (63,9%), profundidade média (63,9%), direção retilínea (61,1%), nenhum desnível (63,9%), fechamento frontal (50%), paredes predominantemente com linhas horizontais (54,2%) e piso menos representativo (75%).

Tabela 31 – Resultados de percepção de atributos da Praça Osório por homens do bairro Centro

LARGURA			
	38	100	6
ALTURA			
	10	92	42
PROFUNDIDADE			
	2	92	50
DIREÇÃO			
	88	10	46
DESNÍVEL			
	40	92	12
FECHAMENTO			
	46	72	26
PAREDES			
	48	78	18
PISOS			
	36	108	

Fonte: Elaborado com base em Kohlsdorf (1996) e nos resultados dos questionários aplicados.

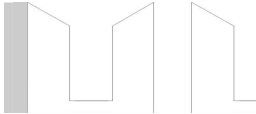
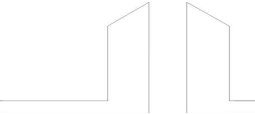

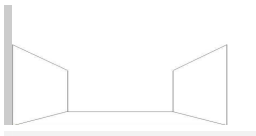
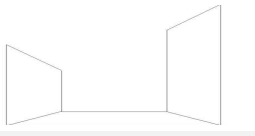
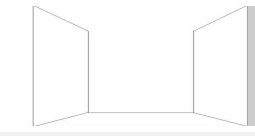

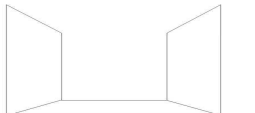
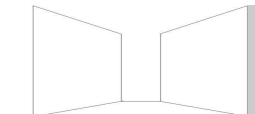
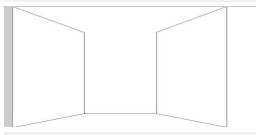
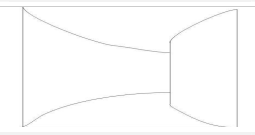
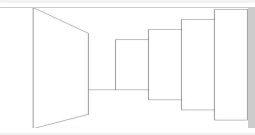
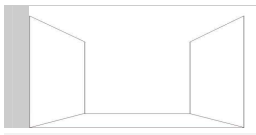
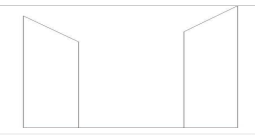
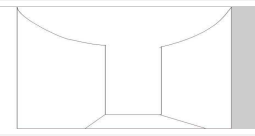
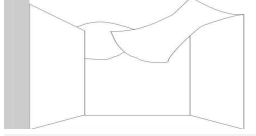
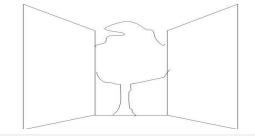
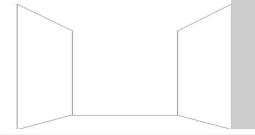
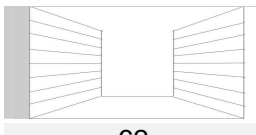
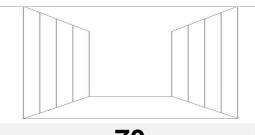
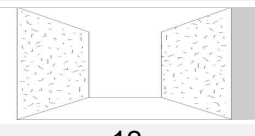
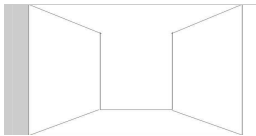
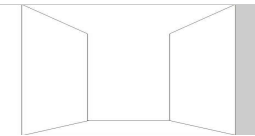

Dos 144 entrevistados, 34 (24,1%) têm o caminho do trabalho como **finalidade de utilização** do espaço; 20 (13,3%) para passeio; 18 (12,5%) para trabalho; 14 (9,7%) para alimentação; 12 (8,3%) para lazer; 10 (6,9%) para prática esportiva; 6 (4,2%) para passagem, lazer, “nada” e descanso; 4 (2,8%) não sabem informar; e 2 (1,4%) para “passar tempo”, conversa, namoro e lazer com a família.

Por **sensação positiva**, 22 (15,8%) entendem a paz; 20 (13,3%) se referem a “nada”; 18 (12,5%) indicam a tranqüilidade; 14 (9,7%) lembram da beleza, harmonia e relaxamento; 12 (8,3%) citam o aconchego; 8 (5,6%) comentam sobre a alegria; 6 (4,2%) ressaltam a nostalgia e preguiça; 4 (2,8%) não sabem informar; e 2 (1,4%) revelam a liberdade, força de trabalho e pressa.

Como **sensação negativa**, 28 (19,1%) apontam o estresse; 26 (18,1%) citam a umidade; 14 (9,7%) reclamam da nostalgia e medo; 8 (5,6%) indicam a preguiça; 6 (4,2%) ressaltam a tensão, pânico, insegurança e falta de cuidado; 4 (2,8%) evidenciam o frio, pobreza, tumulto, sufoco, pressa e “nada”; e 2 (1,4%) lembram da saudade, medo de assalto e raiva.

Os resultados obtidos para **moradores** (tanto homens como mulheres – Tabela 32) indicam como **atributos** da Praça Osório: largura mediana (72,2%), altura maior e estável (51,4%), profundidade média (83,3%), direção retilínea (65,3%), nenhum desnível (63,9%), fechamento frontal (50%), paredes com linhas verticais predominantes (48,6%) e piso menos representativo (75%).

Tabela 32 – Resultados de percepção de atributos da Praça Osório por moradores do bairro Centro

LARGURA			
	36	104	4
ALTURA			
	16	54	74
PROFUNDIDADE			
	4	120	20
DIREÇÃO			
	94	4	46
DESNÍVEL			
	48	92	4
FECHAMENTO			
	42	72	30
PAREDES			
	62	70	12
PISOS			
	36	108	

Fonte: Elaborado com base em Kohlsdorf (1996) e nos resultados dos questionários aplicados.

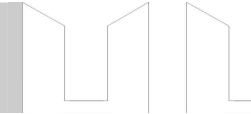
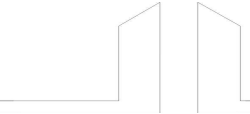

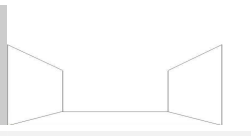
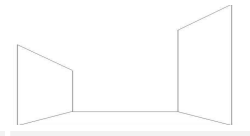
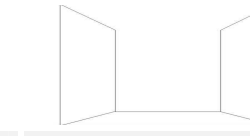

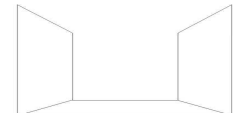
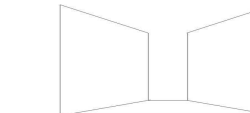
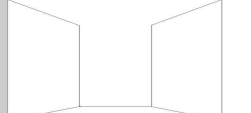
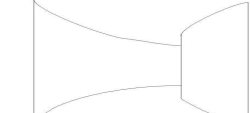
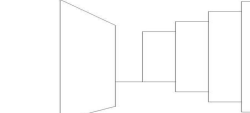



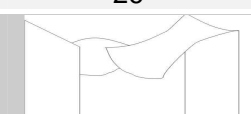
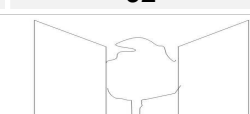

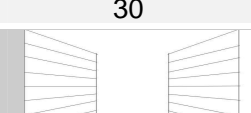
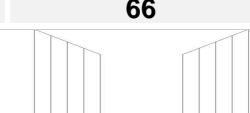
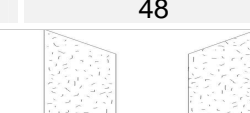
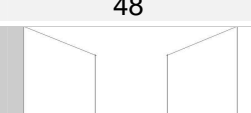
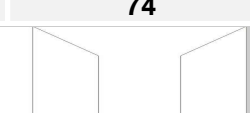
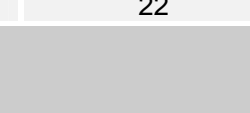
Quando perguntados sobre a **finalidade de utilização** do espaço, 42 moradores (29,6%) afirmam que o utilizam a caminho do trabalho; 40 (27,2%) a passeio; 18 (12,5%) para lazer; 10 (6,9%) para descansar; 8 (5,6%) como passagem; 6 (4,2%) para “nada”; 4 (2,8%) para conversa, trabalho e prática esportiva, além dos que não sabem informar; e 2 (1,4%) para namoro e “passar tempo”.

Sobre a **sensação positiva** causada pelo espaço, 32 pessoas (22,2%) respondem como paz; 30 (20,6%) citam a tranquilidade; 14 (9,7%) se referem a “nada” e beleza; 12 (8,4%) comentam sobre alegria e liberdade; 6 (4,2%) destacam a harmonia e relaxamento; 4 (2,8%) falam sobre ânimo e silêncio, e 2 (1,4%) revelam jovialidade, aconchego, juventude e pressa, além de desconhecimento (não sabem).

A principal **sensação negativa** citada é umidade, por 26 entrevistados (18%); 20 (13,8%) apontam o estresse; 18 (12,5%) revelam a preguiça; 14 (9,7%) comentam sobre a pressa e pobreza; 10 (6,9%) reclamam do frio, 6 (4,2%) falam da tensão, insegurança e “nada”; 4 (2,8%) se referem a raiva, tristeza, medo e depressão; e 2 (1,4%) indicam a saudade, vazio e medo de assaltos, além de desconhecimento (não sabem).

Os resultados obtidos para **transeuntes**, incluindo homens e mulheres, indicam os seguintes **atributos** para a Praça Osório (Tabela 33): largura mediana (73,6%), altura média e variável (59,7%), profundidade maior (58,3%), direção retilínea (61,1%), nenhum desnível (63,9%), fechamento frontal (45,8%), paredes com predomínio de linhas verticais (51,4%) e piso menos representativo (63,9%).

Tabela 33 – Resultados de percepção de atributos da Praça Osório por transeuntes do bairro Centro

LARGURA			
	30	106	8
ALTURA			
	8	86	50
PROFUNDIDADE			
	4	56	84
DIREÇÃO			
	88	8	48
DESNÍVEL			
	26	92	26
FECHAMENTO			
	30	66	48
PAREDES			
	48	74	22
PISOS			
	52	92	

Fonte: Elaborado com base em Kohlsdorf (1996) e nos resultados dos questionários aplicados.

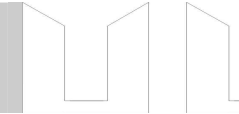
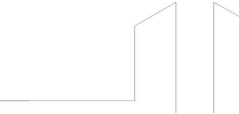

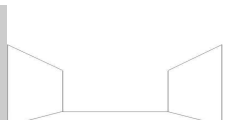
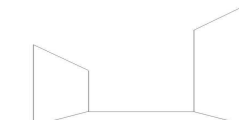
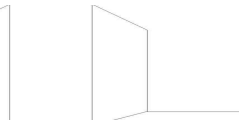
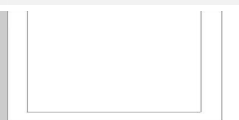


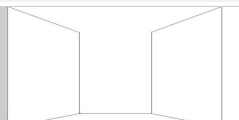

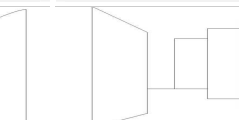
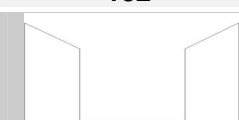
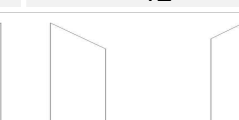
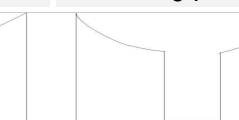
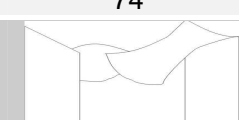
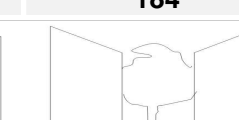
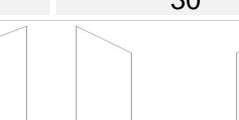
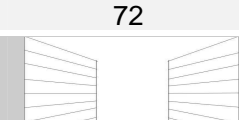
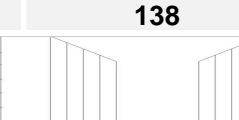

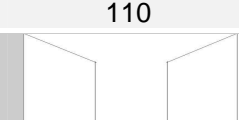
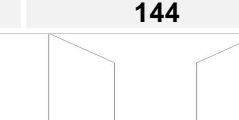

Dos transeuntes (incluindo homens e mulheres), 24 (16,7%) apontam como **finalidade de utilização** da Praça Osório o trabalho e o passeio; 18 (12,5%) a utilizam para alimentação; 16 (11,1%) como caminho do trabalho; 12 (8,3%) para prática de esportes; 10 (6,9%) para compras e lazer; 8 (5,6%) para “nada” e lazer com a família; 6 (4,2%) como passagem; e 2 (1,4%) para conversa, panfletar, namoro, paquera e caminhada.

Por **sensação positiva**, 24 (16,6%) respondem o aconchego e tranquilidade; 18 (12,5%) comentam sobre a paz; 16 (11 %) lembram da beleza; 10 (6,8%) se referem a “nada”; 8 (5,6%) não sabem responder; 6 (4,2%) indicam a nostalgia, calma e preguiça; 4 (2,8%) revelam a alegria, jovialidade, organização e liberdade; e 2 (1,4%) falam da força de trabalho, silêncio, alegria, agitação e pressa.

Como **sensação negativa**, 20 (13,9%) reclamam da umidade, 16 (11,1%) apontam o frio; 14 (9,5%) citam a nostalgia e pobreza; 10 (6,9%) indicam o medo, inclusive de assalto; 8 (5,6%) se preocupam com o estresse e abandono; 6 (4,2%) notam a falta de cuidado, raiva, pânico, falta de ocupação e depressão; 4 (2,8%) comentam sobre o tumulto e sufoco; e 2 (1,4%) revelam a inveja, ódio e vagabundagem.

O **total** dos resultados obtidos (para todos os respondentes – Tabela 34) indicam como principais **atributos** da Praça Osório: largura mediana (72,9%), altura média e variável (48,6%), profundidade média (61,1%), direção retilínea (63,2%), nenhum desnível (63,9%), fechamento frontal (47,9%), paredes com linhas verticais predominantes (50%) e piso menos representativo (69,5%).

Tabela 34 – Resultados de percepção de atributos da Praça Osório por moradores e transeuntes do bairro Centro

LARGURA			
	66	210	12
ALTURA			
	24	140	124
PROFUNDIDADE			
	8	176	104
DIREÇÃO			
	182	12	94
DESNÍVEL			
	74	184	30
FECHAMENTO			
	72	138	78
PAREDES			
	110	144	34
PISOS			
	88	200	

Fonte: Elaborado com base em Kohlsdorf (1996) e nos resultados dos questionários aplicados.

Quando perguntados sobre a **finalidade de utilização** do espaço, 62 respondentes (21,5%) comentam que o utilizam a passeio; 58 (20%) a caminho do trabalho; 28 (9,7%) para lazer; 26 (9%) para trabalho; 18 (6,25%) para alimentação; 16 (5,6%) para prática esportiva; 14 (4,9%) como passagem e para “nada”; 10 (3,5%) para descanso e compras; 8 (2,8%) para lazer com a família e para namoro; 6 (2,1%) para conversa, 4 (1,4%) não sabem informar; e 2 (0,7%) para “passar tempo”, paquera e caminhada.

Sobre a **sensação positiva** causada pelo espaço, 54 (18,7%) citam tranqüilidade; 50 pessoas (17,4%) apontam a paz; 30 (10,4%) lembram da beleza; 26 (9%) comentam sobre aconchego; 24 (8,3%) se referem a “nada”; 18 (6,2%) indicam a alegria e liberdade; 10 (3,5%) não sabem responder; 6 (2,1%) destacam a harmonia, relaxamento, nostalgia, calma, preguiça, silêncio e jovialidade; 4 (1,4%) falam do ânimo e pressa; e 2 (0,7%) ressaltam a rapidez, juventude, força de trabalho e agitação.

A principal **sensação negativa** citada é umidade, por 46 entrevistados (15,7%); 28 (9,7%) afirmam o estresse e pobreza; 26 (9%) citam o frio; 18 (6,2%) lembram da preguiça; 14 (4,9%) falam da pressa, medo e nostalgia; 12 (4,2%) comentam sobre o medo de assaltos; 10 (3,5%) ressaltam a depressão e raiva; 8 (2,8%) alegam o abandono; 6 (2,1%) se referem a tensão, falta de cuidado e de ocupação, insegurança, pânico e “nada”; 4 (1,4%) destacam o tumulto, sufoco, tristeza; e 2 (0,7%) indicam a saudade, vazio, inveja, ódio e vagabundagem, além de desconhecimento (não sabem).

Pela **análise geral dos atributos** da Praça Osório, todos os grupos (moradoras mulheres, moradores homens, transeuntes mulheres, transeuntes homens, transeuntes, moradores, homens, mulheres) identificam sua **largura** como mediana, diagnosticando que o espaço não é muito estreito, nem muito largo, havendo proporcionalidade entre sua largura e seu comprimento. Assim como na Rua XV, este atributo pode estar relacionado com a altura do perfil, classificado como médio e variável. No ponto base de aplicação dos questionários, havia fechamento lateral decorrente de massa arbórea, contrastando com pouca altura no lado esquerdo, o que pode ter contribuído para esta classificação.

A **altura** do perfil é classificada pela maioria dos grupos como média e variável. Apenas as moradoras mulheres, moradores e mulheres o enquadram como maior. Julga-se que esta classificação tenha sido majoritária devido à existência da grande massa arbórea na porção direita da praça, que contrasta com a presença de elementos sem destaque no lado esquerdo.

A **profundidade**, com exceção dos transeuntes homens e transeuntes mulheres (que a classificaram como maior), foi enquadrada pelos demais grupos como média. Provavelmente, esta situação se deva à extensão mais reduzida do espaço em questão.

A **direção** é identificada por unanimidade dos grupos como retilínea, devido principalmente à presença do eixo estruturante.

Todos os grupos assinalam que a Praça Osório não apresenta desnível. O fato da maioria dos grupos ter percebido o espaço sem desnível se deve essencialmente à lembrança (senão à visualização) da inexistência de degraus ou rampas.

Todos os grupos indicam fechamento frontal, possivelmente em função presença do chafariz no centro da praça, gerando esta tipologia de fechamento independentemente da direção e do eixo que esteja sendo utilizado pelo pedestre.

A maioria dos grupos enquadra as **paredes** com predominância de linhas verticais; apenas o grupo de moradoras mulheres reconhece predomínio de linhas horizontais. Presume-se que esta configuração deva-se ao fato dos respondentes terem relacionado as linhas verticais com os troncos das árvores.

O **piso** indicado por todos os respondentes é o menos representativo. Possivelmente, esta configuração é devida à proximidade do ponto base de aplicação dos questionários ao chafariz, englobando grande parte da visão dos respondentes no que se refere ao pavimento. Outro fator que pode ter corroborado com este resultado diz respeito à reduzida profundidade do espaço em questão, que, associada às com linhas verticais nas laterais, desvia a atenção da profundidade e também da paginação de piso.

As principais **finalidades de utilização** da Praça Osório, indicadas por todos os grupos, são: passeio, “nada” e lazer. As **sensações positivas** citadas

por todos os grupos são: tranquilidade, paz, beleza. A única **sensação negativa** comum a todos os grupos é a umidade.

Como passeio e lazer são atividades correlatas, há indicação de que a maioria dos usuários do espaço de estudo não relaciona o local com trabalho. Como a resposta “nada” também figura em todos os grupos, julga-se que esses usuários não utilizem a Praça Osório senão como local de passagem, eventual ou não.

Em relação às sensações positivas mencionadas por todos os grupos respondentes (tranquilidade e paz), julga-se que podem estar relacionadas aos usos “passeio” e “lazer”, também citados por todos. Outra sensação positiva indicada por todos os grupos é “beleza”, possivelmente relacionada com a presença de vegetação arbórea, paginação de piso e limpeza do espaço, dentre outros aspectos.

Em relação à sensação negativa (umidade), é admissível supor-se que esteja relacionada com a presença do elemento água e também com o clima da cidade.

Para Kohlsdorf (1996, p.22,23):

A configuração dos espaços possui desempenhos diferenciados relativos a expectativas sociais de diversas naturezas: possibilitar ou não a acessibilidade entre locais de habitação e trabalho; provocar emoções de beleza ou de insatisfação estética; garantir ou não sombreamento de regiões de insolação excessiva; conduzir ou desorientar o deslocamento das pessoas; permitir ou restringir aglomerações, etc. embora a definição de tais aspirações nem sempre se dê de maneira explícita, ela está presente ao se formularem metas de planejamento urbano e faz com que, na verdade, a forma dos lugares seja um fator de realização de todas as práticas sociais, materializando o potencial configurativo das intenções humanas, único porque é capaz de conceder historicamente às formas físicas.

Dentre as sensações citadas por Kohlsdorf (1996), várias são reconhecidas pelos usuários: acessibilidade entre locais de habitação e lazer, reconhecimento da beleza e orientação do deslocamento das pessoas, devido à forma dos espaços de estudo, relacionada com o seu planejamento.

Nesse sentido, planejamento significa o ordenamento da evolução de determinado espaço para sua melhor serventia às necessidades futuras. Para tanto, faz-se necessário o conhecimento antecipado deste espaço, com seu

respectivo diagnóstico (HARDT, 2006), entendendo-se as necessidades urbanas por espaços livres (GOYA, 1990).

De acordo com Kohlsdorf (1996), o primeiro contato com os lugares ocorre por meio das sensações, sendo que estas são responsáveis pela ligação da consciência com a realidade objetiva.

Para Hardt e Hardt (2006), cada lugar possui diversos significados por ser parte integrante da história. Dessa maneira, a impressão de pertencimento permite que exista certo vínculo emocional, como se a casa e seu entorno fossem território particular. Assim, a relação do espaço local com o indivíduo é carregada de significados, alguns particulares e outros compartilhados por todos.

As experiências visuais, que geram respostas emocionais suscitadas pelo ambiente, apresentam estas respostas de três maneiras: em relação à ótica, ao lugar e ao conteúdo. Em relação à ótica, são levadas em consideração as reações percebidas do ambiente a partir, exclusivamente, da percepção visual. O lugar é a posição em que o homem se encontra em relação aos elementos que compõem o ambiente imediato, existindo, assim, um sentido topológico que gera sentimentos de pertencimento, territorialidade e posse. O conteúdo relaciona-se com o conjunto de significados percebidos no espaço, como escala, textura e cor. A partir dessas três maneiras de obter respostas emocionais é formado o conhecimento. Somado este à experiência do cotidiano, surge o conceito de identidade (DEL RIO, 2003).

Todas essas respostas emocionais podem ser constatadas nas respostas dos questionários. A ótica, o posicionamento do homem em relação aos elementos componentes do imediato e o conteúdo relacionam-se, respectivamente, com o reconhecimento dos atributos, com o ponto base de aplicação dos questionários e com a percepção.

Neste âmbito, diagnostica-se que a gestão urbana deve contemplar os espaços urbanos, considerando que eles são os que apresentam maior apropriação por parte dos cidadãos (BORJA, s.d.). Estes espaços se configuram em um direito garantido dos cidadãos, sendo também onde ocorrem manifestações. Desta forma, se configuram em locais de maior apropriação por parte dos usuários, aumentando sua relação com a cidade e criando, conseqüentemente, um sentimento de pertencimento e consolidação da cidadania.

4.5 CONFRONTAÇÃO DA PERCEPÇÃO DAS DIRETRIZES PROJETUAIS COM A DOS USUÁRIOS

A partir da análise da percepção tanto das diretrizes projetuais quanto dos usuários, faz-se a confrontação desses resultados. Também é realizada a comparação entre a análise local, os resultados obtidos junto aos usuários e com os profissionais entrevistados, sendo esta análise local uma visão pessoal.

4.5.1 Rua XV de Novembro

Cotejando-se a análise local com a dos profissionais, nota-se semelhança para os resultados obtidos na Rua XV de Novembro. A largura é classificada como mediana, enquanto a altura como mediana e variável. A profundidade selecionada por ambos os grupos é a maior, enquanto a direção é definida como retilínea. Nenhum dos grupos indicia a presença de desnível, bem como de fechamento. As paredes são classificadas como compostas por horizontais predominantes. A única diferença é em relação ao piso, que, na avaliação em campo, é menos representativo, enquanto a opinião dos profissionais encontra-se dividida, sendo que metade dos respondentes o classifica da mesma forma, enquanto a outra como mais representativo.

Quando confrontada a análise local com a dos usuários, diagnostica-se relevante similaridade nos resultados obtidos. Tanto a largura como a altura, profundidade, direção, desnível, fechamento e paredes apresentam a mesma classificação para os atributos. Apenas o piso revela diferença, com o levantamento local indicando o piso menos representativo e a opinião dos usuários revelando a tipologia contrária. Na avaliação em campo, o piso é classificado como menos representativo porque as “paredes” têm maior predominância em relação ao pavimento devido à altura dos edifícios do entorno e à profundidade do espaço em questão, fato associado ao reforço do piso tátil ao

eixo existente. Já o resultado obtido por todos os respondentes é relacionado ao mais representativo, julgando-se que esta configuração é devida à profundidade do espaço, reforçada pelo tratamento de piso existente (elevando a sua relevância) e pela existência do piso tátil, que potencializa a sensação de eixo linear, aumentando também a profundidade do piso.

Comparando-se a análise dos profissionais com a dos usuários, percebe-se novamente grande semelhança; todos os atributos apresentam a mesma avaliação, com exceção do piso. A largura é mediana, a altura média e variável, média profundidade, direcionamento retilíneo, nenhum desnível, inexistência de fechamento e paredes com predomínio de linhas horizontais. O piso, indicado como mais representativo pelos usuários, divide a opinião entre os profissionais, considerando que metade dos respondentes o classifica como menos representativo, ao contrário da outra parte. Entretanto, como a opinião profissional é dividida, não se pode considerar que exista grande diferença entre as respostas dos usuários e as dos profissionais.

Confrontando-se todos os resultados obtidos para a Rua XV de Novembro, observa-se que não há diferença significativa entre as diversas percepções (local, profissional e dos usuários). Tanto a largura como a altura, direção, desnível, fechamento e parede apresentam os mesmos resultados. As diferenciações ocorrem no que se refere à profundidade, classificada como maior na opinião pessoal e dos usuários e como média na profissional; no que diz respeito ao piso, que na avaliação em campo é classificado como menos representativo, na dos usuários como mais representativo e na dos profissionais, ficou dividida. Os resultados da tabulação dos dados da percepção dos usuários, dos profissionais e da análise local encontram-se sintetizados na Tabela 35.

Tabela 35 – Confrontação dos resultados obtidos para a Rua XV de Novembro

	LOCAL	USUÁRIOS	PROFISSIONAL
LARGURA	mediana	mediana	mediana
ALTURA	média variável	média variável	média variável
PROFUNDIDADE	maior	média	maior
DIREÇÃO	retilínea	retilínea	retilínea
DESNÍVEL	nenhum	nenhum	nenhum
FECHAMENTO	nenhum	nenhum	nenhum
PAREDE	horizontal	horizontal	horizontal
PISO	- representativo	+ representativo	meio a meio

Fonte: Elaborado com base nos resultados dos questionários aplicados.

4.5.2 Praça Osório

Confrontando-se a análise local com a dos profissionais, evidencia-se a semelhança para os resultados obtidos na Praça Osório. A largura é classificada como mediana, enquanto a altura como maior. A profundidade apontada por ambos os grupos é média, enquanto a direção é interpretada como retilínea. Nenhum dos grupos indicia a presença de desnível, bem como de fechamento. As paredes são classificadas com predominância de linhas verticais e o piso como menos representativo.

Quando cotejada a análise local com a dos usuários, observa-se acentuada similaridade de resultados. A largura é classificada como mediana, da mesma forma que a profundidade. Direção, desnível e paredes apresentam a mesma classificação para os atributos, sendo, respectivamente, retilínea, inexistente e com domínio de linhas verticais, sendo o piso menos representativo. As diferenças ocorrem tanto em relação à altura, considerada maior na avaliação em campo e média e variável na opinião dos profissionais, quanto com referência ao fechamento, enquadrado como inexistente na análise local e frontal pelos usuários. Interpreta-se que a diferença em relação à altura relaciona-se com o ponto base de aplicação dos questionários, onde há grande massa de vegetação arbórea somente do lado direito da praça. Razão semelhante deve ter propiciado a diferenciação nos resultados do fechamento, classificado como inexistente na avaliação em campo e como frontal na pesquisa junto aos usuários, julgando-se

que a configuração do fechamento frontal é devida à proximidade do ponto base de aplicação dos questionários ao chafariz, o qual representa impedimento, independente da direção do usuário.

Comparando-se a análise dos profissionais com a dos usuários, diagnostica-se grande similaridade, sendo que a opinião profissional coincidente com a local. A largura e a profundidade são interpretadas como medianas. Com a mesma classificação para os atributos, direção, desnível e paredes são consideradas, respectivamente, retilínea, inexistente e com linhas verticais predominantes, sendo o piso menos representativo. As diferenças são estabelecidas em relação tanto à altura, classificada como maior na análise local e como média e variável na opinião dos usuários, quanto ao fechamento, interpretado como inexistente na avaliação em campo e frontal nas respostas dos usuários. Evidencia-se que a diferenciação em relação à altura pode relacionar-se com o ponto base de aplicação dos questionários, onde há extensa cobertura arbórea somente do lado direito da praça. Razão semelhante deve ter propiciado a diferença nos resultados do fechamento, julgando-se que a tipologia frontal também é oriunda do fato daquele ponto ser próximo ao chafariz, configurado como obstáculo físico e visual para os usuários.

Verifica-se, portanto, que os arquitetos possuem visão mais ampla dos espaços abertos, enquanto os usuários se baseiam naquilo que é visualizado no momento, não percebendo, normalmente, o espaço como um todo. Esta visão diferenciada se dá pelo “treinamento” que o arquiteto tem para visualizar os espaços como um topo, de diferentes ângulos, sendo capaz de imaginá-lo em planta, em corte, visualizando volumes, direcionamentos, proporções, entre outros, enquanto os usuários visualizam somente o que a visão consegue alcançar.

Confrontando-se todos os resultados obtidos para Praça Osório, constata-se a inexistência de diferença relevante entre as diversas percepções (local, profissional e dos usuários). Tanto largura como profundidade, direção, desnível, parede e piso apresentam os mesmos resultados. As diferenças ocorrem no que se refere à altura, classificada como média nas avaliações em campo e profissional, e como média variável na pesquisa junto aos usuários; e no que diz respeito ao fechamento, o qual é enquadrado pelas análises local e profissional como inexistente, enquanto os usuários o classificam como frontal. Os resultados da tabulação dos dados da percepção dos usuários, dos profissionais e da análise local encontram-se na Tabela 36.

Tabela 36 – Confrontação dos resultados obtidos para a Praça Osório

	LOCAL	USUÁRIOS	PROFISSIONAL
LARGURA	mediana	mediana	mediana
ALTURA	maior	média variável	maior
PROFUNDIDADE	média	média	média
DIREÇÃO	retilínea	retilínea	retilínea
DESNÍVEL	nenhum	nenhum	nenhum
FECHAMENTO	nenhum	frontal	nenhum
PAREDE	vertical	vertical	vertical
PISO	- representativo	- representativo	- representativo

Fonte: Elaborado com base nos resultados dos questionários aplicados.

4.6 FUNDAMENTAÇÃO DE PROCEDIMENTOS PARA PROJETOS DE ESPAÇOS ABERTOS URBANOS E GESTÃO DAS CIDADES

Considerando o item anterior, seriam apresentadas formas de otimização do processo de percepção de determinadas características que normalmente não fossem adequadamente notadas pelos cidadãos, de forma que a arquitetura, o paisagismo e o urbanismo tenham ainda maior valia para a população, mas, como a hipótese foi parcialmente comprovada, já que os usuários se mostraram capazes de perceber as diretrizes projetuais dos espaços urbanos, foi inviabilizada a apresentação de maneiras de otimizar o processo de percepção.

De acordo com os resultados obtidos, sugere-se a manutenção de usos em espaços urbanos mais freqüentados, e a diversificação de opções de atividades em espaços sub ou não utilizados. O que se notou com a confrontação dos resultados foi que os arquitetos possuem visão mais ampla no que se refere à ótica dos usuários, sendo que os usuários não percebem o espaço como um todo.

Para Rodrigues (1986¹⁰ apud GABARDO, 2001), os usuários devem ser estimulados por símbolos e fluxos quando utilizam a área central, devendo também haver aspectos que correspondam à imagem de centro. Isto se confirma devido aos espaços de estudo possuírem alto fluxo de pedestres. Este é um fator que corrobora com a adequada percepção dos usuários, considerando que o espaço é amplamente utilizado e com a presença de símbolos.

O planejamento, para Goya (1990), consiste em fornecer uma ordem na transformação de um espaço, de forma que as necessidades futuras sejam mais bem atendidas. Para que isto ocorra, é necessário conhecer o espaço, permitindo com que haja o entendimento das necessidades urbanas por espaços livres.

De acordo com Macedo (1999), o espaço urbano, no que se refere à criação de ícones, resulta de ações acumuladas no decorrer do tempo e engendradas por agentes que consomem e produzem configurações espaciais. As diversas e complexas ações dos agentes induzem um constante processo de reorganização.

Neste sentido, esta pesquisa possibilita que parte dos agentes sociais, no caso a população, seja contemplada por ter sua percepção diagnosticada, de forma a influenciar futuros projetos em espaços urbanos.

Um dos elementos reconhecidos pelos usuários é, de maneira geral, o solo. Segundo Lamas (2004), este elemento constitui-se base do desenho urbano, sendo importante analisar sua topografia, pavimentação, desnível, entre outros. As edificações são elementos mínimos morfologicamente identificáveis na cidade, e é por meio delas que o espaço urbano se constitui e se organizam os diferentes locais que possibilitam o reconhecimento e possuem forma própria.

¹⁰ Ver RODRIGUES F. M. **Desenho urbano** – cabeça, campo e prancheta. São Paulo: Projeto, 1986.

Neste sentido, tanto a pavimentação, como o desnível, foram atributos adequadamente percebidos pelos usuários, assim como as edificações, significando que a população está apta a reconhecer o espaço urbano.

A qualidade de vida da população, assim como a cidadania, é indicada por aspectos qualitativos para a cidade, definidos pelo espaço público, que devem ser priorizados como maneira de fazer cidade sobre a cidade (BORJA, s.d.).

A configuração dos espaços pode possibilitar ou não acessibilidade entre locais de habitação e trabalho; suscitar emoção de beleza ou de insatisfação estética; conduzir ou desorientar o deslocamento dos usuários; permitir ou não que ocorram aglomerações, entre outros. Estes são aspectos considerados quando formuladas as metas de planejamento urbano, fazendo com que a forma dos lugares seja um fator de realização das práticas sociais (KOHLSDORF 1996, p.22,23).

Neste sentido, os espaços estudados permitem a acessibilidade entre locais de habitação de trabalho, suscitando, em parcela dos respondentes, a emoção de beleza, conduzindo o deslocamento dos usuários e permitindo aglomerações, permitindo, assim, que sejam palco de realização das práticas sociais.

Os espaços urbanos possuem uma escala diferenciada, o que permite análise mais detalhada de seus elementos componentes. Para Hardt (2002), a composição paisagística resulta de elementos visuais (ponto, linha, forma, cor e textura) proporcionados pelos componentes ambientais da paisagem.

Desta forma, a paisagem pode ser interpretada como sendo uma realidade configurada pelo ser humano em sua mente, apresentando, por esta razão, alto grau de subjetividade, envolvendo a percepção sensorial (JORDANA, 1992).

Ferrara (2000) argumenta que o estímulo visual antecede a percepção da imagem urbana, que transcende a visibilidade. Isto foi confirmado nesta pesquisa, considerando que os usuários tiveram percepção limitada dos espaços, sem alcançarem a total visualização. Para Ferrara (2000), a visibilidade é formada por

vários sentidos, representando uma maneira de perceber, de forma mais complexa, a realidade.

Kohlsdorf (1996) reafirma a ocorrência desta percepção limitada, argumentando que esta noção de totalidade implica na composição, que resulta da articulação de elementos, devendo haver o relacionamento entre todo e partes.

A partir das considerações anteriores, a área central deve apresentar um aspecto que corresponda à imagem de um centro, onde usuários ou visitantes sejam constantemente estimulados pelos seus símbolos e movimento.

Os espaços abertos públicos devem ter a devida importância para a gestão urbana, por serem os espaços que apresentam maior apropriação por parte dos cidadãos. (BORJA, s.d.). Estes espaços são um direito garantido dos cidadãos, possibilitando grande relação dos usuários com a cidade e criando um sentimento de pertencimento e de consolidação da cidadania.

5 CONCLUSÃO

Embora existam conceitos consistentes em relação ao tema da presente pesquisa, nota-se parca teoria a respeito do mesmo, principalmente no que se refere à formulação de subsídios para projetos de espaços urbanos pautados na percepção dos seus usuários. Em pesquisas futuras, recomenda-se a análise perceptual em relação à hierarquia dos elementos que compõem os espaços abertos, de forma a tornar possível o diagnóstico daqueles que se destacam para o público, confrontando-os com a percepção de arquitetos e outros profissionais da área.

Para novos estudos sobre áreas centrais, recomenda-se também a inclusão de turistas, considerando que estes locais constituem, geralmente, referência para o turismo em distintas cidades de vários países. Recomenda-se, ainda, que seja pesquisada a percepção dos usuários acerca do entorno dos espaços abertos públicos, principalmente das edificações. Desta forma, possibilita-se maior compreensão do todo, ou seja, do local e do seu entorno, que podem ser interpretados como um só espaço. Também torna-se possível a avaliação de eventuais influências das imediações sobre a área, e vice-versa, diagnosticando-se as formas da sua ocorrência e das relações percebidas pelos usuários.

Outro aspecto relevante consiste na variedade de usos dos espaços de estudo, sendo este um dos fatores responsáveis pelo controle da degradação destes locais, considerando-se que quanto maior o número de usuários, menor a sensação de insegurança e maior a oferta de serviços, dentre outros efeitos. Este é um fator importante tanto para o controle da degradação como para a manutenção dos espaços bem sucedidos.

Dessa forma, como subsídios à gestão urbana, sugere-se a diversificação de usos em espaços sub ou não utilizados, bem como a manutenção de várias opções de atividades nos locais urbanos mais freqüentados.

Outra recomendação consiste na implantação de novos espaços em regiões que reúnam características diferenciadas, como passagens de pedestres

e locais com utilizações diversas. Também sugere-se que sejam implantados espaços abertos públicos em áreas degradadas, de forma a estimular e induzir o desenvolvimento do entorno.

Como um dos principais resultados do estudo de caso, tem-se a constatação de que os usuários são capazes de identificar os atributos que compõem os espaços urbanos.

Assim, tem-se a comprovação apenas parcial da hipótese, considerando-se que os usuários são, ao contrário do pressuposto anteriormente enunciado, capazes de identificar as diretrizes projetuais dos espaços urbanos.

Esta condição é confirmada por meio da confrontação da análise local com a realizada pelos profissionais e pelos usuários, sendo que os resultados são comuns na grande maioria dos atributos analisados. Todavia, há que se destacar a visão mais ampla dos arquitetos em relação à ótica dos usuários. Os arquitetos, devido aos anos de estudo e à sua experiência específica, conseguem visualizar o espaço como um todo, identificando volumes e direcionamentos, entre outros atributos, sendo inclusive capazes de interpretá-los de diferentes ângulos, como em planta, por exemplo. Já os usuários apresentam, normalmente, uma visão mais restrita, baseando-se no que é visualizado momentaneamente, o que, em geral, impede a percepção integral do espaço.

Apenas um dos objetivos específicos da pesquisa não foi plenamente alcançado, o de formular subsídios para projetos de espaços abertos públicos, com vistas à melhoria do processo de gestão da cidade, em função da hipótese da pesquisa ter sido parcialmente negada.

A fundamentação de procedimentos para projetos poderia ser mais detalhada caso as percepções dos usuários e dos profissionais apresentassem diferenças significativas. Neste contexto, julgar-se-ia necessário identificar caminhos para que futuros projetos de espaços urbanos – ou novas intervenções em locais existentes – fossem elaborados de maneira a terem suas diretrizes projetuais adequadamente percebidas pelos usuários. Resta, porém, a condição de ampliação e aperfeiçoamento dos mecanismos perceptuais da população em

geral, de forma a conduzir a ótica restritiva dos usuários dos espaços abertos urbanos à visão ampliada dos profissionais.

Em termos de procedimentos metodológicos, destaca-se a utilização de dados de pesquisa anterior como base para seleção dos espaços de estudo. Esta alternativa permite que se garanta, de certa forma, a continuidade das investigações e o aproveitamento de informações existentes, possibilitando o aprofundamento de estudos futuros e a recuperação de valor dos anteriores. Portanto, sugere-se esta opção para pesquisas posteriores, ressaltando-se, ainda, a vantagem de configuração de base preliminar para o início de novos projetos.

Especificamente sobre a avaliação da percepção, tanto dos profissionais como da população, as técnicas e métodos mostraram-se adequados, possibilitando o alcance dos objetivos. Para futuras aplicações, indica-se o apropriado estabelecimento de critérios de avaliação, especialmente em relação aos objetos de estudo e aos processos a serem adotados.

Um dos pontos negativos dos procedimentos desenvolvidos consiste no tempo de aplicação dos questionários, que consomem, em média, dez minutos para preenchimento. Considera-se este o período máximo para esta atividade, já que a morosidade pode inviabilizar a pesquisa, devido tanto à quantidade quanto à disponibilidade dos respondentes.

Uma das vantagens dos métodos aplicados consiste em possibilitar a comparação entre diferentes grupos, considerando que os questionários aplicados para os profissionais e para a população são estruturados da mesma forma. Entretanto, recomenda-se cautela na sua elaboração, pois ambos os grupos devem ter o mesmo entendimento, sendo, muitas vezes, necessário explicar o óbvio.

Outro fator relevante em relação às técnicas empregadas diz respeito às fotografias, sendo importante considerar a previsão do tempo para estabelecimento de critérios para a sua confecção. Como exemplo, cita-se o caso desta pesquisa, que inicialmente teria suas fotografias tiradas em dias de sol, mas com a mudança do tempo e também devido ao fato de que dias ensolarados

geram sombras que podem alterar a percepção, as fotos foram produzidas em dias nublados e sem chuva, de forma que nenhum elemento tivesse maior ou menor destaque devido à iluminação ou sombreamento. A previsão do tempo também é importante para a aplicação dos questionários, pois este fator que gerar atrasos deletérios à pesquisa, devendo-se dilatar adequadamente os prazos. Também é recomendável a contratação de equipe de apoio para auxílio na aplicação de questionários.

Vale ressaltar que, embora os métodos tenham se apoiado em princípios estabelecidos em importante obra de referência, sua aplicação na presente pesquisa ocorre de forma inovadora, ressaltando-se, portanto, a necessidade de reprodução dos procedimentos em estudos subseqüentes, de maneira a ampliar o seu detalhamento e sua conseqüente consistência.

A importância do tema é ampliada devido ao seu relacionamento direto com os usuários, objetivando-se a interpretação da sua percepção dos espaços abertos públicos, assim como pela preocupação com as sensações positivas e negativas refletidas pelos espaços urbanos, analisando-se, também, a finalidade de utilização dos locais. Acredita-se ser esta uma maneira de mantê-los “vivos”, adequando-se as necessidades da população à oferta de serviços.

A análise das sensações negativas é considerada de extrema relevância para projetos futuros, pois, por seu intermédio, é possível detectar as razões da sua existência e seus fatores preventivos, anulatórios ou mitigatórios. As principais sensações negativas citadas foram “frio” (Rua XV de Novembro) e “pobreza” (Praça Osório). Considerando o clima da cidade onde foi realizado o estudo de caso, recomenda-se que futuros projetos sejam estruturados de maneira a diminuir esta sensação térmica. Em relação à pobreza, julga-se que esta condição se deva à presença de moradores de rua e pedintes, entre outros usuários, o que demonstra a função dos espaços abertos públicos como abrigo para todas as classes sociais.

Por fim, recomenda-se, para pesquisas futuras, a análise da percepção dos usuários para outras categorias de espaços urbanos, podendo ser aplicada a edificações, vias, áreas verdes, parques, praças e locais públicos cobertos, entre outras tipologias.

O presente estudo corrobora com a arquitetura contemporânea, cada vez mais preocupada com seus verdadeiros usuários e com suas respectivas sensações e necessidades, restando, assim, mais humanizada. Sendo a humanização da arquitetura um dos principais aspectos dos projetos atuais, esta pesquisa analisa as impressões que tais obras efetivamente transmitem às pessoas, verificando a real existência de atributos determinantes da relação do homem com o local. Isso significa lançar um olhar moderno sobre os espaços consolidados da cidade.

REFERÊNCIAS

AACC – AMERICAN AUTOMATIC CONTROL COUNCIL. **Vista do Empire State, Nova York, em sua dimensão urbana**. Disponível em: <http://www.a2c2.org/conferences/acc2007/ACC2007_NYC_files/empire_state.jpg>. Acesso em: 22 jul. 2007.

ACP – ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DO PARANÁ. **Projeto Centro Vivo**, 2003. Disponível em: <<http://www.acp.org.br>>. Acesso em: 20 maio 2005.

AMBIENTE IMAGEM. **Vista do Museu Oscar Niemeyer**. Disponível em: <<http://www.ambienteimagem.com.br/IMAGES/CuritibaOlho.jpg>>. Acesso em: 22 jul. 2007.

ANDRADE, L. M. S. **Diagrama esquemático da cidade jardim de Ebenezer Howard**. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq042/arq042_02.asp>. Acesso em: 22 jul. 2007.

BAIXAKI. **Vista do Palácio Avenida**. Disponível em: <http://baixaki.ig.com.br/imagens/wpapers/BXK21893_hsbc-031800.jpg>. Acesso em: 22 jul. 2007.

BENEVOLO, L. **A história da cidade**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BETINI, R. C.; REZENDE, D. A.; FREY, K. Governança e democracia eletrônica na gestão urbana. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL EM GESTÃO URBANA, 1, 2003, Curitiba. **Anais...** Curitiba: 2003.

BLASKOVI, Keila; DUARTE, Fábio. O centro de Curitiba: a percepção de quem vive seu dia-a-dia. **Revista do Seminário Habitacional**, Curitiba, ACP, p. 12-25, 2005.

BONAMETTI, J. H. **O impacto da ação do IPPUC na transformação da paisagem urbana de Curitiba a partir da área central.** 2000. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2000.

BORJA, J. Barcelona. Um modelo de transformación urbana. **Gestión Urbana**, Quito, Programa de Gestión Urbana, v.4.,p.5-23*, s.d.

CARVALHO, S. N. Estatuto da cidade: aspectos políticos e técnicos do plano diretor. **São Paulo em Perspectiva**, v.15, n.4, p.130-135, 2001.

CAZORLA, I. M.; SILVA, C. B. . **Educação estatística.** Glossário. Disponível em: <<http://www.socio-estatistica.com.br/Edestatistica/glossario.htm>>. Acesso em: 05 fev. 2006.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede.** A era da informação: economia, sociedade e cultura. V.1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHING, F. D. K. **Arquitetura: forma, espaço e ordem.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CORE-PR – CONSELHO REGIONAL DOS REPRESENTANTES COMERCIAIS DO PARANÁ. **Vista do Serviço Social do Comércio –Sesc da Esquina.** Disponível em: <http://web.corepr.org.br/images/servicos/esquina_2003.jpg>. Acesso em: 22 jul. 2007.

CULLEN, G. **Paisagem urbana.** Lisboa: Edições 70, 2006.

DEL RIO, V. **Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento.** São Paulo: Pini, 2003.

DUARTE, F. **Crise das matrizes espaciais.** São Paulo: Perspectiva; Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – Fapesp, 2002.

FEIBER, F. N. **Áreas verdes, identidade e gestão urbana**: estudo de caso na região central de Curitiba – Paraná. 2005. Dissertação (Mestrado em Gestão Urbana) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2005.

FERRARA, L. D'A. **Os significados urbanos** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo – Edusp, 2000.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FESTIVAL DE TEATRO DE CURITIBA. **Vista do Memorial de Curitiba**.

Disponível em:

<http://www.festivaldeteatro.com.br/ftc_2004_fotos/teatros/%7B3EBB548C-D6C2-48D5-91B3-6B8FE7BB79B3%7D_Fachada-noite---web.jpg>. Acesso em: 22 jul. 2007a.

FESTIVAL DE TEATRO DE CURITIBA. **Vista do Solar do Barão**. Disponível em:

<http://www.festivaldeteatro.com.br/ftc_2004_fotos/teatros/%7BD452795F-8EE3-4FBF-9ABA-B94E910CC4E6%7D_solardobarao.bmp>. Acesso em: 22 jul. 2007b.

FEXPAR – FEDERAÇÃO PARANAENSE DE XADREZ. **Vista da Praça**

Tiradentes. Disponível em:

<http://www.fexpar.esp.br/eventos_Brasil/eventos2005/fenaj/utilidades/mapacentro_arquivos/parana.jpg>. Acesso em: 22 jul.2007.

FREY, K. **Governança urbana e participação pública**. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO – ANPAD, 28., 2004, Curitiba. **Anais...** Curitiba, 2004a. p.136-150.

FREY, K. **Gestão urbana e desenvolvimento sustentável na Era Digital**. Tese 2004. Concurso para Professor Titular) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2004b.

GABARDO, M. M. B. S. **Pinhais**: uma cidade sem centro? Um estudo de caso a partir da morfologia urbana. 2001. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2001.

GARCIA, F. E. S. **O planejamento no centro da cena: cultura e comunicação na construção da imagem urbana.** Curitiba: Palavra, 1997.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 1996

GLOSK. **Vista do Empire State, Nova York, em sua dimensão territorial.**
Disponível em: <http://www.glosk.com/photos/US/36/12057536/154849_b.jpg>.
Acesso em: 22 jul. 2007.

GONZÁLES, A. S. **Ilustração da cidade industrial de Tony Garnier.** Disponível em: <<http://www.anxo.org/imaxes/artigos/tgfabric.jpg>>. Acesso em: 22 jul. 2007.

GOOGLE EARTH. **Imagem aérea do traçado modernista de Brasília.** 2007.

GOOGLE EARTH. **Vista da Praça Eufrásio Correa.** 2007.

GOYA, C. R. Y. Levantamento sistemático das áreas públicas livres de edificação e padrões de urbanização na cidade de Bauru. In: ENCONTRO NACIONAL SOBRE ARBORIZAÇÃO URBANA, 3, Curitiba, 1990. **Anais...** Curitiba, 1990. p.188-196.

GUIA DA SEMANA. **Vista da Torre da Telepar.** Disponível em: <http://www.guiadasemana.com.br/photos/place/p-ct-torrepanoramica_r.jpg>. Acesso em: 22 jul. 2007.

GUIA GEOGRÁFICO. **Vista da Biblioteca Pública do Paraná.** Disponível em: <<http://www.curitiba-parana.net/fotos/biblioteca-parana.jpg>>. Acesso em: 22 jul. 2007a.

GUIA GEOGRÁFICO. **Vista do Museu da Imagem e do Som.** Disponível em: <<http://www.curitiba-parana.net/fotos/museu-imagem-som.jpg>>. Acesso em: 22 jul. 2007b.

HARDT, L. P. A. Ecologia e Paisagem: fundamentos à gestão do espaço urbano. **OLAM Ciência e Tecnologia**, Rio Claro, v.4, n.1, p.597-612, abr. 2004.

HARDT, L. P. A. Gestão do desenvolvimento metropolitano sustentável. In: SILVA, C. A. da; FREIRE, D. G.; OLIVEIRA, F. J. G. de. (Org.) **Metrópole: governo, sociedade e território.** Rio de Janeiro: DP&A. 2006). p.157-170.

HARDT, L. P. A. ; HARDT, C . Contexto histórico de intervenção na paisagem e espaços urbanos. In: Encontro Nacional de Ensino de Paisagismo em Escolas de Arquitetura e Urbanismo no Brasil, VIII2006, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo - Fau-Usp, 2006. p.1-9. (CD Rom)

HARDT, L. P. A. **Subsídios à avaliação da qualidade da paisagem urbana:** aplicação a Curitiba – Paraná. 2000. 323f. Tese (Doutorado em Engenharia Florestal) – Setor de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2000.

HARDT, L. P. A.; HARDT, C. Relação do processo histórico de urbanização com o sistema ambiental. In: SEMINÁRIO A QUESTÃO AMBIENTAL URBANA: Experiências e Perspectivas, 2004, Brasília. **Anais...** Brasília: Universidade de Brasília - UnB; Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – Ipea, 2004. p.1-18. (CD Rom)

HOCHSCHULE NEUBRANDENBURG. **Vistas de paisagens:** projeto de Roberto Burle Marx. Disponível em: <<http://www.gruendach-mv.de/pic/foto10.jpg>>. Acesso em: 22 jul. 2007.

HOLZER, W. O lugar na geografia humanista. **Revista Território**, Rio de Janeiro, ano IV, n.07, p.67-78, 1999.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>>. Acesso em: 03 ago. 2007.

IMT – INSTITUTO MUNICIPAL DE TURISMO. **Vista da Rua XV de Novembro.** Disponível em: <<http://www.viaje.curitiba.pr.gov.br/Abav/saladeimprensa/fotos/ruaxv/image/ruaxv2.jpg>>. Acesso em: 22 jul. 2007.

IPPUC – INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA. Disponível em: <<http://www.ippuc.org.br/>>. Acesso em: 24 nov. 2005.

JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.

JARDIM DE FLORES. **Vistas de paisagens**: jardins de Vilandry. Disponível em: <<http://www.jardimdeflores.com.br/ESPECIAIS/JPEGS/A05jardim2.jpg>>. Acesso em: 22 jul. 2007.

KLOSS, M. E. C. O. **Requalificação do espaço urbano como fundamento à gestão da paisagem**: ensaio metodológico na região do Rebouças em Curitiba – Paraná. 2006. Dissertação (Mestrado em Gestão Urbana) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2006.

KOHLSDORF, M. E. **A apreensão da forma da cidade**. Brasília: Editora Universidade de Brasília – UnB, 1996.

LAMAS, J. M. R. Garcia **Morfologia urbana e desenho da cidade**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 2004.

LE CORBUSIER. **Urbanismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LINHARES, C. **Vista do Empire State, Nova York, em sua dimensão setorial**. Disponível em: <<http://www.pessoalzinhome.blogspot.com.br/empire%20state.JPG>>. Acesso em: 22 jul. 2007.

LIRA FILHO, J. A. **Paisagismo**: princípios básicos. Viçosa: Aprenda Fácil, 2001.

LOJISTAS. **Vista do Shopping Mueller**. Disponível em: <<http://www.lojistas.net/ss/sc07.jpg>>. Acesso em: 22 jul. 2007.

LYNCH, K. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

LYNCH, K. **A boa forma da cidade**. Lisboa: Editora 70, 1999.

JORDANA, J. C. C. **Introducción al paisaje**: metodologías de valoración. In: CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA FLORESTAL. Curitiba: Universidade Federal do Paraná; Universidad de Cantábria, 1992. (Apostila)

MACEDO, S. S. Os espaços livres de edificação e o desenho da paisagem urbana. In: SEMINÁRIO SOBRE DESENHO URBANO NO BRASIL – SEDUR, 2. **Anais...** São Paulo: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – Fapesp, 1986. p.103-110.

MACEDO, S. S. **Quadro do paisagismo no Brasil**. São Paulo: Laboratório de Paisagem da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAU-USP, 1999.

MARCÍLIO. **Vista da Praça Osório**. Disponível em: <<http://www.marcillio.com/rio/ipgochs1.jpg>>. Acesso em: 22 jul. 2007.

MASCARÓ, L. E. A. R. MASCARÓ, J. L.. **Vegetação urbana**. Porto Alegre: Edelbra, 2002.

MUMFORD, L. **A cidade na história**: suas origens, transformações e perspectivas. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

PADILHA, F. T.; HARDT, L. P. A. O modernismo nos espaços do poder e suas relações com a gestão urbana: reflexões sobre o Centro Cívico de Curitiba – Paraná. In: SEMINÁRIO DOCOMOMO PARANÁ – Constituição da Arquitetura Moderna no Paraná, 1, 2006, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR, 2006. p.1-17. (CD Rom)

PADILHA, F. T. **Levantamento fotográfico de espaços selecionados na área central de Curitiba, Paraná**. Curitiba, 2007.

PADILHA, F. T.; HARDT, L. P. A.; HARDT, C. Novos e velhos centros urbanos: reflexões sobre Curitiba, Paraná. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM AMBIENTE E SOCIEDADE – ANPPAS, IV, 2008, Brasília. **Anais...** Brasília, 2008. p.1-11. (CD Rom)

PIRES, P. dos S. **Avaliação da qualidade visual da paisagem na região carbonífera de Criciúma – SC**. 1993. Dissertação (Mestrado em Engenharia Florestal) – Setor de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1993.

PMC – PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA. Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br>>. Acesso em: 22 jul. 2007.

QUANDT, C. A developing innovation networks for technology-based clusters: The role of information and communication Technologies. Apresentado no seminário **Internacional Techno-Regions: Science, Technology and Regional Development: past, present and future challenges**, Rio de Janeiro, 8-12 junho.

RDH – RELATÓRIO DE DESENVOLVIMENTO HUMANO. Transformações tecnológicas atuais – criação da era das redes. 2001. p.27-63. Disponível em: <<http://www.pnud.org.br/rdh/integras/index.php?>>. Acesso em: 15 set. 2007.

ROLNIK, R. (Coord.). **Estatuto da cidade** – guia para implementação pelos municípios e cidadãos: Lei Federal Nº 10.257, de 10 de julho de 2001, que estabelece diretriz geral de política urbana. 2.ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2002.

ROSSI, A. **A arquitetura da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SANTA MARIA. **Plano diretor**. Santa Maria, 2007.

SANTOS, A. R. **Metodologia científica**: a construção do conhecimento. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

SANTOS, M. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Nobel, 1998.

SANTOS, M. **A natureza do espaço** – técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 2004.

SANTOS JÚNIOR, O. A.; RIBEIRO, L. C. Q.; AZEVEDO, S. **Governança democrática e poder local**: a experiência dos conselhos municipais no Brasil. Rio de Janeiro: Revan; Fase, 2004.

SASSEN, S. **The global city**: New York, London, Tokyo. Princeton, NJ: University Press, 1991.

TUAN, Y. **Topofilia**. São Paulo: Difel, 1990.

TURKIENICZ, B.; MALTA, M. (Eds.). **Seminário sobre desenho urbano no Brasil** (II SEDUR). São Paulo: Pini; Brasília: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq; Rio de Janeiro: Financiadora de Estudos e Projetos – Finep, 1986.

UFPR – UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. **Vista da Reitoria da Universidade Federal do Paraná**. Disponível em:
<http://www.prppg.ufpr.br/fotos/images/foto2_13.jpg>. Acesso em: 22 jul. 2007.

VITRUVIUS. **Vista do Teatro Guairá**. Disponível em:
<http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq047/047_02_07a.jpg>. Acesso em: 22 jul. 2007.

WEBHOTEL. Disponível em:
<http://www.webhotel.com.br/parana/turismo/tc_curiatra.htm>. Acesso em: 22 jul. 2007.

WIKIMEDIA. **Vista da Praça 19 de Dezembro**. Disponível em:
<<http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/0/0f/Praca-19-dez.jpg/200px-Praca-19-dez.jpg>>. Acesso em: 22 jul. 2007.

APÊNDICES

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PARA DIAGNÓSTICO DA MEMÓRIA MENTAL REFERENTE À PERCEPÇÃO VISUAL DOS ESPAÇOS DE ESTUDO

Favor assinalar o elemento mais representativo (apenas um) de cada espaço, considerando que é possível acrescentar outra opção. Caso você não se lembre do espaço, favor não assinalar nenhuma alternativa.

	Rua XV de Novembro	Praça Osório	Praça Tiradentes	Praça Rui Barbosa	Largo da Ordem	Praça Santos Andrade	Praça Carlos Gomes	Passeio Público	Praça Zacarias	Praça 19 de Dezembro	Praça Garibaldi (Relógio das Flores)	Ruínas de São Francisco	Praça Oswaldo Cruz	Praça Generoso Marques
Água														
Ambiente de estar														
Circulação de pedestres														
Área de recreação														
Eixos estruturantes														
Entorno														
Mobiliário urbano														
Presença de monumentos														
Paginação de piso														
Vegetação arbórea														
Vegetação não-arbórea														
Outro														

Excluído: Rua XV de Novembro

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO PARA ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DE DIRETRIZES PROJETUAIS DO ESPAÇO DA RUA XV DE NOVENBRO

ANÁLISE DE DIRETRIZES PROJETUAIS DE ESPAÇOS ABERTOS URBANOS DO CENTRO DE CURITIBA

Nome: _____

RUA XV DE NOVENBRO

Conhece o local? _____

Caso a resposta seja negativa, não é preciso preencher o questionário.

Há quanto tempo está formado? _____

Qual a sua principal área de atuação? (Assinale apenas uma alternativa)

- () Arquitetura
- () Paisagismo
- () Urbanismo
- () Patrimônio
- () Outro (Qual? _____)



Planta com indicação das fotos da Rua XV de Novembro

(Continua)

(Continuação do Apêndice B)



Foto 1 da Rua XV de Novembro

(Continua)

(Continuação do Apêndice B)



Foto 2 da Rua XV de Novembro

(Continua)

(Continuação do Apêndice B)



Foto 3 da Rua XV de Novembro

(Continua)

(Continuação do Apêndice B)

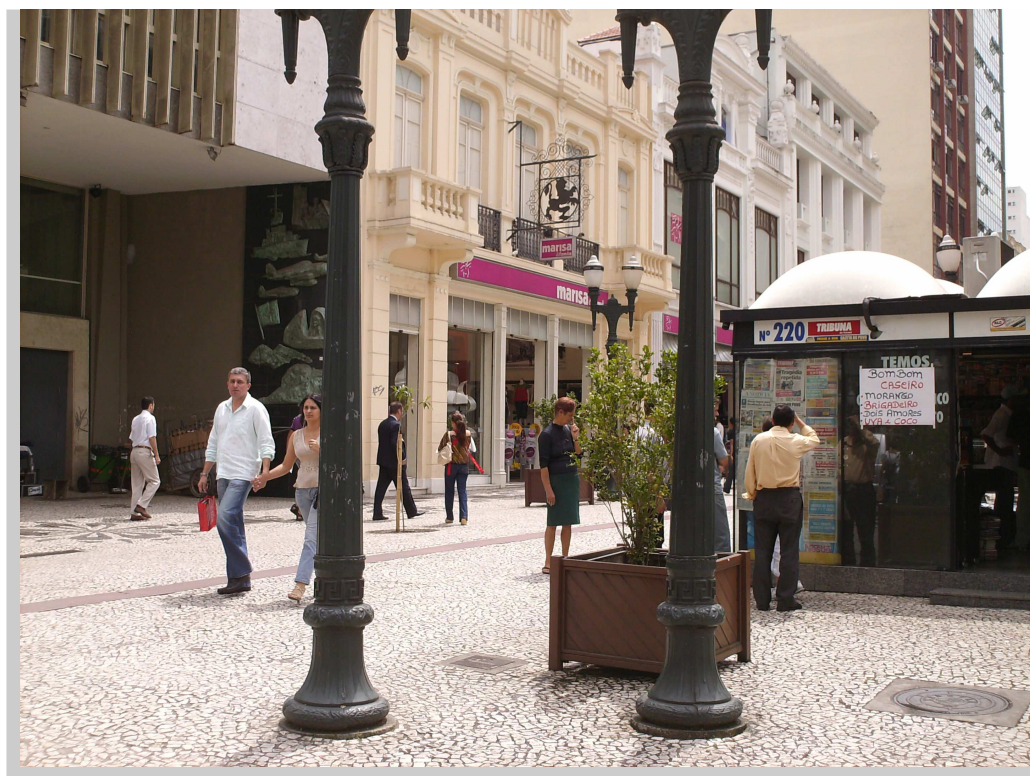


Foto 4 da Rua XV de Novembro

(Continua)

(Continuação do Apêndice B)



Foto 5 da Rua XV de Novembro

(Continua)

(Continuação do Apêndice B)



Foto 6 da Rua XV de Novembro

(Continua)

(Continuação do Apêndice B)

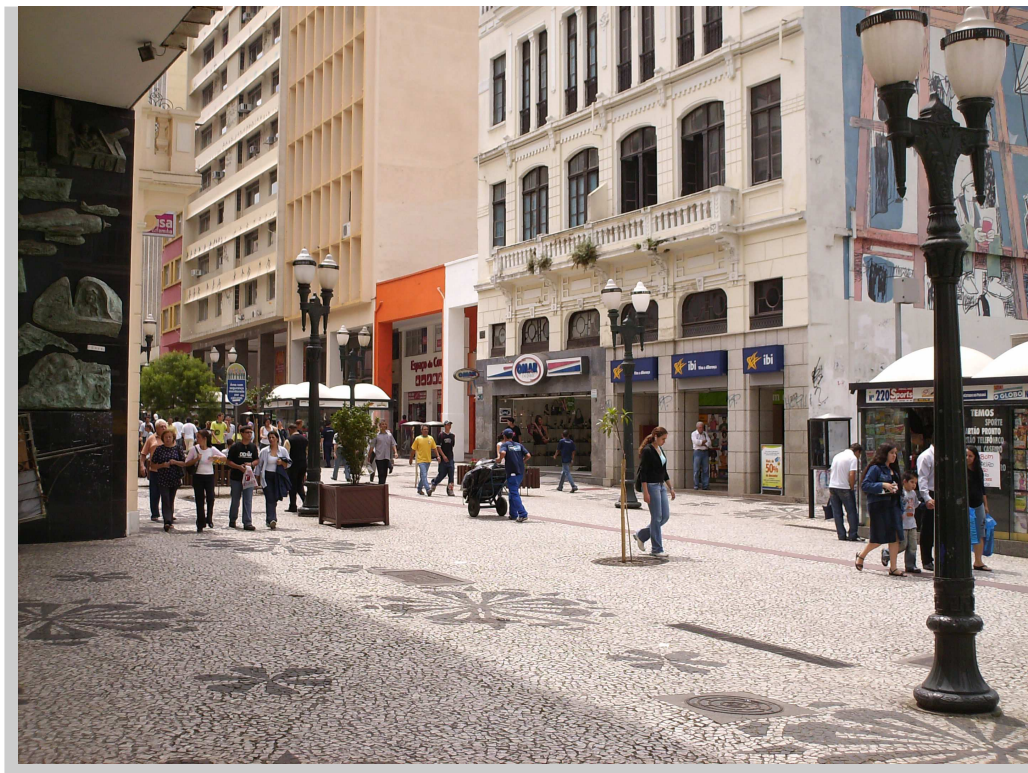


Foto 7 da Rua XV de Novembro

(Continua)

(Continuação do Apêndice B)



Foto 8 da Rua XV de Novembro

(Continua)

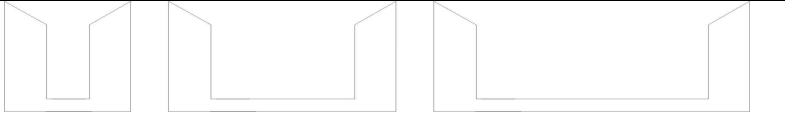
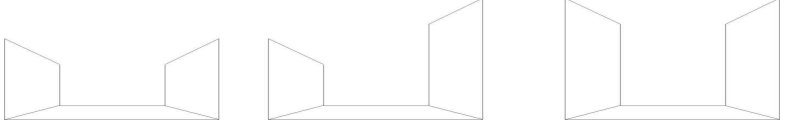
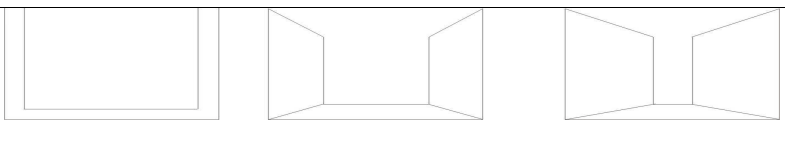
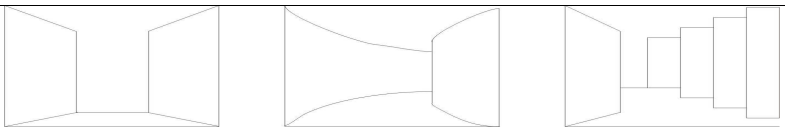
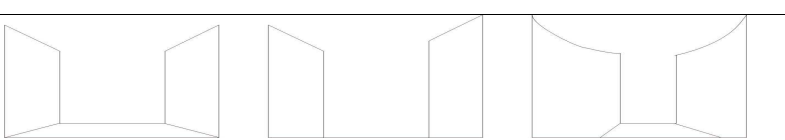
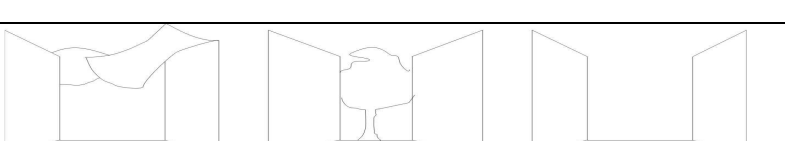
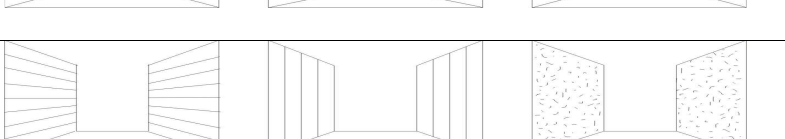
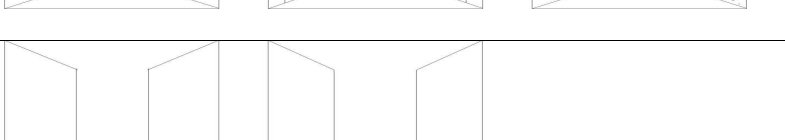
(Continuação do Apêndice B)

Favor assinalar, em cada linha, a figura que mais se aproxima da configuração do espaço em questão.



(Continua)

(Continuação do Apêndice B)

LARGURA	
ALTURA	
PROFUNDIDADE	
DIREÇÃO	
DESNÍVEL	
FECHAMENTO	
PAREDES	
PISOS	

APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO PARA ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DO
ESPAÇO DA RUA XV DE NOVENBRO POR USUÁRIOS

Nome:

Para que você utiliza este espaço?


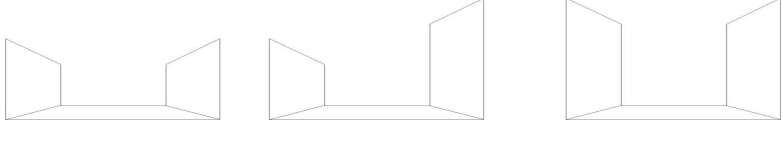
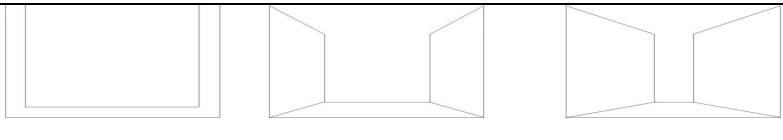
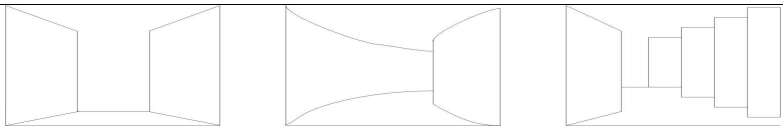
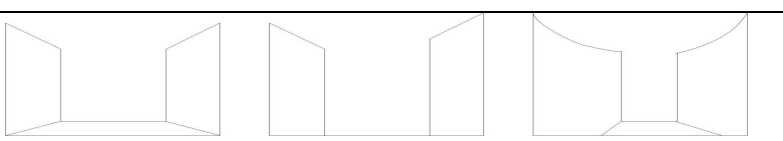
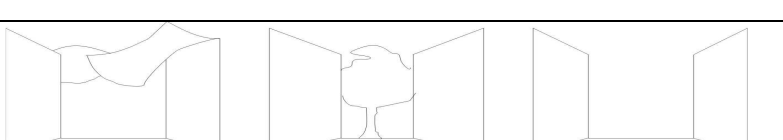
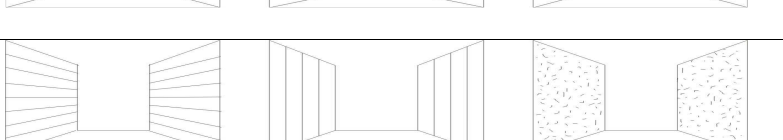
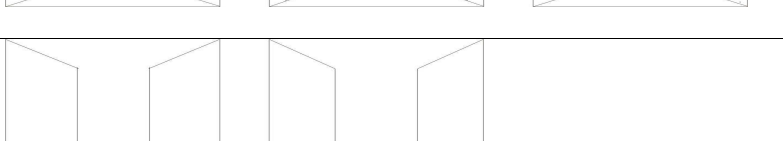
Qual a principal sensação positiva que este espaço lhe transmite?

Qual a principal sensação negativa que este espaço lhe transmite?

(Continua)

(Continuação do Apêndice C)

Favor assinalar, em cada linha, a figura que mais se aproxima da configuração do espaço em questão.

LARGURA	
ALTURA	
PROFUNDIDADE	
DIREÇÃO	
DESNÍVEL	
FECHAMENTO	
PAREDES	
PISOS	

APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO PARA ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DE DIRETRIZES PROJETUAIS DO ESPAÇO DA PRAÇA OSÓRIO

ANÁLISE DE DIRETRIZES PROJETUAIS DE ESPAÇOS ABERTOS URBANOS DO CENTRO DE CURITIBA

Nome: _____

PRAÇA OSÓRIO

Conhece o local? _____

Caso a resposta seja negativa, não é preciso preencher o questionário.

Há quanto tempo está formado? _____

Qual a sua principal área de atuação? (Assinale apenas uma alternativa)

() Arquitetura

() Paisagismo

() Urbanismo

() Patrimônio

() Outro (Qual? _____)



Fonte: elaborado com base em Google Earth (2007).

Nota:

■ Vértices

■ Limite

Escala gráfica
10 metros



Planta com indicação das fotos da Praça Osório

(Continua)

(Continuação do Apêndice D)



Foto 1 da Praça Osório

(Continua)

(Continuação do Apêndice D)



Foto 2 da Praça Osório

(Continua)

(Continuação do Apêndice D)



Foto 3 da Praça Osório

(Continua)

(Continuação do Apêndice D)



Foto 4 da Praça Osório

(Continua)

(Continuação do Apêndice D)



Foto 5 da Praça Osório

(Continua)

(Continuação do Apêndice D)



Foto 6 da Praça Osório

(Continua)

(Continuação do Apêndice D)



Foto 7 da Praça Osório

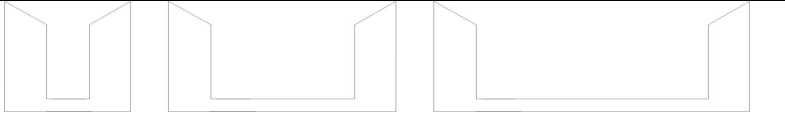
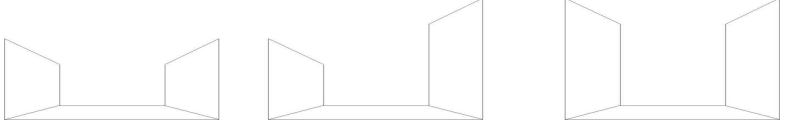
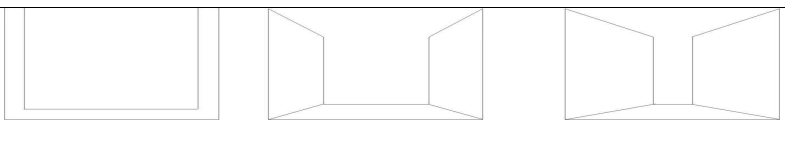
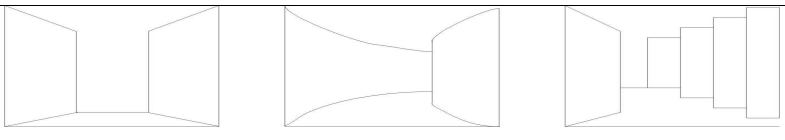
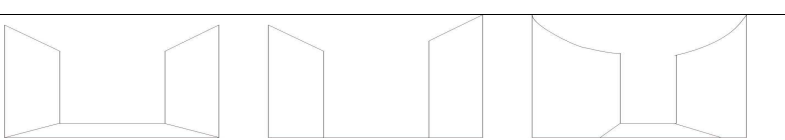
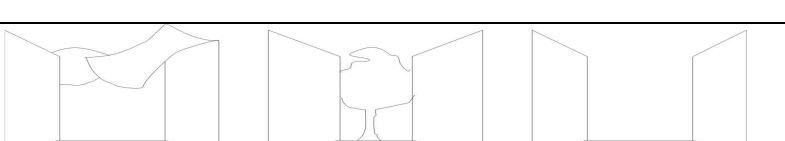
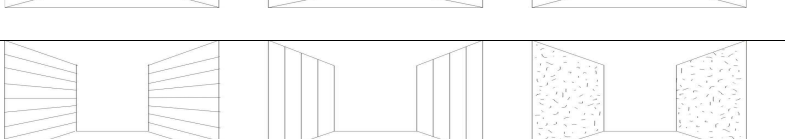
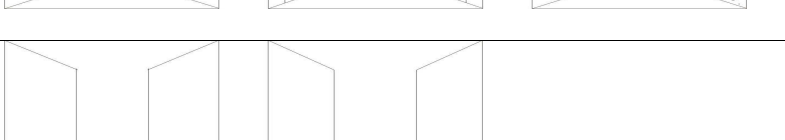
(Continua)

(Continuação do Apêndice D)

Favor assinalar, em cada linha, a figura que mais se aproxima da configuração do espaço em questão.

(Continua)

(Continuação do Apêndice D)

LARGURA	
ALTURA	
PROFUNDIDADE	
DIREÇÃO	
DESNÍVEL	
FECHAMENTO	
PAREDES	
PISOS	

APÊNDICE E – QUESTIONÁRIO PARA ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DO
ESPAÇO DA PRAÇA OSÓRIO POR USUÁRIOS

Nome:

Para que você utiliza este espaço?

Qual a principal sensação positiva que este espaço lhe transmite?

Qual a principal sensação negativa que este espaço lhe transmite?

(Continua)

(Continuação do Apêndice E)

Favor assinalar, em cada linha, a figura que mais se aproxima da configuração do espaço em questão.

LARGURA	
ALTURA	
PROFUNDIDADE	
DIREÇÃO	
DESNÍVEL	
FECHAMENTO	
PAREDES	
PISOS	

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)